

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA PROF-FILO

MARCEL FLENIK SANTOS

**A FILOSOFIA COMO OLHAR CONTEMPLATIVO: UMA PROPOSTA FRENTE À
SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA**

UNIÃO DA VITÓRIA

2019

MARCEL FLENIK SANTOS

**A FILOSOFIA COMO OLHAR CONTEMPLATIVO: UMA PROPOSTA
FRENTE À SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA**

Dissertação apresentada para o Programa de Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO, da Universidade Estadual do Paraná, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof^a Dra. Renata Tavares Noyama

UNIÃO DA VITÓRIA

2019

Dedico esta dissertação aos estudantes com quem convivo e que constituem o propósito do ofício de professor da rede pública de ensino do Estado do Paraná; a todo o corpo docente e colegas de classe do Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO; a minha família; aos membros da banca por suas preciosas observações; em especial a Prof^a Dra. Renata Tavares Noyama, por estar sempre disposta a realmente auxiliar em minhas dificuldades e limitações, promovendo o aprendizado do saber filosófico, com dedicação e paciência.

RESUMO

O presente trabalho preocupa-se com a ideia paradoxal presente no âmbito da transparência virtual, principalmente dos dispositivos móveis, que impactam direto no modo de vida dos estudantes do ensino médio. Ao vivenciar essa característica, pode-se constatar que a utilização dos dispositivos móveis, bem como seu impacto na vida cotidiana, apresenta características positivas de versatilidade para a comunicação, bem como traz problemas que não são percebidos de forma imediata. O pensador germano-coreano Byung-Chul Han denuncia os efeitos negativos advindos da transparência virtual, mas, mesmo se constatando tais ameaças, seria inútil estabelecer um abandono ou meramente demonizar sua utilização. O ensino de filosofia pode contribuir para que os estudantes compreendam esses efeitos negativos no mundo atual, ao perceber a existência de tal paradoxo, utilizando as sensações e a reflexão para aprimorarem-se a si próprios, promovendo uma vida subjetiva e coletiva melhor.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Paradoxo. Tecnologia. Dispositivos móveis. Transparência.

ABSTRACT

The present work is concerned with a paradoxical idea in the scope of virtual transparency, mainly from mobile devices that directly affect the way of life of high school students. When experiencing this characteristic, it is verified that the use of mobile devices, as well as their impact on daily life, has positive characteristics in terms of the versatility for communication, but brings problems that are not immediately perceived. The Korean-German thinker Byung-Chul Han complains the negative effects arising from virtual transparency, but even perceiving such threats it would be useless to establish an abandonment or merely demonize its use. The teaching of philosophy can contribute to the students' understanding regarding these negative effects in today's world, realizing the existence of such paradox using sensations and reflection to improve themselves promoting a better subjective and collective life.

Keywords: Teaching. Philosophy. Paradox. Technology. Mobile devices. Transparency.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

S237f Santos, Marcel Flenik
A filosofia como olhar contemplativo: uma proposta à frente da
transparência / Marcel Flenik Santos.– União da Vitória: Unespar, 2019.
vii, 127 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de
União da Vitória, Programa de Pós-Graduação em Filosofia.
Orientadora: Profa. Dra. Renata Tavares Noyama;
Banca examinadora: Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo, Prof. Dr. Samon
Noyama.

Bibliografia

1. Educação. 2. Filosofia. 3. Paradoxo. 4. Tecnologia. 5. Dispositivos
Móveis. 6. Transparência. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em
Filosofia.

CDD 20. ed. 107

Ata da defesa de dissertação de mestrado

Aos 25 dias do mês de abril do ano de 2019, às 14h:00min nas dependências da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos (as) professores (as): Renata Tavares Noyama (Orientadora), Rafael Haddock-Lobo e Samon Noyama, a fim de arguirem o(a) mestrando(a) Marcel Flenik Santos sobre a apresentação da dissertação intitulada: “A filosofia como olhar contemplativo: uma proposta frente a sociedade da transparência”. A sessão foi aberta pelo presidente e orientador, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa:

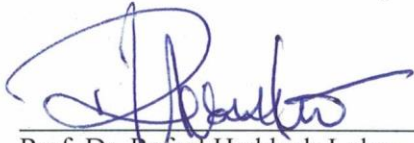
Aprovado. () Reprovado.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16 h 30 dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. O(a) candidato(a) está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do programa.

Banca Examinadora:



Profª. Dra. Renata Tavares Noyama – Unespar – Presidente e orientadora



Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo – UFRJ – Membro Externo



Prof. Dr. Samon Noyama – Unespar – Membro do Programa

Candidato (a):



União da Vitória, 25 de abril de 2019.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A SUBJETIVIDADE EM FORMAÇÃO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO	12
1.1 CARACTERIZAÇÃO E FUNÇÃO DA PESQUISA	12
1.2 O CONCEITO DE SUBJETIVIDADE	13
1.3 HAN E A TRANSPARÊNCIA	17
1.4 HAN E O CANSAÇO	23
1.5 O ENSINO DE FILOSOFIA NA INSTITUIÇÃO DISCIPLINAR DA ESCOLA.....	28
1.6 O QUE É APRENDIZAGEM?	31
1.7 O CONHECIMENTO E O CONHECIMENTO NA ESCOLA.....	32
2 SOBRE A VIOLÊNCIA	37
2.1 DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA	37
2.2 VIOLÊNCIA COMO CARÁTER SAGRADO NA PRÉ-HISTÓRIA E NO MUNDO ANTIGO.....	38
2.3 ESCOLA E VIOLÊNCIA	41
2.4 VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO DESCRITA POR HAN.....	45
2.5 PSICOPOLÍTICA: AS RELAÇÕES HUMANAS POR MEIO DO VIRTUAL	55
3 UMA PROPOSTA DE EXPERIÊNCIA DE REFLEXÃO A PARTIR DO TRABALHO COM FOTOGRAFIA	67
3.1 DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE.....	69
3.2 JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA.....	76
3.3 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	82
3.4 REFLEXÕES SOBRE A TECNOLOGIA DE COMUNICAÇÃO E A VIDA DOS ESTUDANTES	92
3.4.1 O contexto da transparência que conduz ao cansaço.....	92
3.4.2 O uso de dispositivos móveis na instituição escolar	94
3.4.3 O que os estudantes necessitam saber?.....	95
3.4.4. Onde e como aplicar as tecnologias?.....	96
3.4.5 Tempo e Transparência	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	108
ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO NO GOOGLE DOCS E RESULTADOS NA FORMA DE GRÁFICO	110

INTRODUÇÃO

A técnica e a tecnologia sempre se manifestam na história sob a forma de possibilitar explicações de fenômenos na interação entre ser humano e natureza. A questão atual é de que surgem reflexões filosóficas que demonstram impactos negativos, tanto da técnica quanto da tecnologia, afetando o cotidiano das subjetividades e que podem facilmente ser caracterizadas como formas de violência.

O intento do presente trabalho é demonstrar que existe um paradoxo no ambiente da transparência virtual, que se mostra como a principal tecnologia atualmente. A manifestação das tecnologias de comunicação se configura como o setor de maior “progresso” no presente século.

O senso comum compreende os avanços tecnológicos meramente como uma visão otimista, percebendo apenas benefícios proporcionados por eles. Byung-Chul Han, em seus escritos, possibilita uma visão *fáustica*, demonstrando inúmeros impactos negativos que a transparência causa sobre as subjetividades. Os impactos negativos são advindos da transparência virtual, que ocorre nas relações cotidianas, e são pouco perceptíveis em um instante imediato.

O fenômeno da transparência, de acordo com Han, inter-relaciona-se com conceitos de violência, pois os sujeitos por exigência de rendimentos e performances se autoviolentam, e como consequência há o resultado de uma série de transtornos que afetam o corpo biológico e reações emocionais. Essa característica da violência presente na condição humana e nos processos produtivos como ações no mundo não surgiu de forma espontânea, foi-se delineando desde os primórdios da humanidade, mas tornou-se acentuada com a crença calvinista de encontrar a salvação da alma, por meio do trabalho disciplinado e a busca do sucesso. Ao longo do tempo, a ideia de salvação da alma, por meio do trabalho, foi gerando acúmulo de *capital* e desvinculou-se do caráter do sagrado e do religioso. Han (2016) demonstra no ensaio “Aroma do Tempo”, que o acúmulo de *capital* teve início com um ideal sagrado/religioso, que contribuiu para a formatação do capitalismo atual:

Um calvinista confronta-se com a incerteza acerca da sua condição de eleito ou réprobo. Deste modo, o indivíduo remetido para si próprio é dominado pelo medo, por uma preocupação constante por agir. Só o sucesso no trabalho pode ser entendido como um sinal de se fazer parte dos eleitos. A preocupação com a salvação transforma o indivíduo em trabalhador. (HAN, 2016, p.107).

Atualmente, o acúmulo de capital fez surgir grandes corporações, que subjagam os sujeitos sob formas de trabalho vinculados à transparência virtual e, nesse cenário, os *novos eleitos* conformam-se e adaptam-se ao contexto atual na forma de exigências de hiperconectividade. Han (2016, p.113) também explica:

A sociologia da religião de Max Weber passa por alto a dimensão lógica do seu poder. A relação causal e a reciprocidade entre trabalho, capital, poder, dominação e redenção é extremamente intrincada. A economia da salvação e o poder econômico estão entrelaçados.

Na atual conjuntura, ficou alterada a percepção de tempo nos sujeitos, em que todos os instantes tornaram-se *flashes*, por meio de câmeras e brilho intenso de displays e monitores. Também ficaram alteradas as relações de alteridade, pois o contato se dá somente por meio do âmbito virtual. Frente a essa constatação, o conceito de sujeito, que demandou grandes esforços filosóficos na tradição de pensamento da modernidade, encontra-se comprometido e fragilizado. No conceito de sujeito, inclui-se a noção de vida coletiva e de relações políticas, pois o *outro* é impossível de se acessar em sua totalidade. Com esse conceito de sujeito que habita em coletividade, fica questionável o conceito de *amor*, pois o objeto dessa emoção é a ideia de desejo do ente que se objetiva e se esvai no fluxo de consciência. Portanto o conceito de amor pressupõe uma atopia, na qual o objeto ou ser amado é a correspondência com ideias e sensações que necessitam de constatações vivas na realidade física.

A realidade individual frente à transparência não é mais verdadeira, considerando que as postagens em redes sociais demonstram apenas momentos de prazer e felicidade, ou seja, tornou-se um grande palco de exposição via intensidade de luz dos displays e monitores. Na assimetria de relações cotidianas entre *o falso* e *verdadeiro*, *o falso* sempre se manifesta de forma clara e evidente, já o conceito de *verdadeiro* constitui-se como uma vaga ideia, na qual é necessário se desprender *tempo com aroma* (conceito de Han), para ser compreendido por meio da reflexão filosófica.

Diante desse palco da mesmice, presente na transparência, há uma preferência da informação que, na maioria, constitui a *shitstorm* sobre a formação, afirmando-se que o ambiente da transparência compara-se ao zumbido de um enxame de insetos. Portanto a transparência virtual se apresenta como “prato cheio” para a ilusão e a mentira.

Todo processo educativo subjaz uma formação política dos sujeitos. Tal conceito, em nossos dias, encontra-se comprometido, uma vez que ideologias e preferências políticas requerem o conceito de liberdade. Na configuração atual da transparência, o conceito de política transmutou-se em uma psicopolítica, na qual os sujeitos são manipulados pelo *big data*, que se

apropriada e utiliza de dados individuais, entregues de forma voluntária para alimentar ideias de consumo material, bem como da indústria cultural, e que permitem a previsibilidade do sujeito, que não mais admira e contempla com os olhos físicos e com o entendimento a realidade.

No interior da instituição disciplinar que é a escola, verifica-se grande importância do caráter burocrático do ensino, no que diz respeito à aplicação de avaliações e metas para o cumprimento de conteúdos. Esse fato expressa o ideal de educação personificado pelo professor, enquanto que o *entretenimento* e o *brincar* expressam o ideal de educação para os estudantes. Diante da hipótese de que os estudantes não possuem a noção dos impactos negativos do fenômeno da transparência que conduz ao cansaço, o presente trabalho buscará frente ao excesso de positividade da transparência, possibilitar sensações de fruição, utilizando celulares para captar imagens dos conceitos solicitados em classe e descrevê-los sob a forma de legendas.

Foi realizada uma pesquisa por meio de questionários, com os estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Astolpho Macedo Souza, na qual se percebeu que existe consciência de que a utilização da internet pode ser perigosa. Outro objetivo dessa pesquisa foi o de comprovar se realmente os jovens se encontram conectados à rede por longos períodos de tempo e também constatar como os estudantes manifestam suas sensações no ambiente da transparência virtual, principalmente na utilização de redes sociais.

Byung-Chul Han, pensador coreano radicado na Alemanha, em seus textos mostra a existência de efeitos negativos que ocorrem no ambiente virtual. Porém, os usuários da internet não conseguem admitir uma vida dissociada dessa nova tecnologia. Caso fosse estabelecido um decreto ou lei para se banir o uso da internet ou de apenas diminuir seu uso, essa pretensão seria uma grande utopia, beirando a estupidez. Frente à realidade da hiperconectividade, percebe-se que os estudantes do Ensino Médio possuem inúmeros desafios no interior da instituição disciplinar que é a escola, sendo um dos mais urgentes o desenvolvimento e apropriação da língua portuguesa, para expressar sensações e conjecturas na demonstração de aprendizados, atividade de extrema importância para a continuidade dos estudos em âmbito universitário.

Pelo fato de se constatar que é mais difícil e entediante para os estudantes realizarem produção textual sobre temas sugeridos por todas as disciplinas, a opção pelo trabalho com imagens, utilizando celulares, foi um estímulo para vincular uma exigência da aula de filosofia com o interesse dos estudantes, possibilitando a eles tornarem-se protagonistas, realizando interposição do olhar para a captura do que foi exigido, oportunizando-os a conjecturar imagens de pensamento, não sendo meros receptores de conteúdo.

Parece ser óbvio incluir no papel da educação atual a orientação aos estudantes sobre o valor que se deve dar às tecnologias (principalmente a virtual) e a separação da esfera individual, que não deve ser exposta na transparência (o cuidado da preservação da privacidade). Está incluída na tarefa docente a realização dessas orientações. O ensino de filosofia pode contribuir para a tarefa educativa pensando na formação do estudante, tornando-o um questionador dos problemas vinculados à transparência, auxiliando-o a ser consciente de seus procedimentos e consequências, tendo um pensamento criativo e não pautando sua existência no ritmo aceleradíssimo da atualidade, na qual a transparência tudo regula, define e legitima. Nesse cenário em que se vive quase que exclusivamente no perceptível concreto, não existe uma facilidade para a geração de questões reflexivas de construção de compreensão.

O aspecto humano de *perguntar*, de buscar sentido, fica sufocado na torrente de informações do mundo atual, impossibilitando reflexões. Com o fenômeno da transparência, as imagens são mais importantes do que o conteúdo e as relações mediadas pelos recursos tecnológicos predominam sobre o diálogo direto com o *outro*. O ensino de filosofia pode contribuir para fomentar as reflexões, levando os estudantes a terem metas que sejam próprias, e não da sociedade, a não serem limitados à *película*, a sentir a beleza das coisas encontrando significados para suas vidas. Será que a transparência virtual se constitui única e exclusivamente como sucesso e ideal de progresso?

1 A SUBJETIVIDADE EM FORMAÇÃO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

1.1 CARACTERIZAÇÃO E FUNÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho tem o objetivo de propor aos estudantes do Ensino Médio do Colégio Astolpho Macedo Souza e Colégio Estadual Neusa Domit um enfoque estético na busca de uma reflexão sobre as relações entre a alteridade e o mundo, frente à positividade gerada pelo uso excessivo das tecnologias digitais, que se impõem, na contemporaneidade, como forma predominante na relação Homem /Mundo.

O autor utilizado como base de referencial teórico é Byung-Chul Han, que explicita que vivemos uma era em que o excesso de conectividade da *World Wide Web*, gerou uma nova visão de mundo pautada nas relações transparentes entre sujeitos por meio de redes sociais, produção de marketing para consumo, relações entre organizações etc.

O impacto gerado pela transparência conduz a civilização global para novas formas de violência e barbárie. A violência não é apenas compreendida como ação exteriorizada contra um sujeito singular ou grupo, mas, sim, é uma forma de agressão em que o sujeito violenta-se a si próprio, em uma dimensão neuronal e psíquica que causa níveis de esgotamento de si próprio, seja pela exigência de desempenho, seja pelo excesso de informações e funções por meio da multitarefa.

A reflexão filosófica é essencial para compreender os contrastes que são consequência das rupturas e permanências no mundo atual e se mostra como uma alternativa para auxiliar os jovens do Ensino Médio a exercitarem novas posturas de resistência e trato com a vida, frente aos impactos nocivos da transparência e do cansaço.

Os sujeitos da Educação Básica são os mais vulneráveis frente ao paradigma da transparência e do cansaço, pois compreendem apenas a faceta que possibilita prazer, pois o uso da tecnologia, por meio da rede de internet, oportuniza a ausência de relações humanas reais e certo conforto derivado disso. Nessas relações virtuais existe ausência da dor física, ausência de valores no trato com pessoas idosas (conflito entre gerações), existe falta de percepção sobre a finitude humana (juventude que não sabe como lidar com a morte, seja em âmbito de prospecção própria individual ou a perda de entes queridos). O conceito de multitarefa se faz perceptível nas gerações mais jovens, uma vez que se encontram conectadas à internet e passam uma grande parcela do tempo de lazer na disputa em jogos eletrônicos, ouvindo música e conversando com amigos simultaneamente. Percebe-se que a juventude possui uma capacidade incrível de domínio de funções dos dispositivos móveis: eis o

diagnóstico nocivo do impacto da transparência que conduz essas subjetividades ao cansaço, uma vez que os estudantes demonstram grande dificuldade em estabelecer nexos e inferências sobre as formas de conhecimentos exigidos no currículo escolar.

Han, no texto *Sociedade da Transparência*, citando Baudrillard, diz que a “transparência” é em última instância a “total promiscuidade do olhar com aquilo que ele vê” (HAN, 2017b, p.36), ou seja, a violência causada pelo excesso de luminosidade das imagens e informações tornaram os sujeitos superficiais com visível ausência de olhares contemplativos para com a realidade.

1.2 O CONCEITO DE SUBJETIVIDADE

Percebe-se que ao longo da História do pensamento ocidental se desenvolveram várias possibilidades para descrever o sujeito singular como agente problematizador da realidade na condição humana. Na antiguidade grega, mais especificamente no período pré-socrático, a investigação sobre a *arkhé da physis* conduziu os pensadores desse período (racionalidade subjetiva) para um pensar originário pelo princípio de todas as coisas e o problema da permanência e da mutabilidade. O questionamento enfrentado pelo exercício do pensar foi a constatação de que a transitoriedade dos entes é algo impossível de se impedir. Será que é possível existir algo que continue imutável diante do fluxo de transformações? Emblemático disso é o conflito entre Parmênides, que afirmava ser possível um “descobrimento indicando algo que os gregos experimentam como a essência de verdade e como uma suspensão e cancelamento do encobrimento” (HEIDEGGER, 2008, p.30) e Heráclito que propunha ser o *Devir* uma forma particular de mudança absoluta e substancial. O embate permanecerá insolúvel até Platão propor uma resposta, por meio do idealismo, em que tanto o *Devir* quanto o *Ser* são dimensões do intelecto humano.

No período medieval, o conflito entre Fé e Razão foi a tônica das discussões filosóficas para se solucionar problemas de ordem epistemológica, mas foi no período moderno, com a questão para se explicar as fontes, o método e a extensão do que vem a ser a legitimidade do conhecimento, que se reconheceu o sujeito como fundamento para a busca de explicações.

O período moderno caracterizou-se por contrapor-se ao período medieval em muitas áreas do conhecimento, pois as transformações ocorriam no campo da política com a formação dos Estados modernos. A publicação de livros não mais em latim, mas nas línguas nacionais, utilizando a tecnologia da prensa criada por Gutenberg, tendo como resultado a disseminação

do conhecimento em uma maior escala, foram fatores que possibilitaram rompimentos com a tradição medieval.

É possível trazer à baila reflexões sobre o conceito de sujeito, pois por mais fragmentado que possa estar configurado no cenário filosófico atual, pode ser fonte de compreensão para questões que se manifestam na contemporaneidade.

Refletir sobre o conceito de sujeito fomenta o exercício do filosofar, pois os pressupostos das ciências positivas contemporâneas configuram como o paradigma predominante que “tudo” se explica, colocando-se ampla ênfase na relação entre sujeito e objeto por meio da técnica.

É relevante fazer-se a diferenciação no emprego do conceito de sujeito, conforme se vê no dicionário Abbagnano: “uma primeira compreensão é que sujeito é quem desempenha uma ação, indicado numa sentença; num segundo enfoque que é de natureza filosófica o conceito de sujeito diz respeito como princípio determinante do mundo do conhecimento como capacidade autônoma de relações e iniciativas opostas a passividade dos objetos”. (ABBAGNANO, 1960, p.896).

No período moderno, o conceito de sujeito se tornou um fundamento para a reflexão de muitos pensadores que se ocuparam da reflexão filosófica. A nova fundamentação de sujeito, no período moderno, encontra-se em oposição aos indivíduos da cultura grega, bem como o sujeito singular do período medieval, que se compreendia por meio de uma cultura metafísica, que veio no esteio de Platão e Aristóteles.

A modernidade consolidou as filosofias do sujeito, conceito que serviu de fundamento para a reflexão, bem como impactou de maneira marcante toda a forma de vida do período contemporâneo. O contexto moderno encontrará como base explicativa das transformações não mais a racionalidade mítica ou a vontade divina, mas, sim, o sujeito que atua diretamente no mundo, com o uso de seu intelecto e vontade própria como agentes transformadores da realidade.

Descartes informava em seu método que a capacidade de raciocinar é igual em todas as pessoas, portanto não há a necessidade de se depender de uma autoridade, cada sujeito pode individualmente obter conhecimento utilizando sua própria capacidade racional. O filósofo francês apresenta a formulação explícita do conceito de sujeito como pensamento:

[...] *cogitatio*, substancialmente distinto da extensão, esta entendida como corporeidade constituindo o conceito de *res extensa*. Esse momento no pensamento moderno se torna inovador, pois o “*Eu*” tem a experiência do pensamento em primeira pessoa, ao proferir “eu penso”, não dá lugar a uma interpretação da subjetividade em

sua atividade, a subjetividade é compreendida sob o modo de uma coisa: “eu penso” isto é eu participo da substância pensante. (THOUARD, 2004, p.109).

Esse marco do pensamento filosófico inaugura o conceito de sujeito, que, em sua nova forma, opõe-se à noção dos gregos de subjetividade, ou melhor, da impossibilidade de se falar em subjetividade na cultura Grega. O que havia era a narrativa mítica de *Psiché* para expressar a individualidade e o caráter de se encontrar vivo em oposição ao estar morto no submundo de *Hades*, e da noção medieval, na qual as individualidades provinham da criação divina.

Houve um embate entre racionalistas e empiristas na teoria do conhecimento, no período moderno, em que ambas as correntes de pensamento valiam-se do conceito de sujeito para justificar e teorizar a respeito de como se dava a construção do conhecimento nos indivíduos. A corrente racionalista alegava que o princípio central se dava pelo intelecto/razão, enquanto os empiristas centravam suas teorias na utilização dos sentidos.

A solução para as questões epistemológicas do período moderno é encontrada no pensamento filosófico de Kant: a síntese necessária para conceituar o que é e quem é o sujeito, que se tornará fundamento para as relações humanas e do sujeito com o mundo.

Kant nos apresentará uma hipótese, a saber: de que é possível que existam conhecimentos *a priori*, que em sua terminologia significa: conhecimentos que independem de toda e qualquer experiência. Porém, Kant não fará tal hipótese a partir da negação da tese empirista, segundo a qual todo conhecimento começa com a experiência.

Na obra *Crítica da Razão Pura*, Kant propõe a questão de como são possíveis os juízos sintéticos *a priori* na matemática e na física, para verificar se a metafísica pode ser possível como ciência. O filósofo vai se valer de uma nova terminologia para o conceito de transcendental, que assumirá a conotação estrita de condição de possibilidade do conhecimento de todo e qualquer sujeito humano.

Os questionamentos sobre os fundamentos do conhecimento humano vão perdurar por todo o período moderno, mas será no início do século XX que Sigmund Freud vai propor uma abordagem revolucionária, desenvolvida a partir de suas relações com seus pacientes e que será capaz de ressignificar a relação entre sujeito e objeto. Uma dificuldade encontrada por Freud foi encontrar alguma certeza nos casos patológicos, pois o paciente poderia estar fantasiando, delirando ou mesmo querendo enganar o médico terapeuta de forma intencional.

Quando se tenta encontrar o vínculo entre a relação entre sujeito e mundo externo (ou objetos) é necessário delinear quais seriam os critérios para saber se a realidade realmente é um dado ou é fruto do aparelho psíquico.

A psicanálise freudiana aborda com uma nova perspectiva a realidade externa aos sujeitos, tal como era teorizada pelos pensadores modernos; essa nova forma de se compreender a realidade foi a contribuição da psicanálise mostrando que todas as representações passam pelo caráter do desejo.

Diferente do sujeito kantiano que possui autonomia para legislar para si próprio, o sujeito, na visão da psicanálise, viverá um conflito entre as instâncias do desejo subjetivo (que são inconscientes) e as proibições coletivas que são instituídas para garantir a existência do que se chama civilização.

Deve-se à psicanálise freudiana a formulação da estrutura do psiquismo humano em instâncias que são denominadas de *ego* (a parte consciente do eu), *id* (a parte inconsciente, na qual se armazena toda energia psíquica dos sujeitos) e *superego* (a herança coletiva que constituem as proibições sociais).

A psicanálise freudiana, ao estabelecer as instâncias do psiquismo, possibilita uma grande contribuição com a descoberta do inconsciente, que trata das pulsões que se encontram fortemente ligadas à libido e à busca de satisfação de desejos primários e na agressividade primária. Essa descoberta abalou todas as crenças racionalistas das concepções científicas e filosóficas, que enalteciam o poder que o homem teria de controlar os desejos e se tornar o centro de suas próprias decisões.

Quando se fazem questionamentos acerca da moral, destaca-se a contradição que angustia o ser humano: ao mesmo tempo em que a moral é o conjunto de regras (leis), que determina como deve ser o comportamento dos indivíduos no grupo, também é a livre e consciente aceitação dessas regras e normas.

Porém, a psicanálise freudiana mostra o quanto o *ego* é pressionado por conflitos entre as forças pulsionais (vindas do *id*) e as regras sociais (introjetadas pelo *superego*), e nessa situação nem sempre o sujeito pode agir equilibradamente. Para que haja a moral, é necessária a existência de autonomia e se sabe que a repressão dos impulsos gera comportamento distante da autonomia. A reflexão que suscita a leitura dos questionamentos freudianos é acerca dos indivíduos convivendo em sociedade, em que não se é permitido dar vazão ao que se bem entende, pois se isso acontecesse estariam comprometidos os acordos da vida social.

Assim, a psicanálise freudiana pretende mostrar que a fonte de mal-estar e o grande inimigo do sujeito estão naquilo que é mais familiar e mais estranho a ele mesmo - a pulsão de destruição - não se deve considerar que sua posição é apenas pessimista, é mais do que isso: é trágica.

Todavia, deve-se fazer a ressalva: seria preciso afastar de uma posição trágica qualquer elemento de dor ou de amargura, pois esses ainda indicariam a suposição de um ideal negativo que não atinge sucesso.

A posição trágica não é resignada ou ressentida: ela implica no esvaziamento dos ideais e, em decorrência, dos imperativos, das "palavras de ordem", impossíveis de serem, de fato, cumprida, impossibilidade que não levaria a outra coisa senão à intensificação da culpa.

Na tentativa de escapar da vida tal como a encontramos semelhante a um trabalho de Sísifo repleta de sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis, não podemos dispensar medidas paliativas:

[...] existem três medidas, que nos fazem extrair luz de nossa própria desgraça; satisfação substitutiva, substâncias tóxicas que nos tornam insensíveis. Voltaire tinha substitutivos em mente quando terminou o escrito *Cândido* com o conselho de cultivarmos nosso próprio jardim, a atividade científica também constitui um derivativo dessa espécie. As satisfações substitutivas, tal como as oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psicologicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental. (THEODORE FONTANE, citado por FREUD, 1997, p.22-23).

Ao aceitar as definições de sujeito propostas pela psicanálise freudiana, compreende-se que cada ser humano, independente do gênero, vive um intenso conflito entre as pulsões internas advindas do inconsciente e as restrições que são impostas por meio da moral coletiva. Portanto, os processos mentais inconscientes são capazes de agir na vida psíquica, passando de uma instância de desejo ou pulsão inconsciente para algo que seja dinâmico, material/concreto ou virtual.

1.3 HAN E A TRANSPARÊNCIA

Na obra *Sociedade da Transparência*, Byung-Chul Han (2017b) demonstra como a sociedade moderna era pautada por um pensamento dual, dialético, que reconhecia a negatividade e as contradições. Na transição para o período contemporâneo, essa característica será substituída pelo conceito de transparência, que vem de certo modo excluindo a negatividade, responsável pela oposição de ideias, conflitos, contradição e ocultamento. Com isso, segundo o autor citado, a sociedade se torna extremamente positiva, torna-se uma sociedade que faz desaparecer o “outro” como alteridade, pois a transparência elimina toda e qualquer forma de diferença, ou seja, tudo o que é estranho. Se existe somente o igual, não há como existir o conflito.

O imperativo da transparência tem a pretensão de banir a contradição para que a realidade possa fluir sem dificuldade e sem obstáculos e obviamente sem diferenças, portanto se trata de uma realidade em que há a pretensão do aumento de prospecção para se prever ações, costumes e resultados: e essa marca inaugura um novo marco temporal no século XXI.

A conjuntura atual se encontra presente na perspectiva de um tempo transparente e essa conjuntura, por sua vez, anula toda e qualquer forma de oposição compreendida como negatividade que venha a se tornar um obstáculo ao tempo presente. Sem os obstáculos de um passado e sem preocupações com um futuro, tal perspectiva possibilita visões transparentes. Essas imagens traduzem-se em perspectivas cada vez mais transparentes, hiper-reais, que possibilitam uma exacerbação do real, tal como pode se constatar pela tecnologia digital. Han, citando Roland Barthes, diz que a imagem possui duas classificações: o que é o evidente (constatável, o real em si mesmo) e a imagem (que impacta e traz recordações). Porém, a imagem transparente se hipervisualiza sem nada ocultar e se torna superior à capacidade perceptiva humana. Pelo fato de a imagem estar completamente desnuda, não se pressupõe que seja necessário o tempo de admiração e contemplação, fatos imprescindíveis para se perceber sutilezas do que está à mostra.

A hiper-realidade, que não é a realidade, configura-se como puro espetáculo, que somente pode suscitar no observador as rápidas sensações de gostar (*like*) ou não gostar (*dislike*). Portanto a imagem transparente não possui temporalidade e se caracteriza como um puro presente, e devido a essa manifestação se decreta o fim dos momentos contemplativos, pois basta apenas uma rápida visualização para se captar o que se encontra à mostra em caráter explícito.

Ainda no pensamento de Byung-Chul Han (2017b), a humanidade passa para uma era em que a visão se torna rápida e fugaz, pois a sociedade da transparência é uma sociedade da exposição e que pode ser transformada em mercadoria. As coisas transparentes que são sempre uniformes, com repetições uniformes e similares e sem diferenças se configuram como plataformas iguais, com pequenas diferenças para possibilitar o consumo. Nessa conjuntura, o capital torna-se a maior via igualitária para todos os sujeitos na sociedade da transparência: a única distinção que existe é a de preços.

A uniformidade das mercadorias, tendo apenas diferença de preços, é um reflexo de uma sociedade que se pretende uniforme com ausência de profundidade e de transcendência. Han (2017b) mostra que, na realidade, essa tendência se compara com o inferno do *igual*, em que uma sociedade vive junto, conectada pelo universo virtual, mas não se encontra unida, ou seja,

há uma ausência de ideais ou moral que sejam coletivas; trata-se de uma pluralidade de indivíduos separados.

Na sociedade atual, em que vive a imagem transparente, também se dá a linguagem transparente e quando se faz a pergunta *o que é a linguagem*, obtém-se como resposta que ela é um conjunto de narrações, tramas que exigem o domínio simbólico e formal para poder ser utilizada. A língua transparente não se configura como narrativa, mas, sim, como uso da palavra meramente operativa-informativa, não possibilitando uma reflexão, tornando-se, desse modo, um mero acúmulo de dados.

Cabe lembrar mais uma característica do mundo atual, o sistema do *big data*, pois toda e qualquer operação realizada em um computador conectado com a internet constitui o “Grande Banco de Dados”. Esse acúmulo de dados em alta velocidade não pode ser comparado com uma narrativa, pois não é constituída por uma estrutura de início, meio e fim.

A linguagem transparente é uma neolíngua, que constitui o modo de comunicação da juventude que se encontra presente, principalmente no espaço escolar. O repertório linguístico dos jovens, nessa era da transparência, é constituído por memes, áudios, GIFS.

A neolíngua da transparência se configura por ser objetiva, indubitável, por esse motivo torna-se plana, rasa, meramente operativa, sem encanto e ambivalência. A língua transparente é utilizada por pessoas transparentes e a existência desse tipo de pessoas faz a formatação de uma sociedade também transparente. Nessa realidade não pode ser possível a existência de sujeitos não transparentes. O problema levantado pela psicanálise freudiana é justamente que o sujeito não é transparente nem consigo próprio (no conflito de suas instâncias psíquicas), muito menos na relação com o outro. Pois a existência de um lado inconsciente é a prova de sua impossibilidade de transparência, não dotada de interioridade, intimidade, segredos, ou seja, de modo geral, sem máscaras.

O termo *máscara*, do latim *persona*, é o que constitui o conceito de sujeito descrito pela psicanálise como aquele que vive em conflitos entre suas pulsões e as exigências da vida coletiva. Para Byung-Chul Han (2017b), as pessoas transparentes possuem amores transparentes, percebidos superficialmente, como prazer, felicidade e gozo, e que fazem desaparecer por completo a negatividade da dor, ausência e privação. Então, o conceito de amor se encontra mascarado em nossos dias, e os sujeitos desconhecem a possibilidade de haver negatividade nos relacionamentos, que são ocultados na era da transparência.

No âmbito estético, permanece em voga o que se denominou no século XX de Indústria Cultural, que apresenta inúmeras manifestações do amor de forma indolor, meramente positiva e dotada apenas de felicidade. Essa manifestação de amor se traduz em prazer previsível de

final feliz, ou seja, é a conciliação perfeita entre amor e consumo. Diante de tal constatação se faz a pergunta: *é possível um amor transparente?*

É de consenso que o amor é dotado de uma tensão que necessita ser vivificada a cada momento de crise e contradição. Paradoxalmente, na sociedade da transparência se prega a ideia de confiança que, por sua vez, oscila entre o saber e o não saber, pois se pode conhecer características negativas do ente amado e ignorá-las; mas em nome da transparência se anula aspectos negativos e o dilema encontrado é justamente a pretensão de se conhecer o todo de uma subjetividade amada. Novamente se depara com outro aspecto paradoxal, pois na sociedade da transparência impera a desconfiança que deveria estar pautada sob o aspecto da confiança, por exemplo, em e-mails duvidosos, avalanches de propagandas de ofertas em que se realizou uma compra de utensílios. Sabe-se que a pretensão é de se acumular dados que podem ser acessados a qualquer momento, sem nenhuma narratividade, pois é destituída de causa e consequência. Por isso, nesse modelo, teme-se algumas informações e, portanto, as memórias que são colhidas como banco de dados devem ser somente dotadas de positividade, pois a não memória e a ausência de transparência são portas abertas para a reflexão.

A sociedade transparente exige a existência de uma política transparente, mas o estudo da reflexão política demonstra que é um jogo de estratégia, ocultamento e segredos, fazendo surgir outra questão: *como se faz política banindo toda a negatividade que está imbuída em tal relação?*

A política transparente é a antipolítica, apolítica, que se torna uma mera atividade de gestão, em que se procura manter o que já existe e se renuncia à transformação e à mudança, isso porque estas só podem ocorrer a partir da ideia de conflito e contradição. Tal modelo de política transparente restringe-se a pequenas contribuições que resultam nos modelos: *like* e *dislike*, concordo parcialmente, discordo ou concordo. No modelo social da política da transparência se vive a ausência de uma ideologia política que sirva de impulso e manutenção de aspectos políticos tradicionais. Tudo acaba se tornando um exercício de opiniões e banalização da vida.

Transparência e verdade não são sinônimos, pois para cada um dos conceitos há um dado contrário que pode se expressar. Para o termo *transparência* se cria sua antítese que é o obliterado ou ofuscado, e para o termo *verdadeiro* se cria sua antítese, que é o *falso* ou o *errôneo*.

A ausência dos termos *obliterado* ou *ofuscado* não garante necessariamente a transparência real/efetiva. Mediante a transparência, as coisas se tornam claras (literalmente no sentido de brilho intenso por meio do uso de telas ou displays tecnológicos). As redes sociais

possuem essa característica de transparência sobre as personalidades, como o *Facebook*, mas que, no entanto, torna-se uma transparência superficial.

Os sujeitos deixam de ser singularidades específicas para se tornarem algo exposto. A luz da transparência irradia as subjetividades tornando-as pura exposição obscena, até chegar ao ponto de fazer a singularidade desaparecer.

Todas as subjetividades transparentes buscam o prazer supremo que torna-se absoluto. A questão que cabe para esse momento é: no que constitui o prazer constante a todo o instante? Han, na obra “Aroma do Tempo” (p.16), cita Nietzsche que afirma que o prazer reside na aparência, mas que torna-se o oposto da transparência, pois o prazer que se encontra na transparência faz parte de uma máscara difícil de se compreender, porque se encontra ausente a característica de ausência de fantasia, sem sedução, sem imaginação, sem segredos e sem sombras. Se todas as características acima se encontram excluídas por causa do aspecto da transparência, então o verbo e as atitudes que restaram são somente um sujeito que assume um papel de eficiência performática de um imperativo do rendimento.

Ainda é importante destacar que, na sociedade da transparência, o erotismo desaparece e tudo se torna uma positividade inquestionável; o erotismo possui uma dimensão entre o visível e o invisível, entre o exposto e o oculto. Ele se configura por mostrar algo que se encontra encoberto e é algo que se torna hipervisível; transforma-se em uma exposição do íntimo e se torna perceptível nos múltiplos perfis subjetivos que se manifestam no *Facebook*.

Nesse cenário de transparência coletiva, o caráter privado cede lugar ao público, no qual surge o mercado da intimidade, que escapa ao aspecto teatral e artístico, perpassando para uma etapa de mercado de consumo. Isso demonstra a sociedade da transparência dotada de narcisismo, habitada por sujeitos narcisistas, que publicam suas vidas privadas, expõem suas informações na rede com a intenção de encontrar uma maior proximidade, ampliando a vizinhança.

O aspecto público se converte em publicado, exposto por sua vez na rede. Esse fato só nos oferece como finalidade o que nos traz gosto e gerará prazer. Valoriza-se o mundo do igual, que gera o inferno do igual. Mas é preciso lembrar que somos caracterizados pela diversidade, contrariedades e, portanto, seria uma antítese a igualdade completa, despojada de toda a diferença. Este mundo, em nenhum momento pode se encontrar despojado de toda a diferença. Essa sociedade da intimidade transparente é uma sociedade da aceleração, que, quando não tem limites sem rugosidade e obstáculos, acelera. Han (2017b), no texto que ora se estuda, concebe uma diferença entre vivência e experiência, em que a vivência seria um encontro com a positividade consigo mesmo, caracterizando um encontro consigo mesmo, um sujeito que é

protagonista sempre só. Já o que configura o aspecto da experiência seria um encontro com o “outro”, sendo transformador e de crescimento, um caminho aberto para trocas intersubjetivas. A sociedade da transparência nega a obscuridade da luz, pois essa dualidade entre luminosidade e obscuridade permite a reflexão entre nuances, matizes e tramas, permite visualizar o secreto, as insinuações, as hierarquias, as diferenças. O contraste marcado entre a luminosidade e obscuridade geram sensações e percepções tal como os habitantes do mundo do interior da caverna platônica: se for considerada a retirada do personagem da obscuridade e um dos “habitantes fosse retirado à força e fosse obrigado a explicar o mundo exterior, não poderia compreender nada, pois somente sobraria luz, e por um momento o prisioneiro teria a visão ofuscada, porque não seria meramente uma radiação que permite ver com maior claridade, a luz intensa contemplada em um primeiro instante causaria a cegueira que impossibilita ver e compreender as formas e transformaria tudo em uma positividade.

O século XX, de acordo com Foucault (2014) em seus estudos sobre Jeremy Bentham, configurou-se como o século do *panopticum*, no qual uns poucos vigiavam e controlavam uns muitos por meio do olhar punitivo. No século XXI, as instituições que desempenham punições por meio do aspecto do *panopticum* cederam lugar para o controle por meio de dispositivos móveis, tais como grupos de *WhatsApp*, *Facebook*. Nesses dispositivos todos colaboram e se expressam por meio do controle digital, sem o aspecto coercitivo, e é uma vigilância recíproca, no qual se vigia e se é vigiado. Essa constatação compromete a ideia de liberdade, pois o sujeito se sente livre sem na realidade sê-lo.

Na atual sociedade da transparência, todos os sujeitos são classificados por rendimentos e considerados a partir dessa definição. Para se desempenhar atividades laborais na era do “enxame” digital, os sujeitos se autoexploram por meio da sensação de pseudoliberalidade, sendo possível verificar em muitas propagandas de cursos, na mídia televisiva e internet, um número elevado de anúncios que valorizam o empreendedorismo. Nesse contexto, os sujeitos que possuem funções em organizações são o grande modelo de sujeito pós-moderno, a serem imitados e valorizados. Esse modelo de pessoa é solicitado para relações comerciais, educacionais, empresariais, etc.

Na sociedade da transparência não existe uma esfera interna e outra externa, tal como foi a criação de espaços concebida pela civilização grega, em que havia a esfera pública e a esfera privada. Na conjectura da transparência, reconhece-se apenas um ambiente interno construído por uma grande acumulação de informações e que por meio disso somos controlados. A questão que se coloca é que sem a presença de exterioridade não se é possível questionar e refletir sobre o aspecto interior e aqui podemos nos comparar a peixes que vivem

no interior de um aquário. Se esse tráfego de informações digitais se constitui como uma única realidade possível, não existindo nada mais além dessa possibilidade, torna-se o mundo e a vida uma via única de acesso: isso é o que Han chama de sociedade da transparência (2017b).

1.4 HAN E O CANSAÇO

Não há dúvida que a superioridade humana reside no “saber” cujo legado só foi possível por meio do desenvolvimento e da transmissão de linguagens, a técnica é a essência desse saber. Byung-Chul Han (2017a) promove uma nova leitura de configuração do período contemporâneo com o intento de demonstrar que o excesso de transparência promovido pelas tecnologias e dispositivos digitais sobrecarregam os indivíduos a tal ponto com demasiada carga de informações, que torna-se uma forma de violência, podendo ser comparada com um estado de barbárie.

Ao se deter diante de tal análise, Han (2017a) possibilitou a compreensão de muitos fenômenos que vinham sendo explicados de maneira isolada em especificidade por áreas de conhecimento fragmentadas, mas que devem possuir a especificidade de serem analisadas transversalmente para se obter uma compreensão maior de totalidade frente aos fenômenos que se apresentam à nossa época, que se pode designar como imunológica.

As reflexões de Byung-Chul Han partem de constatações que são percebidas como diagnósticos do século XXI, conceituando o “sujeito” pós-moderno como alguém que vive na constante transparência de um mundo virtual ofertado por dispositivos móveis. Esse sujeito pós-moderno tornou-se esgotado e doentio por falta de descanso, pois se autoflagela com excesso de informações e de desempenho, que são exigidos e demonstrados por meio dos dispositivos móveis de tecnologia.

A busca por informações em mais de um veículo, por meio do mundo virtual, não possibilita um caráter contemplativo da realidade e está conduzindo a civilização para algo catastrófico e que simboliza uma nova topologia de violência que deixa de ser o estranho ou o *alter* e passou a ser o próprio sujeito vítima e algoz do processo de sofrimento.

O processo de transparência é o caráter de sociedades positivas que conseguiram extirpar toda e qualquer negatividade “da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho”. (HAN, 2017a, p. 11.).

O modo de funcionamento da sociedade da transparência é o *multitasking*, que se revela como sendo algo empobrecedor do processo de conhecimento, pois não estamos realizando muitas coisas ao mesmo tempo, mas, sim, desperdiçando nossa atenção para o aspecto volátil da informação que nos mantém conectados, provocando algo de patológico no sujeito, pois o fato de estar com a atenção conectada constantemente provoca o estado de vigia que é o esgotamento do intelecto, tal característica impede outras formas de manifestações humanas, como a arte, a literatura, a poesia.

Em nosso contexto de transparência, substituímos as grandes narrativas mitopoéticas, que demandavam reflexão e possibilitavam ao sujeito um entendimento frente às adversidades do destino humano, pelo conforto e a segurança presente no âmbito virtual.

Han para demonstrar a negatividade do caráter positivo da transparência cita modelos teóricos de utilização de poder e violência em estruturas sociais. Os teóricos selecionados foram Foucault, que descreve uma sociedade disciplinar que se manifesta em instituições, tais como hospitais, presídios, hospícios, escolas quartéis, a sociedade da transparência do século XXI configura-se não mais como disciplinar, mas como sendo uma sociedade de desempenho. Já para Baudrillard, os sujeitos da contemporaneidade vivem o processo de violência causado pela hiperinformação, não mais desenvolvem atividades produtivas por de sanções e temor de um gerente, diretor ou pedagogo que cobra desempenho. O novo paradigma da violência é internalizado pelo excesso de informações, em que o próprio sujeito se torna vítima e algoz em níveis neuronais do próprio comportamento.

Tempos de carestia, a preocupação está voltada para a absorção e assimilação. Em épocas de superabundância, o problema volta-se mais para a rejeição e a expulsão. A comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa. (HAN, 2017a, p. 15).

Ambos teóricos mencionados por Han demonstram modelos de conhecimento e formatação mental em seus respectivos períodos. Foucault com a sociedade disciplinar e Baudrillard com a sociedade em que tudo se multiplica em caráter viral. Ambos são refutados para expor que a configuração atual se compara com o neuronal, em que as patologias virais foram substituídas por algo causado do sujeito para o próprio sujeito como uma forma de violência, chegando-se à exaustão pelo excesso do mesmo, em que todas as manifestações tornam-se virais, que vão para todos os lugares, o que pode ser chamado de um excesso do mesmo e de positividade.

O caráter neuronal manifesta-se em patologias contemporâneas, tais como as síndromes de transtorno de déficit de atenção, transtorno de personalidade limítrofe, síndrome de Burnout, hiperatividade e a depressão, doenças neuronais que levam o sujeito a um esgotamento de si e são comparadas a uma atomização social, em que os sujeitos pós-modernos encontram-se diante do imperativo de obedecer a si mesmos, sem a negatividade de agentes externos que não mais afligem coerções, pois estas tornaram o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna.

O paradigma viral do século XX foi substituído pelo paradigma neuronal que causa a indiferença por causa da positividade do mesmo extingue a estranheza diante das diferenças de alteridade, pois as diferenças não espantam mais e torna-se algo indiferente.

É uma constatação que em ambiente coletivo a diferença se tornou apenas o exótico, no qual o *tourist* viaja para visitá-lo. A configuração global, na era dominada por organizações transnacionais, é que o turista viaja para novos espaços geográficos para ver novas culturas, mas não consegue se desvencilhar de marcas, alimentos (*fast food*), trajes etc. Ou seja, permanece em sua positividade e a aldeia global transformou-se em um mesmo, enquanto a real finalidade de se conhecer um novo espaço geográfico seria justamente o de se perceber a alteridade da estranheza, o que constituiria uma nova forma de conhecimento e reconfiguração de visão de mundo subjetiva.

Fenômenos globais de conflitos armados que provocam ondas de refugiados de guerras, como na Síria, em 2018, ou de catástrofes ambientais, como ocorreu no em Porto Príncipe no Haiti, em 2010, provocaram deslocamentos populacionais para novos territórios, no caso da Síria, que chegam a Europa, e, no Brasil, os haitianos. Esse cenário não causa mais estranhamento e espanto, pelo contrário: há a indiferença, a tomada de elementos simbólicos e característicos da referida cultura que está fragilizada, serve para se fazer “pose” ou “moda”, ou seja, torna-se igual. Han adverte esse posicionamento explicando que “a violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do *igual*”. (HAN, 2017a, p.15).

A postura comportamental pós-moderna de eliminar as diferenças entre as alteridades provoca uma obesidade do que é conhecido como o mesmo e torna-se positividade. Esse fenômeno de indiferença das alteridades comparado com a violência neuronal provoca o terror da imanência e a violência da positividade torna-se algo saturante, não sendo excludente, mas, sim, exaustivo, não sendo perceptível de maneira direta.

Quanto à organização estrutural na forma de instituições, já não se vive mais as categorias foucaultianas, ou seja, aquelas em que se vivia de acordo com uma pulverização do

poder entre as instituições disciplinares. Os espaços públicos foram substituídos pela academia “aspecto *fitness*” de desempenho, os aeroportos, prédios de vidro e aço das grandes corporações, estações de metrô, laboratórios, shopping centers, também são exemplos de organizações estruturais que simbolizam a sociedade de desempenho.

A sociedade disciplinar foucaultiana possuía certo grau de negatividade, de acordo com Han (2017b, p.36). Houve uma transição do modelo de sujeitos da obediência para sujeitos do desempenho. Em decorrência dessa manifestação as patologias mais cotidianas são o superaquecimento do ego por múltiplas funções, e se a sociedade disciplinar gerava loucos, transgressores do caráter negativo que personificava o poder organizacional estrutural. Hoje, esse *Poder* da positividade se caracteriza por produzir sujeitos que são fracassados, depressivos, dispersos, superestimulados.

Essa comprovação é resultado da observação do processo de produção de *Bens*, bem como de toda e qualquer forma de produtividade, pois o lema da positividade do *Poder* é muito mais eficiente do que a negatividade do *Dever*, mas mesmo que haja o excesso da positividade do caráter produtivo subjaz a sociedade da obediência, pois não pode existir desempenho para sujeitos que não se enquadram em aparatos disciplinares.

Os lamentos dos sujeitos depressivos na sociedade da transparência e do desempenho são de que “nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível”. (HAN, 2017a, p. 29). Diante dessa situação, os sujeitos de desempenho se encontram submissos apenas a si mesmos e ao seu labor constituinte de sua própria doença ou estado mental.

A reflexão elaborada ao que tange aos novos paradigmas de configuração de sujeito e de sociedade prova que o conceito de liberdade vai passar a ser compreendido em uma nova acepção, que é contrária a concepção de liberdade para os sujeitos do período moderno, pois a queda da instância dominadora não leva à liberdade, mas faz com que liberdade e coação coincidam.

A liberdade coercitiva ou a livre coerção para maximizar o desempenho transforma-se em uma autoexploração, que se torna muito mais eficiente que uma exploração do outro. A autoexploração configura-se no espaço do *home office*, no qual o sujeito *animal laborans* torna-se agressor e vítima de si mesmo, esquivando-se de esquemas imunológicos, nos quais o desempenho se torna o não mais poder que gera uma autoacusação destrutiva, que é a personalidade depressiva.

Diante do excesso e potência da positividade, o sujeito depressivo se autodestrói por não conseguir responder a autonomia do Eu e de Si Mesmo, que se torna inválido em uma guerra internalizada, causada pelo excesso de positividade, que repercute não em um indivíduo

específico, mas em toda uma sociedade que se encontra sintomática e não consegue desvelar o agente que provoca a causa dos transtornos depressivos de esgotamento.

O conceito de liberdade tornou-se paradoxal, pois a maximização do desempenho no espaço do *home office* e a constante conectividade com dispositivos móveis servem na realidade para fazer os sujeitos serem mais produtivos, a partir de determinados discursos de setores específicos da sociedade, que procuram demonstrar a máxima excelência na prestação de serviços *online* para dotar de ego relações capilares, que constituem a positividade de nossa era.

O excesso de positividade torna a sociedade pós-moderna conectada constantemente em uma representação de um progresso civilizatório, demonstrando o desempenho das subjetividades, o que é, de fato, comparada com um estágio bestial, na medida em que animais em estado selvagem estão constantemente com atenção indispensável para poder sobreviver.

Animais conectados em multitarefa encontram-se fixados não em um caráter existencial, mas lutam por sobrevivência apenas, pois não conseguem a profundidade de um mergulho contemplativo, que se torna distinto da hiperatenção da multitarefa.

A civilização ocidental possui baixa tolerância frente ao tédio e não consegue admitir o tédio como fonte criadora para um processo criativo, pois esse posicionamento de estar desviando o foco em múltiplos afazeres entre diversas fontes informativas não possibilita a busca de uma preocupação pelo bem viver.

É importante que existam momentos de descanso espiritual que possibilitam a renovação da escuta diante da pura inquietação, pois esta não traz novidade apenas acelera o já existente. Han, no ensaio “Sociedade do Cansaço”, lembra que em nossa comunidade ativa é possível detectar o ego hiperativo com a atenção rasa comparada com um jogo virtual, em que a atenção se encontra fora da realidade concreta e dividida com um *touchscreen*, com uma conversa *online*. Diante desse espectro negativo, também é possível perceber a capacidade para a atenção profunda, em que o ego hiperativo não tem acesso.

Após a constatação de dois modos distintos de se perceber o mundo, fica evidente que é possível inserir um andamento ou alternância no modo de percepção, pois: “no andar quando tomado por um profundo tédio e este se transponha o passo do correr e este por sua vez para o passo da dança... que com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente do princípio do desempenho”. (HAN, 2017a, p.35).

Assim, ao compreender que existe a atitude contemplativa profunda, o autor citado faz uma crítica à aplicação dos conceitos *Vita Activa* e *Vita Contemplativa* desenvolvidos na obra *A Condição Humana*, de Hannah Arendt, que aborda o aspecto do agir como sendo a via para a transformação. Porém, o enfoque dado por Hannah Arendt é o de que a ação possui aspecto

fundamental para a transformação do mundo, sendo mais importante até mesmo que a contemplação.

A internet possibilitou a hipervalorização das subjetividades, porém esse caráter de autonomia não pode pressupor a liberdade para a não compreensão do outro (caráter do reconhecimento e convivência com alteridades distintas), que uma maior quantidade de informações não leva necessariamente à tomada de decisões mais acertadas.

Han, na obra “Sociedade da Transparência”, aponta que se faz necessário reconhecer “que há uma esfera positiva, produtiva da existência e coexistência humana que rege a legitimidade a coação por transparência que seria um novo iluminismo” (HAN, 2017b, p.16). Tal afirmação pode ser comparada com uma antítese da proposta kantiana de emancipação dos sujeitos, por meio da autonomia.

1.5 O ENSINO DE FILOSOFIA NA INSTITUIÇÃO DISCIPLINAR DA ESCOLA

Desde que a disciplina de Filosofia retornou para os currículos, tornando-se disciplina obrigatória, fez-se necessário para a o exercício da docência uma produção de material específico na área. Esse material é fundamental para subsidiar o ensino da disciplina em questão, pois os textos de apoio trazem explicitação dos principais conceitos, questões para reflexões gerais, possibilitando assim, a comparação da unidade de conhecimento que esteja sendo estudada com a realidade concreta, conforme exigências da Proposta Pedagógica Curricular dos estabelecimentos de ensino.

Pautando-se em comentários dos professores das demais disciplinas do Ensino Médio, pode-se observar que os professores não estão sensibilizados para a questão de correlacionar o que se estuda na escola com a realidade concreta. É difícil localizar onde se encontra a real problemática, mas pode-se inferir que faltou na formação dos professores uma análise dos modos de vida e respectivas culturas dos estudantes. O que ainda se vê na prática docente é o trabalho direto das unidades contidas no livro didático (tornando-se, desse modo, uma tendência conteudista). Também não se pode deixar fora de cena a questão de que os estudantes estão chegando ao Ensino Médio com defasagens de habilidades acadêmicas, sendo a mais notada a competência de interpretar e produzir textos.

Diante de tal configuração, em que se vê a existência de muitos desafios para o ensino, surge como uma problemática para a Escola o fato de necessitar conciliar o conhecimento teórico com a prática. É de interesse para a pesquisa científica acadêmica desenvolver suporte teórico reflexivo, que incentive a produção de conhecimento, visando a melhoria do exercício

do magistério, bem como produção e questionamentos de encaminhamentos metodológicos mais adequados para atingir os estudantes.

A Escola ainda tem como compreensão que basta o desenvolvimento (apresentação) dos conteúdos para que se efetive a aprendizagem e, conseqüentemente, efetive-se o conhecimento nos estudantes. Com essa visão, fica excluída a ideia de que os estudantes precisam elaborar correlações de ideias, sínteses, discussões com ideais antagônicas, isto é, experienciar o filosofar, para que realmente a aprendizagem ocorra.

No ensino da Filosofia, é fundamental provocar reflexões, debates, provocar o estudante para dar sua contribuição, fazer paralelos entre dois ou mais posicionamentos. A concepção de que o conhecimento se constrói somente pela exposição dialogada e de registros didáticos resumidos elaborados pelo professor é uma forma de lecionar que se encontra ultrapassada, justamente porque faltam as correlações com o aspecto empírico e de vivências. Portanto, existem múltiplos desafios para o Ensino Médio brasileiro e, particularmente, para o ensino de Filosofia. Uma questão central para melhor compreender o Ensino de Filosofia seria o de se pensar qual o estatuto da disciplina de Filosofia no Ensino Médio e com quais “ferramentas” pode-se legitimá-la?

Vale lembrar que é possível conceber o conceito de Filosofia vinculado com o processo de Educação, pois tanto um quanto outro são indissociáveis como prática humana. Muitos pensadores refletiram sobre ambos os conceitos e, portanto, é de primordial importância para a ética e o ofício de professores de Filosofia pensarem sobre a relação existente entre a Filosofia, a Educação e o Ensino.

A Filosofia, como conjunto de discursos antigos que se manifestam em nosso atual período como forma de conhecimento e disciplina específica, configura-se como “saber”, porém os saberes discursivos não podem ser tomados como verdades absolutas, pois se constituem como imagens e representações de um pretenso “verdadeiro”.

Os sujeitos de conhecimento são parte da História e possuem uma trajetória singular de existência, portanto toda proposta de “saberes/conhecimento/educação” que venha a ser desenvolvida deve ser construída a partir de uma perspectiva de coletividade e participação dos sujeitos, não sendo como uma mera formalidade de gabinete no interior de espaços de poder político, em que se tomam decisões sobre a Educação Pública.

É fundamental se questionar como os jovens formulam os “saberes”. Tentando responder a esse questionamento, surge uma demanda que pode ser preenchida em aulas de Filosofia. A faixa etária a que corresponde a juventude tem como característica a busca de suas próprias respostas questionando os modelos das gerações anteriores; a juventude contém

implicitamente um modo rebelde de questionar sobre a organização social, cultural e tem intensa busca de si mesmo. Os problemas, questões e argumentos dos jovens se tornam uma unidade epistêmica devendo fazer parte do currículo vivido e da proposta pedagógica curricular, que será formulada pelo professor de Filosofia. A maestria do professor consiste em unir essa demanda dos estudantes aos “saberes” legados pela tradição filosófica. Mas é fundamental questionar: - O que a Escola faz para valorizar esses saberes estudantis que se manifestam como questionamentos de vida?

As aulas de Filosofia podem se aproveitar dessas características juvenis como uma possibilidade para se estabelecer links de conhecimento entre os conteúdos vividos (expressos na vida prática de cada estudante) e os conteúdos formais que constituem o legado do conhecimento filosófico humano. Se os saberes e experiências dos sujeitos de conhecimento forem valorizados, existe a possibilidade de um maior êxito do docente em tornar a disciplina de Filosofia algo atrativo, formando-se um vínculo entre teoria/prática/ação (práxis).

O ensino de Filosofia pode ser comparado a um ato de resistência frente à massificação da estrutura escolar e da política estatal, que impacta no mundo da vida e nas ações individuais de professores e estudantes. O ensino de Filosofia, como resistência, não deve se subordinar a propostas educacionais realizadas por técnicos, que, na maioria das vezes, constituem-se em posturas totalitárias de um Estado que personifica o caminho absoluto dizendo por onde todos os cidadãos devem caminhar.

O ensino de Filosofia favorece o desenvolvimento da autonomia; e esta ocorre quando o professor se propõe a desenvolver um conteúdo reflexivo do legado cultural, transformando a dinâmica de sala de aula em novas práticas educativas que possam ser compartilhadas com os estudantes do Ensino Médio. Além de ser uma nova prática no exercício dos “saberes” no interior do espaço escolar, a Filosofia pode contribuir também para a reflexão sobre o que se entende por Educação.

Ao se refletir sobre o que é Educação, a Filosofia sempre estará presente, pois para cada período histórico, nas mais diversas culturas, a formação das novas gerações requer muitas perguntas cujas respostas só podem ser respondidas pela Filosofia. No processo de Educação, sempre haverá questões como: O que é conhecimento? Quais conteúdos selecionar para a Escola? Para qual finalidade se destinam esses conteúdos? Que tipo de moral deve possuir o cidadão que se está educando? Em quais campos de atuação profissional serão aplicados esses conhecimentos? A busca de respostas para as referidas questões constituem questões filosóficas.

Para se pensar Educação e Ensino de Filosofia, é importante conciliar o método com a mobilização para os “saberes”. Para a realização dessa ação metodológica, o conhecimento e os objetivos dos “saberes” não devem estar pautados na figura do professor. A ação mobilizadora para despertar o conhecimento deve ser a solidariedade entre professor e estudantes, buscando a problematização de temas geradores. Essa parceria com solidariedade vem minimizar a postura de teimosia e conflitos quase sempre presentes, característica dos jovens, podendo se criar espaços de reflexão e de ação, proporcionando condições para o ensino de Filosofia.

A ação/reflexão exige um compromisso entre iguais, de mãos dadas com os estudantes, para libertar-se e ser libertado. Portanto todo processo de Educação e de Ensino de Filosofia deve estar pautado na dialogicidade, pois pronunciar o mundo significa modificá-lo. Eis um possível encaminhamento para o docente se utilizar de suas leituras e estudos individuais para a realização de ações coletivas com os estudantes.

É fundamental também que na prática educativa exista a observação e reconhecimento da importância de investigação temática que devem existir. Possíveis conteúdos podem brotar de forma espontânea dos próprios estudantes e, por meio da investigação proposta pelo ensino de Filosofia, poderão se refletir no interior do espaço escolar.

Há questões concernentes ao mundo da cultura/ciência/política/tecnologia que preocupam os jovens e são importantes para sua formação, sendo necessárias nas abordagens em sala de aula.

1.6 O QUE É APRENDIZAGEM?

Aprendizagem deve ser a não “ensinança”, ela encontra-se em patamar mais elevado de significação, pois é um conceito que envolve discussões sobre “saberes”. Para que haja aprendizagem, essas discussões devem mediar todo o processo, para que o conceito de aprendizagem se delinear como ação de construção coletiva. Diz-se coletivo porque existem jogos de interesses múltiplos de questões entre professor e estudantes. O docente necessita de um “olhar pedagógico e filosófico” diferenciado na tentativa de “desprofessorar” o conhecimento teórico e suas possíveis implicações.

Com relação ao item Conhecimento, há que se dizer que ele não pode ficar pautado somente na autoridade do professor como detentor exclusivo do conteúdo. O primado da dialogicidade faz-se vital para haver condições de aprendizagem. Em aulas de Filosofia no Ensino Médio, não é possível haver a distinção entre ser Filósofo e ser Professor de Filosofia,

pois ambos são imprescindíveis para a jornada do “saber” filosófico, procurando novos caminhos para “perder-se e reencontrar-se” na *floresta* densa do tema que esteja sendo investigado com os estudantes. Vale lembrar que a metáfora do perder-se na floresta não significa estar despreparado diante do inédito; pelo contrário, simboliza o não ficar refém das macroestruturas que formatam e pré-determinam a maioria de ações educativas e que constitui o paradigma totalizante no espaço escolar.

Diante do que foi expresso surge a questão: como romper com os imperativos que estruturam o sistema de Ensino e submetem os agentes que promovem a Educação no interior do espaço escolar? Para responder tal questionamento, é importante ter em mente que todos os seres humanos trazem em si formatações simbólicas de instituições sociais mas, mesmo diante de dilemas pessoais, o educador deve promover uma pausa para tomada de fôlego, pois a esperança é que o pensamento pode servir como um ato de resistência frente à realidade política, burocrática e totalizante no espaço escolar. Por mais que haja as pré-determinações do sistema de ensino, é de grande valia e mérito descobrir oportunidades para fazer prosperar a caminhada na *floresta* entre os “saberes”. Para continuar ilustrando o fato, é importante refletir sobre o conceito grego de tempo *káirós*, que expressa um tempo oportuno para se agir frente à atividade de construção coletiva de conhecimento entre professor/filósofo e estudantes.

Para a efetivação de uma proposta de “saberes”, também é importante considerar outro grande fator auxiliador na ação docente, que é a busca imediata de questões que conferem interesses na relação entre estudantes e professores, pois com tal postura não haverá a discrepância entre o tempo cronológico do estudante com a meta e o objetivo do professor ao se realizar a investigação do pretendido “saber”.

1.7 O CONHECIMENTO E O CONHECIMENTO NA ESCOLA

Na história da humanidade, sempre houve uma preocupação com a transmissão do conhecimento construído pelas gerações. Fazendo o recorte de alguns períodos históricos, é possível encontrar algumas configurações para se compreender como se estruturou a Educação. No período grego clássico, a educação tornou-se relativizada pela ação dos Sofistas, pois se transformou em conteúdo venal, que era possível adquirir por um valor de compra. No período medieval, o conhecimento teórico e científico foi centralizado pela hegemonia da cristandade cujas instituições de conhecimento se encontravam em mosteiros e abadias. Foi somente na modernidade, após a Revolução Francesa, que as Escolas se tornaram algo mais difundido,

porém com interesses da classe burguesa que passa a impor sua visão de mundo e de demandas epistemológicas para as classes populares.

Esse modelo de escola burguesa chega até aos dias atuais e se encontra defasado exigindo mudanças, principalmente na segunda metade do século XX. Entre os questionamentos exigidos para uma escola democrática e atual é fundamental o questionamento sobre os “saberes” que formam o currículo escolar. É possível compreender que existe uma conexão entre os conceitos de: conhecimento, identidade e poder e, ao vislumbrar tal conexão, compreende-se que existe uma bifurcação entre os “saberes” subjetivos que são constituintes dos estudantes e os “saberes” objetivos que compõem a formação coletiva do espaço escolar. No percurso histórico, pode-se observar a predominância dos saberes determinados (conteúdos das disciplinas), sendo considerada como a única via para a formação humana, crítica e autônoma.

No contexto brasileiro de formação curricular, a disciplina de Filosofia esteve ausente durante longo período e, com o seu retorno no currículo escolar, pela Lei 11.648/08, essa disciplina passou a ser obrigatória e trouxe consigo inúmeros ataques de diferentes vertentes sobre sua legitimidade no âmbito escolar e até mesmo na academia. Diante da aparente falta de legitimidade e propósito, o Ensino de Filosofia pode se configurar como o “saber” que possibilita o reconhecimento dos sujeitos da educação básica por meio de consensos, da valorização dos “saberes” subjetivos dos estudantes e da busca de aprimoramento dos conceitos por meio da investigação coletiva, sendo possível o desenvolvimento individual dos estudantes, a partir de uma proposta de conhecimento, que seja uma possibilidade de saída da reprodução conteudista para o alcance de uma autonomia frente aos desafios da vida cotidiana.

É importante para desenvolvimento do Ensino de Filosofia se ter noção de onde se “pisa”, isto é, conhecer a realidade concreta e as culturas dos estudantes, para se trabalhar os “saberes” e desenvolver ações que promovam a história de vida dos alunos. As culturas dos estudantes caracterizam o espaço escolar e, ao se articular as histórias individuais, é possível se compreender esse coletivo para se propiciar o impulso de democratização de experiências, por meio da investigação filosófica, sem que esse saber seja caracterizado como algo monocultural, conhecimento exclusivo do docente e meramente como um conteúdo qualquer para ser apreendido.

O ensino de filosofia, ocorrendo de forma refletida e com objetivos claros, efetiva-se em um contexto cultural e toda história de vida individual já é experiência de memórias do local, onde se desenvolvem perspectivas para o ensino de filosofia. Pode ser uma preocupação inicial para o desenvolvimento de aulas de Filosofia o seguinte dilema: Ensinar a História da

Filosofia ou o instigar a pensar? Essa questão norteadora já é, em si mesma, filosófica, pois para se falar da importância da Filosofia para a formação humana sempre haverá a dificuldade para se tornar coerente com a multiplicidade de formas de pensar, tanto da chamada tradição filosófica quanto da concepção inicial que os estudantes já possuem.

Diante desse dilema, deve-se perguntar: como se utilizar dos clássicos, que se situam como tradição sólida, somado com a criação de metodologia para se ensinar a Filosofia? Como validar o trabalho e o pensamento durante o acontecimento das aulas de Filosofia? No espaço escolar, o ensino de Filosofia pode partir do saber subjetivo dos estudantes do Ensino Médio, relembando aspectos do não falado e do não dito, mas sempre destacando e demonstrando, no percurso, que existem diferenças entre o ensinar e o questionar, devendo-se partir da perspectiva da Filosofia na articulação com a história.

Esse saber demonstra que o ser humano só pode ser livre e satisfeito se simultaneamente todos forem livres e satisfeitos e se cada um reconhecer a liberdade e a satisfação do *outro*, como liberdade e como satisfação humana. Os dilemas continuam para o ensino de Filosofia, pois a própria tradição de pensamento e seu exercício se apresenta em constante transformação. Essa característica de reconhecimento e superação das contradições simbolizam a vida individual na existência coletiva dos estudantes. Vale destacar que teoria e prática não necessitam ser distintas, uma vez que a dúvida sempre é componente e incentivo para a cultura da prática filosófica.

No processo investigativo estabelecido como método, o ensino de Filosofia provoca o confronto com a incerteza, mas o esforço do docente reside em encontrar um ponto fixo para ancorar-se. No atual contexto, as escolas tradicionais, delimitadas por espaço físico e construção específica, encontram-se inseridas em um sistema de Educação que totalitariza o “saber” em uma estrutura hegemônica política e burocrática. Nessa situação se retiram alguns pontos positivos, como o caráter de ensino de filosofia como postura humanista desinteressada, como foi compreendida por muitos teóricos da Filosofia. Outro exemplo, para caracterizar o “saber” como algo desinteressado, é o estudo e o conhecimento das línguas mortas para se humanizar e refletir sobre a configuração do contexto atual. Com o advento das sociedades industriais, houve o declínio da escola na qual se cultivava os “saberes” humanísticos. O modelo de Escola desinteressada, a humanística, não deve se preocupar apenas com o “saber” profissional, portanto não deve haver uma separação entre os “saberes” intelectual e profissional.

No processo de construção de relações de conhecimento entre “saberes”, a proposta de uma escola unitária seria justamente o vínculo entre a teoria e a ação. A Escola que se almeja deve ser aquela em que se exercita como ação os conteúdos teóricos que foram estudados.

Em cada momento histórico de revolução política/social/de conhecimento, a Escola se viu envolvida no redemoinho das transformações e tomou para si o modelo de conhecimento que se pretendeu desenvolver. Em cada processo de transformação existem múltiplos enfoques no Ensino de Filosofia. A Escola sempre necessitou de disciplina intelectual (de esforço, atenção e docilidade), sendo uma tarefa desafiadora aos professores, o saber mobilizar os estudantes intelectualmente.

O professor de Filosofia, como ator racional, vivenciando situações e conceitos do mundo da vida dos estudantes, tem como “prato cheio” esse instrumental proposto pela tradição escolar para engajar-se na produção de “saberes” que constituirão uma cultura na formação de novas gerações. Os paradigmas atuais vão exigir novas posturas e novas metodologias do professor de Filosofia. Byung-Chul Han, na obra “*Sociedade da Transparência*”, trata de uma sociedade transparente que produz novas formas de violência, por meio da multitarefa e aborda também, o excesso de informações e conectividade que conduzem os sujeitos para a exaustão. Nesse contexto, o professor de Filosofia precisa considerar que os estudantes vivenciam essa problemática e, concomitantemente, precisam aprender a refletir sobre a conjuntura em que vivem. Ao ensinar Filosofia, o professor precisa considerar, não apenas os conteúdos meramente institucionalizados pela estrutura escolar, mas também o excesso do excesso da positividade virtual e o maior dano trazido pelo impacto da tecnologia que dificulta os relacionamentos reais.

Antes da exacerbação da cultura tecnológica, o professor vivenciava como desafios: a) uma aula de cinquenta minutos; b) a utilização do sistema burocrático de ensino; c) a necessidade de fazer uma “verdadeira mágica” para otimizar o propósito de reflexão; d) o imperativo em considerar que a estrutura educacional propõe metas e regras. A genialidade do professor sempre esteve em descobrir oportunidades, propor ações por meio de uma metodologia que conduza os estudantes a perceberem a diferença entre o pensar filosófico e o objeto de estudos de outras disciplinas.

Assim, o termo *cronos* não deve ser privilegiado pelo professor na seleção de autores e questões, pois é possível a aula de Filosofia tornar-se um mero conjunto de informações, sem a efetivação da reflexão de fato. Quando se afirma que *cronos* não deve ser privilegiado, não se quer dizer que o professor não deva estar bem seguro, com planejamento, evitando que aconteça

meramente a espontaneidade. A Filosofia não deve se tornar refém da objetivação específica da Escola, que é a apresentação de notas necessárias para o fechamento de um resultado final.

Existem muitas passagens na história do pensamento da tradição filosófica que podem ilustrar e demonstrar o que seja o Ensino de Filosofia e que caracteriza a busca incessante de conhecimento que se configura na própria Filosofia. Pode-se buscar essas passagens e utilizá-las como apoio docente para diferenciar o que é aprender e o que é ensinar. As situações da própria história da Filosofia são importantes, pois constituem a produção autêntica de conhecimento. O caminho constituído já existe, escrito na Filosofia; agora é necessário pensar o seu ensino: esse é o escopo do Mestrado Profissional em Filosofia.

2 SOBRE A VIOLÊNCIA

O conceito de violência encontra expressão no mundo sob as mais variadas formas: tráfico de armas e drogas, degradação do sistema penal, corrupção generalizada, violência doméstica contra crianças e mulheres, racismo e homofobia, violência no trânsito, formação de milícias, entre outras. Não importa em qual canto do planeta estejamos, o problema da violência atinge cada um de nós. A violência é o uso da força, em que se desrespeita os direitos humanos, sendo impossível um combate a ela sem o envolvimento da sociedade civil. Além de todas as formas de violência citadas encontra-se presente na atualidade a violência decorrente da transparência virtual.

2.1 DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA

A todo o instante se faz presente a “violência”, seja pelo viés da indústria cultural, pelos meios de comunicação, ou pelo viés de constatação própria do sujeito, sendo vítima ou algoz. Constatando-se a existência desse bombardeio de manifestações de violência, a pergunta que se faz é: o que é a violência? Ela se manifesta desde os primórdios da humanidade. Os sujeitos percebem que o mundo se situa como um grande caos violento e o grande mérito para a manutenção e perpetuação da vida consistiu no desenvolvimento do intelecto. O ser humano precisou saber como organizar os espaços intra e extra-social para o desenvolvimento da vida. O resultado da ação racional foi a aquisição e o desenvolvimento de cultura, que foi sendo legada para gerações futuras.

A violência é a imposição por meio da força, de um determinado poder qualquer, contra a vontade subjetiva ou coletiva para agredir, submeter ou ameaçar, pois essa condição se caracteriza como contrária à disposição natural. De acordo com o dicionário de filosofia Abbagnano, Aristóteles distingue que “o movimento segundo a natureza é aquele que leva os elementos ao seu lugar natural; já o movimento por violência é aquele que os afasta” (ABBAGNANO, p.965).

O que é possível constatar é que a acepção de Aristóteles sobre a violência não pode ser comparada com o conceito atual, pois seu pensamento é composto por uma teleologia, ou seja, de uma finalidade para todos os entes que se encontravam no mundo. No Dicionário de Política, de Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (2009), encontra-se a afirmação de que o “exercício da violência é visível em quem tortura, fere ou mata, quem imobiliza ou manipula o corpo de outro, quem impede materialmente o outro de cumprir determinada ação.

Geralmente a violência é exercida contra a vontade da vítima. Existem, porém, exceções, como o suicídio ou os atos de violência provocados pela vítima com finalidade propagandística ou de outro tipo”. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2009, p. 1292).

No dicionário acima citado, lê-se que a violência pode afetar diretamente o corpo do outro ou atingi-lo de maneira indireta, isto é, alterando o ambiente físico, no qual a vítima se encontra. Tanto direta quanto indiretamente, sempre ocorre um prejuízo do estado físico do sujeito.

Na prática ou exercício da violência se encontram vinculados os conceitos de poder e força que, por sua vez, são condições inerentes à realidade humana e se manifestam no mundo via ação subjetiva ou coletiva. O poder e a força não devem ser compreendidos e utilizados por meio da violência.

A violência pode se manifestar por meios físicos, morais, políticos e psicológicos (psíquicos), e essas manifestações ocorrem quando não há o diálogo ou este se tornou insuficiente para o encontro de consensos. Na maioria dos casos, a violência surge frente às diferenças de comportamentos, costumes e crenças.

2.2 VIOLÊNCIA COMO CARÁTER SAGRADO NA PRÉ-HISTÓRIA E NO MUNDO ANTIGO

O limiar da distinção entre a violência e o sagrado na pré-história e no mundo antigo é uma linha tênue quase imperceptível, pois tanto a violência como o sagrado se encontravam inter-relacionados: o homem pré-histórico e antigo necessitava da violência para poder manifestar o sagrado. No mundo antigo, o conceito de violência tinha outro significado, pois a vida se pautava na coexistência entre manifestações violentas e o convívio pacífico, e se convivia diretamente com derramamento de sangue. Era considerado um bom guerreiro aquele que mais sangue derramasse nas batalhas, pois mais imune se tornava.

Os seres humanos pré-históricos e antigos vivenciavam a violência da natureza e a violência de predadores: tudo era destruído, angustiante, traumatizante, mas, ao mesmo tempo, fascinante. Esse fascínio pode ser considerado uma primeira forma de experiência religiosa e também motivo para a personificação da realidade violenta em divindades. Surgindo manifestações religiosas, não é de se estranhar que as religiões arcaicas fossem dotadas de rituais violentos: “o sacrifício de oferendas representa uma das mais importantes formas de interação do imanente com o transcendente”. (HAN, 2017c, p.32).

Durante períodos de guerra, a violência servia para defender a identidade do grupo contra outros grupos. A concepção que existia no mundo arcaico era que exercendo ativamente a violência o indivíduo tornava-se imunizado, sendo o lema: “matar para não ser morto”. A cada violência praticada vinha como consequência uma contra violência, compreendendo-se, dessa forma, os códigos de leis, tais como a lei de Talião “olho por olho, dente por dente”.

O exercício da violência elevava o sentimento de *poder*; mais violência significava mais poder. Na cultura arcaica, o poder não representava uma relação de domínio, não produzindo nem senhor nem escravo. Ao contrário, era hipostatizado como uma substância sobrenatural, impessoal, que poderia ser possuída, acumulada ou também perdida. (HAN, 2017c, p.37).

A violência funcionava como uma técnica, que servia à vida diante de uma ameaça de morte. Han conta que “Aquiles vinga a morte de seu amigo Pátroclos matando e mandando matar indiscriminadamente”. (HAN, 2017c, p.37).

No período moderno, ainda é possível perceber a existência da relação entre os conceitos de poder, força e violência. É importante esclarecer que *poder* implica em uma modificação de conduta, que envolve a vontade própria, estando ligado com o conceito de força. Sempre que acontece uma intervenção física, houve exercício de poder.

A constatação realizada por Foucault, afirmando que a aplicação de poder se torna mais eficaz por meio de instituições sociais, marcou a transição do século XIX para o século XX. Entre seus temas de estudo Foucault destacou que acontece o exercício do *poder* nas instituições hospitalares. O mal do século XIX caracterizou-se por apresentar a doença da histeria como sintoma de uma época de muita repressão. Porém a instituição hospitalar ainda não era dotada de conhecimentos e técnicas para o tratamento da histeria. Os doentes que apresentavam sintomas da histeria eram tratados como transgressores do conhecimento médico, pois os médicos percebiam que o paciente apresentava regularidade nos sinais vitais perceptíveis pelos recursos clínicos da época. Como consequência dessa compreensão do comportamento manifestado pelo doente, vinha o tratamento com punições no corpo, por meio da institucionalização de formas de poder e violência.

Em contraste com as formas violentas acima descritas para o tratamento da histeria, o desenvolvimento da técnica da psicanálise como alternativa de cura por meio da fala. O desenvolvimento dessa técnica possibilitou novos sentidos na compreensão da doença, que pode ser classificada como um método interpretativo (hermenêutica de sonhos e manifestações inconscientes), um tratamento psicológico (psicoterapia), e uma nova teoria simbólica possibilitando fazer-se reflexão filosófica.

Acima de tudo, pode-se afirmar que o maior legado da psicanálise freudiana foi a estruturação do modelo teórico para a explicação da psique humana constituída por uma tripartição: inconsciente, subconsciente e consciente. Não é possível estabelecer uma fronteira específica de demarcação para cada uma das instâncias do psiquismo, uma vez que existe uma dinâmica própria de relação entre elas.

O processo de violência que se encontra presente na estrutura do psiquismo dos sujeitos é o conflito entre o princípio de prazer (de desejos inconscientes que buscam evitar a dor e o sofrimento) e o superego (que são as imposições por meio da disciplina do corpo e a contenção de desejos, que são imposições advindas da cultura e da vida coletiva). Diante desse conflito antagônico entre desejos inconscientes e a pressão do mundo exterior da cultura e das regras morais o sujeito pode, por meio da sublimação, canalizar a força da energia inconsciente para o campo profissional, para a produção das artes e para o bem comum da sociedade. Consequentemente, torna-se possível a civilização: quando esse conflito entre essas instâncias é equilibrado e permite a realização de uma catarse, representando uma síntese entre o princípio de prazer (interno e inconsciente) e o princípio de realidade (regras externas vindas do mundo exterior). Assim é possível uma vida saudável e dita “normal” para a convivência coletiva.

O problema enfrentado pelo paciente no processo terapêutico é quando ele não consegue canalizar as forças inconscientes de desejos que não podem ser manifestados ou que não sabe adotá-lo e isso se transforma em chistes e, em casos mais extremos, quando a energia inconsciente não é sublimada, transforma-se em sintomas no corpo ou posturas comportamentais que não são compatíveis ao que se espera de um sujeito civilizado. O sujeito que enfrenta tal desequilíbrio não consegue encontrar substituição para a gratificação instintiva não atingida. Esses sintomas da histeria se constituem, de acordo com a literatura freudiana, em neuroses ou desordem de personalidade, podendo levar a interpretações em um processo psicoterapêutico.

Byung-Chul Han (2017c), na obra *Topologia da Violência*, caracteriza o conflito existente nas instâncias do psiquismo dos sujeitos como a presença da negatividade. A existência desse conflito permite a dedução de um alto grau de violência, comportando-se como campos de batalha, nos quais ocasionalmente ocorrem acordos de paz.

A base das relações humanas (o outro), de acordo com a estrutura do psiquismo em Freud, adquire uma ambivalência entre as emoções, pois o sujeito pode amar e odiar o outro simultaneamente. Han cita um trecho do escrito de Freud na obra *Mal Estar na Civilização* dizendo que “o conflito entre o ego e a pessoa amada se transforma em um conflito entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação”. (HAN, 2017c, p. 53).

Inquestionavelmente, os sujeitos analisados pela psicanálise freudiana, apesar de viverem com a violência de seu conflito entre pulsões inconscientes e imposições externas do campo coletivo, ainda enfrentam a dificuldade de convívio melancólico da relação com outras subjetividades. A ambivalência entre as emoções nas relações coletivas serão interpretadas como relações estranhas, uma vez que será uma relação melancólica, pois o “outro” se configura como sendo alguém para se estabelecer relacionamentos, trocas de conhecimentos e compartilhamento de visões de mundo. E o outro também se constitui como uma ameaça, um desconhecido e até mesmo um perigo a ser evitado e isso pode constituir uma forma de melancolia. Para Han (2017c, p.57), “a violência que o melancólico faz a si mesmo é uma violência da negatividade, que está dirigida contra o outro no ego. O outro em mim é a fórmula da negatividade que organiza completamente a psicanálise de Freud.”.

Consequentemente é possível estabelecer uma relação entre a psicanálise freudiana e o conceito de sociedade disciplinar de Foucault. Lembremos que no século XIX e início do XX havia extrema repressão, pois a organização provinha da negatividade de instituições disciplinares com regras morais rígidas, possibilitando *poder* repressor para o gênero masculino e, principalmente, *controle* sobre o feminino. Esse era o motivo da existência de maior porcentagem de casos de histeria em mulheres.

2.3 ESCOLA E VIOLÊNCIA

Não é novidade que ocorrem casos de violência no interior do espaço escolar, uma vez que é constituído por pessoas e elas criam conflitos com os mais variados pretextos. Atos de violência são vividos diariamente no interior da instituição escolar e se manifestam das mais variadas formas, sendo as mais frequentes as questões de indisciplina por parte dos estudantes, bem como a frustração de professores com políticas públicas. Outra violência visível em professores é a impossibilidade de realizar ações efetivas que tragam resultados qualitativos e quantitativos. Basta analisar o espaço de sala de aula, para confirmar a existência de uma força e controle: a existência de carteiras enfileiradas, um quadro de giz à frente, a figura de um professor que a todos vigia cuidadosamente, observando cada comportamento que venha a ser transgressor nesse espaço.

A legislação do nosso país considera todos os sujeitos como possuidores de direitos e a escola não pode punir fora da Lei. Porém o convívio diário traz muitos embates entre professores e alunos, pois o que se cobra do professor é a disciplina e a organização. O professor se torna angustiado por não saber lidar de imediato com inúmeras questões que podem ser

conflitos físicos no interior de classe, respostas escritas em provas, não cumprimento de regras, desmotivação dos estudantes frente às normas propostas pela escola. Frequentemente as vivências violentas no interior da instituição escolar contribuem para um olhar pessimista e trágico sobre Educação Básica, principalmente na esfera pública.

A obrigatoriedade de a Escola cumprir um currículo pode ser comparada com uma violência, pois se trata de uma imposição. A maioria dos estudantes não realiza o vínculo da exigência do cumprimento do currículo com as suas pretensões de vida, sendo este também um motivo para os conflitos na Escola. É inegável a complexidade da tarefa educativa que a Escola necessita realizar: na formação dos estudantes, é preciso problematizar a natureza e o alcance do conhecimento nas suas formações, a compreensão de si mesmos, precisando passar de uma minoridade para uma maioria reflexiva, oportunizar conhecimentos para a formação profissional e a compreensão de uma cidadania autêntica.

Para se fazer uma análise da violência presente no ambiente escolar o pensamento de Han (2017c) pode ser um auxílio. O autor em questão, citando Foucault, explica que o exercício da violência pode ser desempenhado por instituições. Segundo Han, Foucault identificou o conceito de “poder” e o trabalhou com maestria, porém cabe lembrar que o conceito de violência se encontra inter-relacionado; o poder e a violência são exercidos sobre o corpo dos sujeitos na tentativa de desenvolver uma formatação do comportamento pautada no adestramento. O objetivo era tornar os sujeitos em corpos dóceis, para a efetivação da operacionalidade do sistema.

Na obra *Vigiar e Punir*, de Foucault (2014), vê-se que o suplício em praça pública manifestava o poder do soberano sobre os súditos. Esse poder existia em todo e qualquer processo criminal que foi compreendido como ação violenta contra os costumes ou contra a pessoa do soberano. Desde o momento da tortura até o momento da execução do infrator, o corpo humano do condenado devia produzir e reproduzir a verdade do crime que havia cometido. Foucault diz na obra *Vigiar e Punir* que na modernidade tardia, por volta fim do século XVII e início do XIX, os suplícios públicos foram se extinguindo. A punição violenta deixou de ser um espetáculo, pois já foi possível se questionar sobre o determinado ritual que propunha um ponto final a um delito qualquer.

Foi possível fazer uma reflexão sobre o palco de horrores que mantinha uma estreita relação desonesta entre o soberano e os súditos; essa relação não poderia ser legítima, pois se constituía em uma mera carnificina. Aos poucos, os sistemas judiciários e criminais que estavam sob o comando real, foram recebendo novos aparatos para a manutenção do exercício do poder e do castigo violento. As punições se tornaram menos violentas, com severidade mais

atenuada, utilizando-se das instituições sociais que se responsabilizavam por aplicar penalidade com maior pertinência.

O campo para a aplicação do poder de punir foi transferido das mãos do soberano para o corpo social, uma vez que o soberano, sendo o personagem que faz vigorar o pacto social para não ocorrer a “guerra de Todos contra Todos”, era o detentor da violência contra os súditos. O poder, estando nas mãos do soberano, autorizava-o a utilizar de violência, pois a realidade existente era a crença de que qualquer sujeito pode apresentar um perigo ou risco para a manutenção do poder.

O modelo do poder concentrado unicamente nas mãos do soberano político se tornou incapaz de enquadrar de forma aprimorada a ideia de controle, vigilância e a aplicação da violência para os desviantes das normas morais privadas ou públicas. Para além de uma vigilância com a força das armas, era necessário mais setores que se responsabilizassem pela aplicação das punições dotadas de violência, que fossem mais adequadas aos delitos que não fossem extremos. Com essa medida, o objetivo era fazer com que o sistema não fosse simplesmente eliminatório de sujeitos transgressores. A dissipação do poder de violência deve, então, servir para corrigir e ressocializar, de maneira que, ao se retornar para o campo social, os infratores estejam retratados e melhorados de eventuais faltas.

Para Michel Foucault (2014), o controle de normalização dos indivíduos passará a ser aplicado e desenvolvido por instituições que aplicam formas de poder, fazendo o sujeito reconhecer que cometeu desvio da norma no interior de uma determinada instituição, sendo hospital, presídio, sanatórios, escolas. Em oposição ao terror causado pela violência dos suplícios, os sistemas de aplicação de poder e da violência foram transformados em novas técnicas pela humanidade, em uma maneira racional, razoável e econômica, para se operar com o conceito da aplicação do poder e da violência.

As instituições, quando dotadas de responsabilidade para a aplicação do poder, aprimoram a técnica visual para o controle dos sujeitos. Foucault (2014) demonstra essa técnica, em sua obra *Vigiar e Punir*, quando descreve a aplicação do panóptico de Bentham. Para o funcionamento das instituições sociais, recomenda Foucault uma nova forma de aplicação de poder e, conseqüentemente, nova forma de violência, que será a observação visual integral e exaustiva sobre os indivíduos.

Na obra *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, Deleuze (1992) diz que Foucault analisou as sociedades dos séculos XVIII e XIX, evidenciando que, sendo sociedades disciplinares, faziam das instituições um meio de confinamento; diz Gilles Deleuze que a transição para esse modelo aconteceu progressivamente. Após a Segunda Guerra Mundial, já

não havia as sociedades disciplinares, nas quais os indivíduos passavam de um espaço fechado a outro (família, escola, caserna, fábrica, eventualmente o hospital ou a prisão).

Atualmente, existe uma crise generalizada de todos os meios de confinamento e se fala em reformas supostamente necessárias em todas as instituições. Essas reformas seriam apenas para ocupar as pessoas, pois é sabido que novas forças se anunciam: são as sociedades de controle, que Foucault (2014) reconhece como o futuro próximo. Os diferentes modos de controle são variações inseparáveis diferentemente dos meios de confinamento, que são variáveis independentes. A linguagem que existe nos meios de confinamento é comum a todos eles, embora analógica, mas os controlados possuem uma linguagem numérica. A empresa substituiu a fábrica; e ela é uma alma. Na empresa, o estado constante de metaestabilidade impõe concursos e desafios que deixam longe o sistema de prêmios da fábrica, introduzindo rivalidades inexplicáveis como modelo de funcionamento, fazendo com que os indivíduos se contraponham entre si e se sintam divididos em si mesmos.

Nas sociedades disciplinares, não havia incompatibilidade entre a assinatura (que indica o sujeito) e o número de matrícula (que indica sua posição em uma massa) e, assim, o poder é, ao mesmo tempo, massificante e individuante. Nas sociedades de controle, o essencial não é mais a assinatura nem o número, mas uma cifra. A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição.

Agora, os indivíduos tornaram-se divisíveis e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados. O dinheiro é o que melhor mostra a distinção entre as duas sociedades: antes a medida padrão era a moeda de ouro e agora, com a sociedade de controle, há trocas flutuantes, nas quais a cifra é uma percentagem de diferentes amostras de moeda. Fazendo uma correspondência de cada tipo de sociedade a certos tipos de máquinas, pode-se afirmar que as sociedades de soberania manejavam alavancas, roldanas, relógios; as sociedades disciplinares tinham as máquinas energéticas e as sociedades de controle têm as máquinas de informática e computadores, com os perigos da interferência, pirataria e introdução de vírus. É uma mutação do capitalismo. No século XIX, o capitalismo previa a produção e a propriedade; a fábrica era o meio de confinamento e o capitalista era o dono dos meios de produção. Atualmente, o capitalismo é de sobreprodução, vendendo serviços e comprando ações. Já não se dirige para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Assim, a fábrica cedeu lugar à empresa.

A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes. (DELEUZE, 1992, p. 5).

A “alma” da empresa é o serviço de vendas e o marketing é o instrumento de controle social. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. E o controle terá de realizar a explosão dos guetos e favelas, possibilitando que o capitalismo continue mantendo três quartos da humanidade pobres demais para a dívida e numerosos demais para o confinamento. É possível anunciar o que já está em vias de ser implantado no lugar dos meios de confinamento disciplinares. Estamos no início de mudanças, de implantação progressiva de um novo regime de dominação. Citemos o exemplo da instituição escolar, na qual já ocorre controle contínuo, avaliação contínua e formação permanente e o abandono de qualquer tipo de pesquisa na Universidade. Aos muitos jovens que solicitam novos estágios e formação permanente, cabe a tarefa de descobrir o sistema a que estão sendo levados a servir.

Esses apontamentos de Deleuze (1992), já bastante atuais, são ainda mais atualizados por Han (2017a). Ele nos leva à consciência de que na contemporaneidade a violência se manifesta tanto na forma física quanto na forma virtual, sendo que esta se tornou complexa com o uso exacerbado dos dispositivos de comunicação móvel. A questão de saber o que pode ser classificado como uma nova topologia da violência se tornou imperativa. De acordo com a topologia proposta por Han (2017c), é preciso mostrar que a sociedade da transparência possui um caráter violento e que este, por sua vez, conduz ao novo quadro da barbárie atual, que tem como consequência o cansaço.

2.4 VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO DESCRITA POR HAN

Em (2017b) aprofunda sua análise da sociedade da transparência e do cansaço buscando trazer à luz as novas formas de violência que se encontram veladas sob o volume avassalador de positividade. Analisa o autor que existem coisas que nunca desaparecem e entre elas se encontra a violência. As formas de manifestação da violência variam segundo as formas de organização social. Na atualidade, a violência passou de um modo visível para invisível, de frontal para viral, de real para virtual, de física para psíquica, de negativa para positiva, retirando-se para espaços neuronais, de modo que pode dar a impressão de ter desaparecido.

Com efeito, turistas que viajam para países da Europa que desfrutam de certo acúmulo de capital financeiro relatam que em primeira vista, parece não existir violência, a ponto de

chegarem a afirmar que as leis criminais estejam fadadas à extinção. Isso porque o alto grau cultural desenvolvido historicamente formatou os sujeitos a tal ponto, que não são mais necessárias as pessoas que desempenham o poder repressor, fazendo cumprir normas básicas e de cuidado com a coisa pública (como as bicicletas da Holanda e os carros que se pode pegar emprestados em Genebra). Porém, para o olhar pouco reflexivo do turista, estão ocultas de imediato as formas de violência que se encontram implícitas. Esse olhar reflexivo requer uma certa perda de tempo, para se detectar formas veladas de violência.

Mas a violência se mantém constante, somente se translada para o interior dos sujeitos. Assim como se verifica diversas formas de violência exterior, a sociedade atual traz uma transformação da violência que se desloca para a sociedade de desempenho, “levando para a autoexploração, que gera, por exemplo, uma coerção que submete, não apenas mulheres e a classe desempregada, mas todos os membros da sociedade”. (HAN, 2017b, p. 167).

Diante do excesso de positividade conferida pela tecnologia que traz demasiada quantidade de informações, vê-se um aprisionamento dos sujeitos não permitindo que percebam algo imunologicamente distinto. E por isso a violência da positividade se configura como algo que não possui um agressor direto, uma vez que a violência passa a ser autorreferente, tornando o sujeito agressor e vítima ao mesmo tempo.

Constatando a conjuntura da violência, da transparência e do cansaço, pode ser uma proposta de reflexão para o ensino de Filosofia o uso de percepções estéticas, por meio da fotografia, na tentativa de interposição do olho dos estudantes para o mundo e relacionamentos reais, para se elaborar registros sobre conceitos que constituem o cerne da disciplina de Filosofia. Considerando que o impacto da tecnologia virtual, possibilita novas formas de sensibilidade que possuem um aspecto encantatório, que o volume intenso de imagens proporcionadas pelo virtual carecem de um respeito por meio do olhar de quem contempla, e que a internet rompeu com o aspecto das distâncias e da transcendência do tempo tornando todas as subjetividades em meros expectadores das mais variadas formas de violência, fica evidenciado que a situação atual da tecnologia vem eliminando todas as distâncias físicas e geográficas.

Os estudantes, que fazem parte da juventude que constituem a demanda da educação básica, diante desse cenário tornam-se expectadores passivos e se vêem influenciados de maneira direta, sem o exercício reflexivo, passando a ser meros *voyeurs*. Han aponta que a falta de distância causada pela transparência não considera a contemplação estética e chega a declarar o “fim do olhar”. (HAN, 2017b, p. 37).

Assim sendo, no presente trabalho procura-se propor o distanciamento do olhar, por meio do exercício da fotografia, possibilitando a negatividade do distanciamento para a contemplação do mundo real e de relações afetivas, desenvolvendo habilidade de captar, sentir e analisar imagens. Em vista disso, reconhece-se com uma maior compreensão a dimensão do intelecto humano, para o qual razão e sensibilidade são imprescindíveis para a formação humana.

Existe um paradoxo na tecnologia de comunicação: ao mesmo tempo em que ela serve para as benesses da humanidade também apresenta sintomas negativos. Han (2017b) é um autor que expõe alguns dos sintomas negativos. Apesar da existência desse paradoxo, o ser humano, por meio das sensações, é capaz de realizar reflexões filosóficas, sendo afetado por essas sensações, posteriormente racionalizadas na forma de processos cognitivos interiores, subjetivos. Porém não se pode afirmar que possa haver uma redução no uso das tecnologias de comunicação ou alternativa para amenizar os efeitos negativos de seu uso. É correto afirmar que os maiores avanços de conhecimento na contemporaneidade dizem respeito às tecnologias de comunicação, que impactam diretamente nas percepções dos sujeitos e se tornaram responsáveis por trazer grande alteração no comportamento, na forma de pensar e nas formas de convivência.

Para os sujeitos contemporâneos, parece que as tecnologias de comunicação podem fornecer respostas para todos os problemas da humanidade sob a forma de uma panacéia, pois, para qualquer dúvida ou problema concreto, basta consultar o “Dr. Google”; e se pensa que já se está iluminado de conhecimento e autonomia. Faz-se necessário colocar vários pontos de interrogação na tentativa e de questionar, de “avaliar plenamente as consequências da nossa embriaguês” (HAN, 2016, p. 11), que impedem de observar algumas manifestações da crise atual que se reflete em escala global. No que diz respeito à vida singular de sujeitos em fase de formação escolar, o paradoxo sobre o uso de tecnologias de informação mostra-se com grande ímpeto, pois uma vez que foi disparado o botão para o uso delas seria uma grande utopia dizer que é possível retroceder e nos livrarmos delas ou mesmo frear o processo. O paradoxo citado expressa que se encontra presente na realidade virtual o acesso à múltiplas informações e conhecimentos, mas a forma de uso conduz os sujeitos a um sintoma de cansaço que gera a exaustão do sujeito que se consome a si mesmo diante da transparência virtual, conforme o pensamento do autor.

Na obra *No Enxame*, Han (2013) realiza uma análise da comunicação digital e seu impacto na sociedade atual: Ele constata o excesso de iluminação/claridade que emana dos displays e telas dos dispositivos digitais afirmando que esse fenômeno de transparência e

luminosidade não permite perceber que existem efeitos nocivos diante do “milagre da transparência”. O autor defende que, na atualidade, há uma extrema diminuição de reconhecimento da alteridade, que se constitui também como paradoxo, pois o rosto humano pode simbolizar amigo e inimigo.

O primeiro conceito que parece entrar em colapso, segundo Han (2013), é o de respeito, pois se encontra diretamente relacionado com o olhar. Ele elaborou uma análise etimológica do conceito de respeito, demonstrando que em seu significado originário está presente um “*pathos da distância*” (HAN, 2016, p. 13). A antítese do termo em latim *respectare* seria o *spectare*, em que tudo se tornaria uma atividade voyeurista do olhar e tudo torna-se explícito, comparável ao pornográfico. Na sociedade atual, devido ao impacto das tecnologias de comunicação digital, tudo se encontra à mostra em uma completa transparência, porém onde tudo se encontra explícito, a esfera pública acaba ruindo porque carece de um olhar distanciado.

As formas de comunicação digital rompem o olhar distanciado e essa característica seria, de acordo com o pensamento de Han (2013), um sintoma negativo para a sociedade atual. O olhar distanciado possibilita um olhar com respeito, pois assim se teria um foco, sendo que o contrário disso é o olhar sem o distanciamento necessário. A proximidade faz com que tudo se torne um mero espetáculo, pois se encontra na ausência do distanciamento. A facilidade da comunicação digital elimina distâncias físicas e até mesmo mentais entre sujeitos que estabelecem comunicação.

O modelo teórico explicativo entre o aspecto do emissor e do receptor de mensagens também acaba ruindo, pois nesse contexto de interconexão todos os sujeitos se tornam emissores/receptores de mensagens. Nesse contexto, é possível detectar mais uma característica de uma sociedade do espetáculo. A faceta negativa dessa sociedade em que todos são emissores/receptores constrói uma ideia de anonimato que se manifesta nas redes sociais. Algumas décadas atrás, as correspondências na forma de cartas e telegramas eram demoradas e se exigia um exercício reflexivo para seu desenvolvimento. Sua escrita possuía um objetivo único, pois o emissor se encontrava desvinculado de seu destinatário e a comunicação constituía um afeto longo em um tempo cronológico. Nos dias atuais, com os dispositivos móveis de comunicação também há possibilidade de comunicação, dotada de afeto, mas esta se mostra em seu imediatismo e isso faz com que haja certa simetria, tornando todas as relações horizontalizadas. Essa situação permite que o conceito de hierarquia também entre em colapso e, concomitantemente, afete todo conceito de poder.

Quanto mais assimétricas forem as relações humanas, maior será o nível de poder e autoridade para a manutenção de tal dinâmica. Nas redes sociais, todos somos emissores e

receptores de mensagens simultaneamente e com isso se extingue o lado obscuro do poder que necessita da estratégia, do segredo e de conchavos, ou seja, a interrupção no fluxo das informações e portanto causa relações humanas que não são mais verticalizadas. As relações humanas que se tornaram transparentes, por meio dos dispositivos tecnológicos, configuram-se por serem rasas, planas, lisas e abertas, sem o controle de um poder para supressão de atividade. A reação mais direta desse conflito entre poder e comunicação digital é a indignação em massa que se manifesta em redes sociais.

A corrente de indignação dos múltiplos emissores/receptores faz surgir a formação daquilo que Han (2013) denomina *shitstorm*. Essa tendência se manifesta apenas no universo plano, liso e aberto da comunicação digital, fato que impede uma ação efetiva para a solução de um determinado problema. A inconsistência da mera indignação coletiva em ambiente virtual aos poucos vai se dissolvendo, pois se tornam uma manifestação subjetiva própria, algo meramente emocional e a ação carece de uma força transformadora. Han (2013) utiliza uma metáfora para explicar a corrente de indignação dos múltiplos emissores/receptores. Ele afirma que essa corrente se assemelha a um “enxame”, no qual “muitas vozes” ameaçam o poder e o domínio que se concentra nas mãos de poucos, mas com escassa possibilidade de êxito.

Explicando, o autor reitera que o “enxame” da polifonia digital é distinto das massas tradicionais, pois as massas tradicionais se encontram vinculadas a ideais comuns e que em determinadas situações levam os indivíduos a agirem coletivamente frente a situações antagônicas, que constituíam a luta por reivindicações. Podem ser citados como exemplos os sindicatos atuais e a luta por direitos iguais almejado pelas mulheres na atualidade. Nesses dois exemplos percebe-se indicativos de que as formas de dominação tradicionais estremecem frente às ações organizadas nesses movimentos de massa tradicionais.

As formas tradicionais de poder que se observa na História possuíam o caráter verticalizado e era de ordem inquestionável tal como aquelas encontradas no período medieval, no qual se acreditava que o poder e a força provinham da Providência Divina; e no período moderno, o domínio emanava do Leviatã, expresso na pessoa do soberano. As massas decididas a uma ação comum criam poder e “graças à sua determinação e firmeza de vontade, são capazes de formar um *nós* e de empreender ação comum em condições de atacar as relações de dominação existentes”. (HAN, 2016, p.24). As massas atuais permanecem em casa, isoladas e se configuram por serem um alguém e um ninguém, simultaneamente.

As massas tradicionais possuem vínculos ideológicos fortes que possibilitam solidez e unidade, constituindo a base formadora de um “nós”, que possibilita a busca e efetivação de objetivos formando um núcleo de poder. A grande transformação que ocorreu em nossos dias

mostra que o “enxame” atual é desprovido de uma alma, de um *nós*, e rapidamente se dissolve, pois toma como alvo somente determinadas pessoas, que assediam ou denunciam como motivo de escândalo.

Homens e mulheres que compõem o “enxame” digital são subjetividades isoladas que se assemelham a um ruído, ou melhor, para ilustrar, citamos a metáfora utilizada por Han (2013) como título de seu livro um “zumbido em uma colmeia”. No zumbido do enxame, os indivíduos indignados se expõem somente pelo meio virtual, solicitando atenção porque pretendem ser alguém e por essa característica se tornam anônimos, ocultando suas reais identidades. Essa forma de manifestação no ambiente virtual retira o fundamento das massas tradicionais que não possuem coesão por meio de objetivos e não podem se configurar como forma de poder. Toda a energia depreendida por meio do enxame logo se esvai, dissolvendo-se na incapacidade de uma ação comum.

No contexto neoliberal, o impacto das ações individuais isoladas pela realidade virtual privatiza as especificidades das subjetividades, tornando-as meramente espectadoras passivas, que absorvem mensagens e informações e as redirecionam para outros lugares *no enxame*. Isso influencia diretamente no comportamento, tornando as subjetividades consumidoras de informação vinculadas a bens e serviços constantes, pois o consumo não necessita estar vinculado a um período de tempo; esse contexto é de massificação, igualando as imagens, linguagens e culturas.

No enxame digital nos tornamos nossa própria audiência e somos os próprios eleitores, por meio de *likes* ou *dislikes*. Se tal característica for levada ao campo político, a política não poderá mais ser compreendida por meio de ações de prospecção com o futuro e se tornará uma mera preocupação com o presente. Nesse contexto, o âmbito político tenderá a ser imediatista, nutrindo-se apenas de aspectos que digam respeito às necessidades instantâneas que se manifestam *no enxame* virtual.

O *enxame* virtual também conspira para a ausência de contato físico, pois cada indivíduo vincula-se consigo mesmo pelos monitores e *displays*, sempre se vivenciando o “grande eu” que possui noções pífias do que seja respeito, o olhar distanciado e a observação detalhada de nuances que demandam introspecção e reflexão.

A falta de convívio coletivo afetou as relações com a alteridade, pois se percebe que não se consegue visualizar os olhos dos sujeitos, uma vez que a maior atividade é a de se estar olhando por meio de câmeras acopladas nos dispositivos digitais. O rosto humano, com brilho nos olhos em sua presença física, pode ser um convite para se estabelecer relações humanas de interação, mas, ao mesmo tempo, o nosso psiquismo percebe “o outro” como sendo uma ameaça

frente ao desconhecido. A comunicação digital retirou o instinto de ameaça frente a singularidades desconhecidas, sendo possível estabelecer comunicação com qualquer sujeito sem olhar diretamente para os olhos desse interlocutor, uma vez que os olhos se voltam para a tela ou para a câmera acoplada ao dispositivo tecnológico de comunicação.

Os diálogos que se manifestam *no enxame* digital são pautados em perfis que se mostram em redes sociais: na maioria não se conhece a essência do interlocutor. Essa forma de relacionamento humano tornou-se pautada em ícones, pois as imagens tornaram-se porta voz da verdade sobre quem são as pessoas com quem se pretende manter vínculos por meio da rede.

Na superfície plana e nua das telas e displays, a imagem adquiriu um *status* de perfeição, pois se encontra iluminada, sem falhas, sempre perfeita e transparente, percebendo-se que houve uma mudança paradigmática, pois a imagem tornou-se a realidade nua e crua. A realidade apresenta sombras, texturas imperfeitas e a imagem com as tecnologias HD e 4K, expressam a perfeição e devido a essa dita perfeição, a imagem virtual, não apresenta obscuridade e imperfeição e assim sendo, tais componentes são fatores que extinguem a contemplação e o caráter poético porque se tornou explícita em grau pornográfico. Carecem de temporalidade. As fotografias, quando eram registradas em papel, documentavam não apenas um instante de vida ou a captura de uma imagem, mas também possibilitavam uma percepção de tempo de quando tal registro foi elaborado.

As gerações mais jovens, que se encontram expostas ao ambiente da transparência constantemente, não possuem o costume de fazer impressões de fotos para serem guardados em álbuns de família como antigamente. Um aspecto profético que se pode vislumbrar é que caso aconteça um colapso com a eletricidade global ou o “bug do milênio” apague todos os arquivos de fotos, as gerações jovens constituir-se-ão como sujeitos sem história, uma vez que o exercício da escrita se encontra comprometido pelas neolinguagens dos GIFS, áudios, memes e vídeos em forma de flashes. O que se dirá, então, da elaboração de narrativas individuais? Destaquemos que Han demonstra em seus escritos que, atualmente, vivemos em um período em que não se possui narrativas. As imagens digitais sempre manifestam um tempo presente que se autorreferência, caracterizando o sujeito contemporâneo como um Homem jogador *homo ludens*: são homens e mulheres que fazem do seu trabalho um jogo e do jogo o seu trabalho. Atualmente, trabalho e jogo/lazer não constituem um antagonismo dialético, acabaram fundindo-se em uma mesma simbiose de causa e consequência. A simbiose de causa e consequência vivida pelo *homo ludens* não é um local imaginário, hipotético de uma situação prazerosa, mas mostra-se de maneira velada como uma situação desesperadora, com excesso de opressão e perda de limites definidos do que venha a ser labor e lazer.

Nessa nova configuração, na qual labor e jogo se tornam entrecruzados, não se tem a noção de ócio, pois ambos os conceitos se encontram unificados e todos os lugares tornam-se lugares de trabalho e de autoexploração. A nova configuração surge como um sintoma, pelo qual os sujeitos violentam-se a si próprios na conectividade constante, sem instantes de contemplação, de um olhar demorado, olhar à distância dotado de respeito.

O número infinito de postagens e informações em redes sociais configura-se como uma massa de verdades que são compartilhadas e reenviadas no âmbito da rede, e isso pode ser comparado com uma atrofia do pensamento. Han cita Heidegger expressando que a “mão que age propriamente é a mão que escreve, portanto, a sua essência não se manifesta como ação, mas como manuscrito” (HAN, 2016, p. 49). Heidegger já considerava que o escrever de forma datilografada nos afasta do Ser, pois o gesto de datilografar reduz a mão a uma atrofia, pelo fato de se utilizar somente da ponta dos dedos. Heidegger talvez tivesse um surto se visse como acontece a comunicação digital no período contemporâneo.

Seguindo os passos de Heidegger, todo o Ser que fosse desvelado por meio da atividade da escrita requereria o pensamento e, portanto, o conhecimento necessitaria de um tempo de reflexão, de intervalo de tempo e de lembrança. No contexto das tecnologias digitais, o ser humano já não é mais alguém que retira o véu do que se encontra velado no mundo, mas se compara como um caçador de informações que vive um eterno presente e necessita desobstruir todos os obstáculos para se poder vislumbrar informações que fundiram a esfera pública e privada. Outra inversão conceitual que ocorre é o de ação, pois em ambiente virtual o que possui valor é a operacionalidade que se mostra como uma análise contabilizadora de dados, que necessitam fluir de maneira mais imediata possível, sem interrupção e bloqueios.

Ambientes concretos contendo dificuldade de acesso à informação impedem o fluxo de busca de outras informações. No contexto virtual, em que se traduz um excesso, gera-se uma fadiga porque as informações constituem-se, na maioria dos casos, de informações rasas, sem um impacto para a realidade cotidiana, tal como pode se perceber em redes sociais, como o *Facebook*, na qual se realizam postagens que dizem respeito ao dia a dia dos usuários, que demonstram o narcisismo subjetivo de sujeitos que imploram por atenção. Essa característica impede a reflexão sobre o que é realmente importante para a vida coletiva e o que é secundário.

Nesse cenário do *exame* digital, os atos políticos também tornaram-se autorreferenciais para si próprios, uma vez que eles correspondem às demandas postadas e reenviadas no ambiente virtual. Os políticos correspondem aos meios de comunicação digital e deixam à deriva seus representados. Sem a representação política, a sociedade também se fragmenta e o sistema político traduz-se em uma novela democrática, que simula debates desprovidos de

conteúdo ideológico ou de um verdadeiro antagonismo de ideais e que se traduzem em opiniões, mas não de argumentos e ideias.

Os representantes políticos assumem a postura de tecnocratas que não possuem peculiaridades claras em posicionamentos distintos para a busca de solução de problemas e o mais nefasto é que a participação política passa a ser resumida a um *click* em determinadas informações. Esse *click* é o mesmo que é utilizado para os *likes* e *dislikes* das redes sociais e, por sua vez, traduz-se no mesmo *click* para o consumo de bens e serviços disponíveis na esfera virtual. Mercado e política tornaram-se similares para a participação dos sujeitos e essa postura é confundida com decisões políticas, o que, na verdade, é uma grande lástima e o grande maestro desse modelo pode ser comparado com a obra de George Orwell, *1984*, na qual o “Grande Irmão” gerenciava as necessidades individuais, tal como acontece nos dias de hoje com o *big data* que conhece as necessidades de consumo, vínculos, geolocalização etc.

Um filósofo que pensou sobre a problemática do controle sobre os sujeitos da época contemporânea foi Foucault (2014). Ele apontou para o controle político dos corpos e da vida, intitulado-o como conceito de *biopolítico*, com a diferença de que, nos dias de hoje, o controle digital (*panóptico digital*) vai mais além do domínio dos corpos, pois se passa para um domínio do pensamento e, portanto, o controle social encontrou sua expressão máxima em uma psicopolítica, que é uma forma de poder que age conhecendo a preferência de bens e serviços das subjetividades, sendo capaz de influenciar os pensamentos das massas de forma totalitária.

Os conceitos de Foucault (2014) descrevem a sociedade industrial da modernidade que se encontra fundamentada na administração, no planejamento e na burocracia, apresentados como reguladores neutros, que visam eficiência nas organizações que, por sua vez, caracterizam-se por serem objetivas e desinteressadas. Essas características revelam que há um interesse que subjaz a todo esse aparelho que é a ideia de dominação e controle social em prol do bom desenvolvimento da dinâmica empresarial. Comprova-se as ideias do pensador em questão com a análise da visão que o relógio e o tempo passam a ter. Desde a Revolução Industrial, quando foram implementadas as técnicas de rendimentos para a produção de bens e serviços, o relógio e o tempo passaram a ser os grandes senhores que vigiavam e regulavam as modalidades de trabalho para a eficiência na produção; porém ainda havia sempre a figura do capataz ou do supervisor que vistoriavam o desenvolvimento das ações na linha de montagem ou na organização.

Han (2013) demonstra que a sociedade disciplinar descrita por Foucault (2014) não faz mais sentido nas sociedades contemporâneas. Na atualidade, o modelo disciplinar configura-se em níveis capilares e neuronais, uma vez que o sujeito de rendimento não necessita de ordens

ou padrões exteriores para o desenvolvimento de trabalho: essa dimensão tornou-se psíquica. O autor percebe que, na sociedade do *exame* digital, o trabalho foi levado para a esfera psíquica e não mais se necessita da figura do capataz e/ou do supervisor, pois o próprio sujeito se pune e se autorregula, encontrando-se constantemente conectado, sempre visando um nível maior de eficiência.

Esse aparente modo de produção mais flexível, que se expressa nos ambientes de trabalho dos *home office*, é responsável por levar os sujeitos à autoexploração, que em muitas situações beira a exaustão e traduz-se em patologias, tais como síndrome de *burnout*, transtorno de déficit de atenção e até mesmo a depressão por falta de relacionamento interpessoal.

Nesse modelo de sociedade, a técnica e a tecnologia aplicadas ao mundo do trabalho apresentam-se em primeiro momento como libertadoras, mas diante dessa exaltação de progresso encontram-se muitas nuances que não são perceptíveis de imediato; a percepção do que existe de problemático nessa situação requer um tempo de reflexão para poder se compreender o outro lado da moeda. Não é tão visível a compreensão da outra face.

O trabalho, ao ser submetido de forma passiva a critério do extremo rendimento e desempenho por meio da racionalidade, pode ser percebido como o mito de que a razão humana pode resolver todos os problemas da humanidade subjugando as forças da natureza. Essa concepção, que se encontrava presente no Iluminismo, ainda ecoa na contemporaneidade. Mudaram somente os impactos dos efeitos, que antes eram percebidos na forma da racionalidade ao mesmo tempo em se desenvolvem novas criações. Estas já trazem em seu bojo características nocivas, ao mesmo tempo, tal como Han (2013) propõe, os efeitos da transparência que geram o cansaço.

É notório que as tecnologias digitais são utilizadas indiscriminadamente, sem a averiguação de bem ou mal, e servem para os mais diversos fins, na sociedade do *exame* digital. Os critérios são expressos por meio da eficiência, uma vez que o ordenamento das forças produtivas visa sempre a atingir níveis maiores na produção e competição. Os dispositivos tecnológicos tornam-se o fundamento das ações e os sujeitos não são mais finalidades em si mesmos e se tornam meios para se desenvolver qualquer coisa que esteja fora do ambiente virtual. Desse modo, as ideias antagônicas desaparecem, para tudo se tornar uma grande mesmice.

2.5 PSICOPOLÍTICA: AS RELAÇÕES HUMANAS POR MEIO DO VIRTUAL

O mês de março de dois mil e dezenove foi emblemático diante das cenas de violência extrema e homicida que foram filmadas e disseminadas na internet. Essa sequência de fatos foram: o crime de estudantes atiradores que cometeram um atentado em uma escola na cidade de Suzano, em São Paulo, e o crime do atirador que invadiu uma mesquita na Nova Zelândia, que o mundo inteiro testemunhou, ao vivo, pelo *Facebook*. Após a viralização desses fatos, surge uma questão: é possível se questionar se o uso excessivo da internet pode realizar uma formatação cognitiva nas subjetividades?

Han (2015), no texto *Psicopolítica*, possibilita a compreensão para alguns dos fenômenos que são produto da relação entre sujeito e o aspecto do virtual. O autor propõe uma reflexão sobre o conceito de crise na liberdade. Atualmente, considera-se livre quem possui um projeto autônomo contrário à ideia de que um projeto seja imposto por alguém ou qualquer outra forma de mando ou coação. Porém, nossa conjuntura atual, após a contribuição freudiana para a tradição de pensamento ocidental, afirma que os sujeitos contemporâneos vivenciam coações internas entre as instâncias do psiquismo. Ou seja, existe conflito entre desejos inconscientes e o rigor das normas e padrões que advêm da realidade externa. De acordo com Han (2015), essa coação interna já seria um fator limitador da liberdade dos indivíduos.

Da mesma forma, é preciso reconhecer que outros fatores se encontram vinculados como limitadores da liberdade; seriam os conceitos de rendimento e otimização que se encontram expressos nas obras: *Sociedade do Cansaço* e *Sociedade da Transparência*, de Han (2017a; 2017b). A liberdade pela busca de poder Ser (de entendimento foucaultiano) estabelece mais coação do que a liberdade imposta pelo Dever (de entendimento kantiano). O *dever ser* impõe limites para a subjetividade enquanto que o *poder ser* encontra-se vinculado com os conceitos de rendimento e otimização e, portanto, o conceito de liberdade encontra-se dotado de um paradoxo, pois o sujeito subordinado a si mesmo configura-se como escravo de si mesmo, sendo alguém que só incorpora conteúdos de trabalho no universo da transparência digital, vitimizandose em sintomas de depressão e cansaço constantes.

Nesse novo paradigma, o sistema neoliberal, por meio da transparência, constitui-se como um sistema extremamente perspicaz para a exploração das subjetividades, pelas sensações suscitadas pelas interatividades de redes sociais, jogos, bate papos, entre outros entretenimentos. As interatividades de sensações, por meio da transparência virtual, tornam as subjetividades autoexploratórias e, portanto, mais eficientes do que o mando por meio de regras das instituições disciplinares. Assim, o sistema neoliberal torna-se mais lucrativo

financeiramente, bem como satisfaz mais o sujeito (embora sendo um processo inconsciente), que admite *jogar* com o aspecto da autoexploração.

A liberdade compreendida como algo extremamente subjetivo desencadeia posturas narcisistas, em que todos os humanos conectados com a internet desejam falar, expressando opiniões sobre os mais diversos assuntos; isso demonstra que houve um esquecimento do ouvir e da introspecção. Han (2015) aponta que o caráter da liberdade deve ser entendido como uma realização coletiva, pois somente na vida coletiva é que um sujeito pode considerar-se livre.

De acordo com o pensamento marxista, a liberdade compreendida como individual tende a ser uma contribuição para o aumento do sistema capitalista, gerando uma maior aquisição de capital. Caso a liberdade seja encarada como algo individual, as forças produtivas também apresentarão paradoxo, pois trabalhadores não entrarão em conflito com as forças produtivas, uma vez que o sujeito explora a si próprio, em uma realidade em que o trabalhador e empresário fundem-se em instância psíquica.

Não é à toa que um conceito que se encontra em voga na conjuntura atual é o de empreendedor, isso porque o modelo neoliberal disseminado pela transparência converte o trabalhador em empreendedor. Tal característica tende a um extermínio de uma luta de classes, bem como a perda da noção primeira de trabalho vinculado a um meio de produção, sendo privado ou estatal. Na era do empreendedorismo, todos os sujeitos convertem-se em carrascos e vítimas de si próprios em um panóptico personalizado, sendo quase impossível a distinção entre burguês, dono de meios de produção e proletariados.

Sob o mesmo ponto de vista, alterna-se a visão de uma luta de classes para uma ditadura do capital, em que a autoexploração torna-se fortemente eficaz. Nesse plano parece ser impossível qualquer forma de revolução social e de propostas que tendam para benefícios do bem comum, pois o caráter revolucionário prescinde de uma dicotomia entre exploradores e explorados, fator esse que a transparência digital torna em migalhas com fator exponencial.

A mudança do modelo disciplinar para o modelo de rendimento proporciona uma visão aparente de que se o sujeito falha ou não obtém sucesso, o único e exclusivo responsável é o próprio sujeito e, portanto, constitui um problema pessoal e não o de um sistema ou causa exterior. O modo como se encontra estruturado o sistema que responsabiliza única e exclusivamente o sujeito de rendimento, leva este a introjetar a culpa do fracasso somente para si próprio e pode levá-lo a desenvolver violência na forma de autoagressão.

Os sujeitos tidos como revolucionários tornam-se sujeitos depressivos que em vez de encontrarem buscas racionais para transformarem o sistema cometem, por desespero, atos de

extrema violência das mais variadas formas. O questionamento que subjaz ao problema é buscar respostas sobre em que consiste a liberdade diante de tal cenário.

Han (2017c) sugere que, com a ausência da religião e do caráter transcendente, a civilização optou por não ser livre, pois diante de um contexto teológico cristão todos os sujeitos são culpados, desde que se cometeu o pecado original. Essa visão de mundo teológica possibilita o entendimento de que a liberdade venha a ser uma conquista individual, pois a ideia de culpa é uma ideia contrária à ideia de liberdade. Porém o dilema se perpetuará frente ao modo de produção capitalista, uma vez que quanto mais dinheiro se possui, mais conquista de liberdade o sujeito terá, ou seja, o “deus” contemporâneo será o acúmulo de capital.

O advento da internet, até o presente momento, é celebrado apenas como mecanismo que possibilita a ampliação da liberdade. Essa ilusão não permite, em uma totalidade ou aspecto maior, verificar e quantificar os efeitos nocivos que vieram junto com tal *progresso*. Porém surgem estudiosos que, por meio de pesquisas, apresentam facetas negativas do impacto dessa tecnologia no cotidiano, como os efeitos de se passar tempo demais conectados, impactos da luz dos displays de dispositivos móveis durante o período noturno, que privam o sono saudável.

Em conformidade com as pesquisas sobre os efeitos negativos da hiperconectividade, há que se lembrar do caráter de controle sob as subjetividades comparando-se a um panóptico digital de alta visibilidade. Tal servidão a esse paradigma acontece de forma voluntária, por meio da utilização de redes sociais.

A prospecção realizada por George Orwell, na obra *1984*, se faz sentir diante dessa configuração, na qual a internet tornou-se o “grande irmão”, pelo qual os sujeitos se autovigiam. A tecnologia da internet possibilita mostrar aparentemente dados sem conexão, mas que contribuem para o acúmulo de dados em um gigantesco sistema *big data*, que encontra sua expressividade máxima na utilização de *smartphones*, que, por sua vez, podem ser comparados com confessionários móveis que se encontram a serviço do capital, constituindo-se como comunicação transparente que anula aspectos secretos e a alteridade sob a forma de dignidade frente a presença de um rosto humano físico.

Em conformidade com essa situação o valor maior faz que todas as ações se tornem produtividade, sem se importar com a ideia de contexto. A comunicação sem limite, por meio da transparência virtual, extingue o caráter de *atopia*, que é constituinte da alteridade, pois tal fator representa obstáculos frente à transparência. Sem os aspectos da *atopia*, tais segredos mostram-se opacidade e, portanto, um obstáculo a ser removido.

Sem os obstáculos que definem a interioridade das subjetividades, a comunicação torna-se acelerada e dotada de hiperinformação, e nesse ínterim a exigência de transparência é

necessária para muitas áreas do conhecimento, inclusive para o campo da política. Porém, subjetividades que desempenham papéis políticos não necessitam de caráter transcendente para suas respectivas ações porque as funções políticas entendem apenas a urgência de suas prioridades. Saliente-se que as reivindicações de eleitores podem ser comparadas com a reclamação de um consumidor virtual frente à aquisição de um determinado produto. O modo de configuração global pautado no neoliberalismo tende a entrelaçar o entendimento dos conceitos de cidadania e consumo e essa característica se reflete no âmbito eleitoral, pois o eleitor é encarado como consumidor, não possuindo interesse para propostas que digam respeito à ideia de bem comum.

Em consonância com o descrito acima é possível notar mais um paradoxo, pois se percebe uma atitude contraditória com o que se entende por política como disputa entre discursos e ações divergentes. O sistema *big data* torna-se uma *psicopolítica* digital e que tende a intervir na atividade de pensamento e em tomada de decisões sem a devida importância de explicações sobre o pensamento. Uma vez que esse mecanismo de controle se faz efetivo, comprova-se a característica de se quantificar as subjetividades, em que o conceito de poder passa a ser compreendido por uma negação da liberdade.

O poder que necessite recorrer à violência para permanecer em vigor não se constitui como forma suprema, porém a negação da liberdade adquire outro paradoxo como manifestação. Já o *poder* como expressão da repressão também se constitui como problemático e também paradoxal, pois para ele se constituir como legítimo se pressupõe a liberdade como componente indispensável de manutenção positiva.

O sistema neoliberal compreendeu que, para sua legitimação, é necessário o conceito de liberdade e a utilização da transparência, por meio das tecnologias virtuais. As subjetividades não se enxergam ou se compreendem como dominadas e submissas ao sistema, pois a interatividade com esse ambiente proporciona a ideia da liberdade, somada com a ideia de atividade e ação.

Portanto, a forma de poder dispersa e efêmera que se manifesta por meio da transparência digital é muito mais eficiente do que as formas de poder convencionais que são desempenhadas por instituições disciplinares, nas quais a função dessa nova forma de poder não se trata mais de estabelecer controle, mas, sim, de ativar a *performance* dos sujeitos, em vez de ordenar e prover ideias e comportamentos.

Conforme se comprova uma maior disseminação, tanto de consumo de dispositivos tecnológicos como um maior número de subjetividades conectadas ao universo da internet, amplia-se a falsa noção de liberdade que se encontra intimamente vinculada com a

transparência virtual e, portanto, constitui-se como forma de poder mais afirmativa do que negadora de uma pseudoliberalidade, sendo muito mais prazerosa do que repressora. Por conseguinte, pode-se inferir que a transparência possibilita sensações positivas sem gerar conflitos com as subjetividades que se encontram conectadas à rede.

Verificando o comportamento de sujeitos que se encontram conectados à rede, não importa o silêncio ou a falta de ações físicas no mundo: o que realmente importa são os estímulos desempenhados por quem se autoexplora na busca de eficiência em âmbito virtual, pois não se tem consciência de busca de liberdade em um sistema que aproveita de ambivalência para fazer os sujeitos se autoexplorarem em *performances*, metas, número de acessos, *likes* entre outras formas que indiquem a conectividade *online*, sob forma de rendimentos que constituem o universo da transparência.

Por fim, é possível compreender que, no âmbito das sociedades de controle, as formas de poder deixam de relacionar-se com a morte e passam a dominar a vida, possibilitando uma nova compreensão para o conceito de subjetividade. De acordo com Han (2015, p. 35), no escrito *Psicopolítica*:

O corpo dócil deixa de ter lugar no processo produtivo. A ortopedia disciplinar é substituída pela cirurgia plástica e pelos centros *fitness*. A otimização corporal é muito mais do que uma nova *práxis* estética. O *sexness* e o *fitness* transformam-se em recursos econômicos que podem aumentar comercializar e explorar.

A transição do modelo disciplinar para o modelo de controle obteve maior êxito sobre o domínio dos corpos para torná-los forças produtivas e não mais para castigá-los. O poder disciplinar impõe uma coerção para se conduzir a uma ação, gerar “bons comportamentos” e utilidade. A crença do poder disciplinar seria a de se ter sujeitos obedientes que cooperariam com a manutenção do sistema e, portanto, o poder disciplinar é dotado de uma negatividade própria, possuindo normas e regras próprias em que a característica de violação delas trazem um mal funcionamento da estrutura disciplinar, até mesmo o decreto de sua falência. Por isso os sujeitos que transitam nesse modelo estrutural seguem seus respectivos protocolos, havendo a possibilidade de seguir ou rejeitar as normas ditadas por elas.

Já nas sociedades de controle, o sistema neoliberal almeja o controle da psique dos sujeitos e não meramente seus corpos e, portanto, o sistema *big data* constituiu-se como melhor instrumento na coleta de preferências individuais, para se obter um controle em nível psíquico. Por analogia, percebe-se que existe conflito entre os modelos estruturais do panóptico disciplinar *versus* panóptico digital, em que o *big data* propõe uma maior liberdade no que diz

respeito a combinação de palavras. Nesse último modelo existe a possibilidade de acesso a sensações de desejo, em vez de normas e conceitos ditados por um supervisor ou gerente no interior de instituições disciplinares. Conclui-se que há uma maior preferência das subjetividades frente ao modelo do panóptico digital em detrimento do panóptico disciplinar.

É possível compreender que o regime neoliberal se constitui como amplamente permissivo que, em um primeiro momento, pode se caracterizar por ser uma forma de poder amável e prazeroso, pois é um ambiente que permite ao sujeito fazer autoexposição, tornando qualquer um o centro da encenação. O ambiente da transparência é permissivo e dotado de iluminação, por meio de telas e displays, possibilitando aos sujeitos serem desnudos de forma paradoxal, pois podem ser despidos das máscaras das convenções e regras disciplinares e até mesmo de mostrar a nudez do corpo. Tal paradoxo proporciona uma grande coincidência entre comunicação e controle.

Frente a essa configuração, cada subjetividade tornou-se um panóptico de si mesmo que adquire a finalidade de promover a si próprio com excesso em uma única e exclusiva positividade. O poder da transparência se torna travestido em um mecanismo sutil, que não se apropria do corpo do sujeito uma vez que ele se encontra como ator de reprodução. O sujeito compreende como liberdade a exposição de si mesmo diante da transparência. Imediatamente, a sensação primeira de contato e experiência com o âmbito da transparência virtual é de que há uma liberdade efetiva por meio da escolha de interações e entretenimentos que são disponibilizados no citado ambiente.

Compreende-se que o regime neoliberal não possui a pretensão de dominação do corpo dos sujeitos pois, na perspectiva de se ficar sem rendimento, percebe-se que o sistema parece importar-se, não somente com o corpo, mas também com sua totalidade. O sistema se aproveita da dualidade humana, que é dotada do aspecto biológico/fisiológico, bem como o atributo de racionalidade.

Em vista da apropriação do sujeito frente ao mecanismo do neoliberalismo utilizado pela sociedade de controle, compreende-se o intento de extermínio de todas as barreiras de comunicação que se tornou o grande *slogan* de nossos dias, chamado *transparência*. Desse “novo” modo de vida que encontra sua máxima expressividade na hiperconectividade, sob a forma de servidão voluntária, apresenta sintomas de enfermidades psíquicas que, por sua vez, contribuem para a manutenção do sistema na forma comercial de venda de remédios, livros de autoajuda, terapias que prometem a maximização de performances dos sujeitos. Essa característica pode ser comparada com um novo projeto de educação, no qual o indivíduo encontra autonomia para otimizar a si próprio.

No conflito das instâncias internas do sujeito que se digladia consigo próprio, o sistema possibilita o surgimento de novas profissões para as mais diversas áreas do conhecimento, tal como *coaches*, terapeutas motivacionais, que prometem a otimização de rendimentos, e também suscitam as mais variadas sensações de que tudo pode ser possível para o sujeito. A necessidade de otimização que afeta as sensações nutre o sistema na forma de um capitalismo de emoções.

A tradição de pensamento ocidental privilegiou a instância racional do ser humano, porém é de grande importância trazer à tona a dimensão estética, na acepção sensitiva de emoções. O grande problema é que essa característica está encerrada no aspecto subjetivo, pois, no aspecto de poder e governabilidade, é difícil suscitar uma sensação única e exclusiva para uma grande massa. Porém esse foi o grande triunfo obtido pelo ambiente da transparência virtual, em que cada sujeito possui a pseudoliberalidade de escolher sensações subjetivas, que permitem encarar o tédio frente à realidade cotidiana.

O sistema capitalista necessita de uma racionalidade sob a forma de possibilitar propostas de consumo que estejam vinculadas com sensações. Compreende-se que, nesse instante, houve um processo dialético no qual o sistema, por meio da transparência, operou a síntese entre sensações somadas ao desejo que são escolhidas de forma racional e, por fim, encerra-se na ideia de um consumo.

A equação entre valores de uso e valores emotivos atinge seu ápice no sistema da transparência virtual e mascara o caráter de vigia e controle sobre as subjetividades. Dessa maneira a transparência adquire o êxito de conectar a todos por meio do viés das emoções, por mais diferenciadas que possam ser de pessoa para pessoa. Nesse cenário, o capitalismo se transforma em uma ditadura das sensações, que introduz emoções e necessidades para o consumo, bem como a necessidade de emoções vinculadas ao mundo do trabalho, no qual gestores, diretores de escola, chefes de setor, transformam-se em sujeitos geradores e transmissores de boas emoções ou, como se fala no cotidiano, portadores de energia positiva.

As sensações tornam-se uma ferramenta do âmbito da transparência e do poder psicopolítico, que encontra máxima fluidez na capacidade de compartilhar informações em um tempo presente que é constante. Na convivência com os estudantes do Ensino Médio, verifica-se uma grande dificuldade em compreender o momento presente como o resultado de um passado histórico que resultou na configuração atual.

No âmbito escolar, é possível vislumbrar uma certa diferença de *status* entre as áreas de conhecimento, em que se percebe que o maior prestígio se encontra com as disciplinas vinculadas com as ciências, principalmente a física e a matemática. Ao analisar o escrito

Psicopolítica, de Han (2015), compreende-se que a conjuntura atual da transparência encontra-se pautado sob o conceito de “*dataísmo*” cuja estrutura se encontra pautada em uma ordenação binária:

Promete uma falsa clareza [...] hoje os números e os dados não só se absolutizam, mas também se sexualizam e fetichizam. O *quantified Self* constrói-se precisamente através de uma energia libidinal. Em geral, o dataísmo assume traços libidinosos, ou até mesmo pornográficos. Os dataístas copulam com dados. Fala-se assim de “*datasexuals*”. Estes são “inexoravelmente digitais” e consideram os dados *sexy*. O dígito aproxima-se do falo. (HAN, 2015, p. 68-69).

O suposto *status* das disciplinas científicas, especificamente das que possibilitam índices de previsibilidade, como no caso a matemática, advém desde o período moderno. Nos dias atuais, a programação de inteligências artificiais sob a forma de *hardware* constitui a cena principal na conjuntura epistemológica.

Diante dessa hierarquia de prevalectimento de formas de conhecimento exato e objetivo, a reflexão filosófica torna-se um adereço secundário que o senso comum e gestores de produção de conhecimento comparam com artefatos de perfumaria, não no sentido de ser algo prescindível, mas que adquire o caráter de enfeite ou acréscimo subjetivo para o diletantismo ou como mais uma forma de conhecimento, como a dos *coaches* e da autoajuda.

Porém, ao se analisar de forma filosófica dialética a elevação do *status* de disciplinas exatas e de linguagens de programação, compreende-se que a razão se torna eclipsada pela característica de ter se tornado meramente instrumental e que esgotou a possibilidade de refletir sobre si mesma, constituindo-se como a crença em uma nova mitologia. Os pensadores da Escola de Frankfurt, ao término da Segunda Guerra Mundial, já haviam feito essa denúncia ao estudarem especificamente o pensamento de Marx e Freud. Revelaram que o projeto iluminista da razão de resolver todos os problemas da humanidade entrou em colapso, pois esses estudiosos compreenderam que a razão pode adquirir a forma de uma grande organização que pode exterminar vidas com a ideia de progresso e realizar tal propósito em escala industrial. Portanto, as disciplinas exatas e linguagens de programação configuram-se como a crença em mitos contemporâneos cujos avanços podem adquirir o mesmo valor simbólico que a razão iluminista possuía.

A barbárie das ações cometidas atualmente, e que podem ser visualizadas por meio da *transparência* digital, são manifestações de crenças subjetivas de que se está travando uma luta ou agindo de maneira que venha a ser correta como forma de contribuição para a melhoria moral do bem comum. Como exemplo, lembremos as ações dos atiradores de Suzano, em São

Paulo, que possuíam a crença de resolver a questão do *bullying*, e do atirador da mesquita, na Nova Zelândia, que pensava estar resolvendo o caráter da falta de emprego naquele país.

Surge a crença no mito de que as ciências exatas e as tecnologias, que possibilitam a transparência digital, podem ofertar um conjunto de dispositivos e aplicativos (quantificadores de temperatura, deslocamento de ar, pesagem, distância, nível de calorias, glicose e pulsações) que adquirem extrema importância para a vida cotidiana e portanto, possibilitam tornar previsível as ações das subjetividades, bem como a de propor ampliação da *performance* e rendimento. As consequências, que advém como reflexo desse paradigma são justamente o cansaço exaustivo e o surgimento de inúmeros transtornos.

Ora, se o paradigma da transparência e de crença na quantificação é por excelência valor absoluto de nossos dias, questões de natureza filosófica encontram-se em segundo plano, para não dizer que se encontram banidas da vida, mas que subjazem à existência. Tais perguntas não podem ser respondidas por previsibilidade de cálculos ou de combinação binária de programação. Essas perguntas dizem respeito a substantivos abstratos e que constituem alimento para a investigação filosófica: O que é a felicidade? O que é conhecimento? O que é a política? O que é a Escola? O que é Trabalho? O que é a Beleza? Caso a realidade por completo possa vir a ser compreendida como dados, então as questões acima descritas não serão mais necessárias, pois não terão mais sentido.

Cada movimento e *clicks* realizados no *mouse* passam a ser registrados no âmbito virtual e se transformam em expressões e significações do que ou de quem é a subjetividade que se encontra conectada, por meio do que se pesquisa, assiste ou lê e tais acessos são armazenados no chamado *big data*. Os dados armazenados nos sistemas de *big data* constituem uma formatação que impele os sujeitos para o consumo ou para a realização de determinadas ações que podem ser a execução de estudantes em uma escola, a revolta contra grupos étnicos e até mesmo para eleição de representantes políticos.

A história da humanidade é a narração de testemunhos que foram transcritos em documentos, já o *big data* é um sistema que é fomentado meramente de combinação binária e não serve como narrativa de feitos e fatos sob a forma cronológica.

Portanto, se trouxermos conceitos freudianos para a compreensão do fator da ausência de narrativas no período contemporâneo, fica evidenciado que a força de uma memória inconsciente se encontra como contrária a instantes presentes constantes, que constituem a transparência por meio de bombardeios volumosos, tanto de informações que se expressam em comentários subjetivos constituintes de *shitstorm*. As informações inconscientes se reordenam,

não se tornam meramente a um igual, mas vão adquirindo a postura de uma nova narratividade. Já no âmbito da transparência constituem-se como cronologia que não podem ser relatadas.

A psicanálise freudiana possibilita compreender que a força da memória consiste no fato do passado de reinventar-se atribuindo significados, por ênfases de circunstâncias que manifestam estados de ânimo frente ao real.

Eis a diferença temporal que necessita de implemento à memória digital do *big data* em comparação com a memória viva das subjetividades, pois essas podem ser recuperadas e repetidas de maneira que possam ser revividas e reinventadas em novas significações. A memória temporal, de que carece a memória digital, é capaz de reinvenção.

As subjetividades que, por meio do conhecimento ou da educação aprenderam de alguma forma a lembrarem-se, percebem a possibilidade de vivenciar um passado novo e distinto. A memória das inteligências digitais, que fomentam a transparência por meio do *big data*, sempre recordarão apenas os dados e endereços já acessados, sem efetivar a passagem de ressignificar momentos que já foram vivenciados.

A transparência, ao representar um constante contínuo, possibilita acessos por meio da correlação de dados, sem a ressignificação da condição de existência da subjetividade e que se traduz sob a forma de uma igualdade positiva constante. O sistema da coleta e entrecruzamentos de informações que constituem o *big data* possibilita apenas correlação de dados que demandam a reflexão de conceitos que constituem o alimento da filosofia. Pode-se afirmar que a tecnologia pretende atingir a um absoluto, que a produção técnica carece de significação absoluta para o desempenho da tarefa a que se pretende. Sem o caráter de um espírito absoluto ou esforço racional na busca de compreender a totalidade, as demais informações vinculadas ao âmbito da transparência assumem meramente um caráter aditivo pautado em relações binárias.

Frente a esse grande acordo, atos e ações também passam a ser trocados e comercializados, de modo que uma estrutura vigilante e consumo adquire uma ideia única, pois os atos de acessibilidade manifestam mais veracidade por meio de acessos à informações da transparência do que determinada subjetividade possa ter em suas relações ordinárias e cotidianas. Na perspectiva da transparência digital, o sujeito manifesta mais um paradoxo em que não se é racional única e exclusivamente, pois o sujeito revela suas emoções frente ao conteúdo com o qual se encontra interagindo.

A massificação de conexão, por meio da transparência, desemboca em padrões de comportamento, nos quais os indivíduos constituem em um grande acordo (*big deal*), em que todos os atos se comercializam por meio da estrutura vigilante e do mercado, na qual se

encontram fundidos. Nesse contexto, o sistema *big data* e as organizações conhecem o perfil de seus usuários e estabelecem classificações, e se torna possível até mesmo a padronização de sujeitos por meio de estereótipos de quem pode ser recebedor ou não de valores sob a forma de crédito. Quais são os perfis de pessoas que podem vir a nutrir o sistema *big data* e quem pode meramente ser expurgado? O sistema será nutrido pelas subjetividades que conseguem introjetar sob a forma de performance e de autocoação/exploração, sem ser completamente consciente dessa forma de configuração de mundo.

A completa conexão tende a ser ampliada cada vez mais para tornar a comunicação dotada de maior desempenho e como reflexo a tendência de aumento da repetição da *performance* sob a forma de ações, frequentar lugares, refeições, marcas etc. Portanto, peculiaridades de singularidade e relações reais/físicas com a alteridade encontram-se cada vez mais diminuídas frente à transparência digital. A manifestação de relações contrárias à alteridade na esfera da transparência tende a se banalizar, pois a existência do “diferente” pode apresentar empecilhos na comunicação da mesmice com características rasas.

Na realidade caótica da transparência, em que tudo se comunica sob a forma da mesmice com características rasas, a comunicação e o tempo tornam-se extremamente acelerados. Com essa característica no âmbito da transparência virtual torna-se o grande espetáculo que pode incorporar idiotas, loucos e fanáticos que possam vir a cometer inúmeras ações não só em âmbito virtual, bem como cometer ações catastróficas no mundo material/físico na esfera privada ou pública.

Han (2015), no último capítulo do escrito *Psicopolítica*, traz como título “*idiotismo*”, pois denuncia que, no contexto de transparência e do *big data*, admitem-se muitas subjetividades que expressam idiotices, loucura, fanatismo, e o mesmo ocorrerá com a Filosofia.

O autor do escrito cita Gilles Deleuze, que classifica a história do pensamento filosófico como sendo a história dos idiotas e está dividida em dois momentos: a) em um primeiro momento, o idiotismo no mundo grego antigo representado pelo personagem de Sócrates, que afirmava que só sabia que nada sabia; b) em um segundo momento, o idiotismo é identificado com o *cogito* cartesiano que põe tudo em dúvida. Pode-se acrescentar um terceiro momento para caracterizar o *idiotismo* contemporâneo. Han (2015) escreveu sobre isso dizendo que o *idiotismo* de tipo marginal, do louco, está praticamente desaparecido da sociedade, devido à totalidade da conexão em rede que aumentam em nível considerável o sentimento de conformidade.

Nesse contexto, a filosofia é descrita como uma nova língua, um novo pensamento, no qual, por mais idiotas que possam vir a constituir-se, como exemplificado na elucidação de Deleuze, a filosofia, com sua peculiaridade, seria a única forma de se acessar o *outro* sob a forma de alteridade. O idiota filosófico é comparado com um herege, único capaz de gerar oposição frente à transparência e à aceleração do tempo. Seria também uma figura que constrói espaços livres de silêncio, frente à coação e à conformidade crescente.

3 UMA PROPOSTA DE EXPERIÊNCIA DE REFLEXÃO A PARTIR DO TRABALHO COM FOTOGRAFIA

A proposta de aplicação do presente trabalho surgiu frente aos questionamentos suscitados pela leitura dos ensaios de Han, principalmente os conceitos de *Transparência* e de *Cansaço*. A questão principal diz respeito ao fato de que embora a tecnologia seja, em geral, apenas louvada por suas benesses, é preciso reconhecer que ela possui um efeito paradoxal, possui também uma faceta negativa, que conduz os sujeitos contemporâneos ao repasse e à caça de pseudoinformações. É o impacto da hiperinformação em ambiente de transparência digital, que conduz os sujeitos ao esgotamento de si próprios.

Teve-se por intenção constatar por meio da prática do tema abordado neste projeto se os conceitos do autor possuem ecos entre os jovens que estudam no Ensino Médio, principalmente os de primeiro ano, que estão na faixa etária entre quinze e dezesseis anos, portanto, recém concluintes do Ensino Fundamental. Esses jovens se caracterizam por apresentar grandes dificuldades no que diz respeito à abstração, à elaboração de reflexão por escrito e possuem um grande conjunto de defasagens que trouxeram da formação que abrange o Ensino Fundamental, do quinto ao nono ano. É notório que deve ser levado em consideração a idade cronológica desses sujeitos, uma vez que se encontram em processo de formação.

Um diagnóstico realizado em ambos os colégios em que o autor do presente trabalho leciona aulas de Filosofia mostra que alguns dos estudantes não frequentavam a primeira aula, que tem início às sete horas e quarenta minutos. Como consequência, esses estudantes recebiam falta no registro de classe. Em ação conjunta com a equipe pedagógica, soube-se que os estudantes que perdiam o horário da primeira aula têm o costume de navegar em redes sociais em celulares até altas horas da madrugada e como consequência frequentam a instituição disciplinar da escola com sonolência e dispersão durante as aulas. Foi criado grupo no aplicativo *WhatsApp* e se comprovou o horário das postagens. Como sabemos, a formatação do espaço disciplinar é pautada no modelo foucaultiano centralizado na figura do professor e, por mais diferenciada que possa ser a metodologia utilizada, sempre há a resistência de alguns estudantes em participar, como é possível perceber em atividades de seminários, debates, *quizzes* (desafios), atividades de perguntas e respostas para outras equipes etc.

No contexto atual dos dispositivos móveis digitais, pode-se afirmar que se beira quase a impossibilidade do docente de competir com sua exposição dialogada, que consiste de uma sequência de raciocínios, frente aos prazeres audiovisuais disponíveis na rede, na forma de aplicativos e games. É tudo o que a juventude enaltece e faz parte de seu modo de vida. As

necessidades próprias de suas vivências cronológicas encontram-se supridas nesse espaço, pois ali há a interatividade, o desafio, a libido e as mais diversas manifestações estéticas, como videoclipes, humor, músicas etc.

Com o modelo disciplinar da escola atual, as atividades propostas para a aprendizagem são maçantes para os estudantes que não conseguem satisfação em ouvir explicações meramente teóricas. Verifica-se, no modelo maçante, que é comum a existência de violência, que ocorre entre os próprios estudantes e deles com os demais sujeitos que constituem a comunidade escolar. Ainda é preciso considerar que o simples fato de se exigir que os estudantes permaneçam passivos prestando atenção durante todo o período de aulas já se torna uma forma de violência.

Em pesquisa na internet houve a constatação de que a maioria dos estudos sobre a aplicação da fotografia como metodologia de ensino demonstra que existem somente visões positivas, portanto que são contrárias ao diagnóstico demonstrado por Han, que provou ser a vida contemporânea da transparência apenas imagens em monitores e *displays*.

Considerando que as novas gerações possuem enorme interesse em tecnologia, principalmente relacionada a dispositivos móveis, foi pertinente aproveitar esse interesse para problematizar sob a forma de uma metodologia de conteúdos que permitem a reflexão filosófica. De acordo com o texto *Pequena história da fotografia*, de Walter Benjamin:

A natureza que fala à câmera é diferente da que fala aos olhos. Diferente, sobretudo porque a um espaço consciente explorado pelo homem se substitui um espaço em que ele penetrou inconscientemente [...] a fotografia, com os seus meios auxiliares – o retrator, a ampliação – capta esse momento. Só conhecemos esse inconsciente óptico através da fotografia, tal como conhecemos o inconsciente pulsional através da psicanálise. (BENJAMIN, 2017, p. 55).

Com a aplicação da atividade constatou-se que a maior parte das fotos registradas pelos estudantes pesquisados revelou fatos corriqueiros que se expressam de forma comum no âmbito das redes sociais. Alguns estudantes manifestaram *insights* dotados de beleza, demonstrando sutileza na elaboração do registro dos conceitos sugeridos em classe. A maioria dos estudantes cumpriu a atividade solicitada, porém a interrogação que permanece é: até que ponto foram autênticos em suas representações ou apenas introjetaram o comando dado pelo professor.

Executando a atividade proposta, foi solicitado aos estudantes que elaborassem registros fotográficos sobre os temas:

- a) O que é o Amor?
- b) O que é a escola?

- c) O que é Conhecimento?
- d) O que é a Beleza?
- e) O que compreendo por trabalho?

Para cada um dos referidos temas, foi solicitado que se elaborasse o registro de três imagens fotográficas contendo qualquer instante que chamasse a atenção. Isso foi exposto em classe, e também explicado que se poderia capturar imagem com características de uma perspectiva micro ou macro da possível manifestação. Não foram trabalhados conceitos de fotografia com os estudantes, tais como luz, sombra, textura, entre outros que constituem a fotografia, uma vez que o professor da disciplina de Filosofia, não detém conhecimentos técnicos sobre esse assunto. Após serem realizadas três imagens para cada um dos temas propostos, foi solicitado aos estudantes que elaborassem uma legenda explicativa, para serem postadas em um perfil da classe criado no Instagram.

3.1 DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE

A proposta foi aplicada em duas escolas públicas da cidade de União da Vitória: Colégio Estadual Astolpho Macedo Souza e Colégio Estadual Neusa Domit. Primeiramente descreve-se a realização da proposta do presente trabalho no Colégio Astolpho Macedo Souza, em duas turmas de primeira série do Ensino Médio. Nesse colégio foi aplicado um questionário de dez questões com respostas fechadas com alternativas específicas, tendo o intento de quantificar o uso e o tempo despendido dos estudantes com a utilização de tecnologias virtuais que possibilitam o acesso à internet. As questões pretendiam constatar o modo de utilização da tecnologia e os referidos impactos da transparência virtual na vida dos estudantes.

O resultado obtido por meio da amostragem do grupo focal gerou de início uma mera formalidade (obrigatoriedade em responder o que estava sendo solicitado), pois, a princípio, as questões pareciam estar voltadas para o desenvolvimento do conteúdo estruturante da disciplina de filosofia do segundo semestre (para os estudantes do primeiro ano que consistiu em Teoria do Conhecimento, de acordo com a proposta de plano de trabalho docente). Não foi alertado aos estudantes sobre a verdadeira problematização específica de impactos nocivos da transparência virtual sobre a vida subjetiva e nas relações humanas na vida cotidiana. Portanto, os estudantes foram surpreendidos com a proposta do questionário, mas com suas respostas foi possível constatar uma quantificação sobre os meios tecnológicos utilizados e conteúdos mais acessados, tanto para entretenimento como para formação institucional escolar. Ou seja, foi possível uma compreensão sobre a determinação de fatos que ocorrem com os estudantes da

referida faixa etária, para se conhecer um pouco como se dá a relação desses jovens com a transparência virtual e o que creem que isso seja.

As questões apresentadas no questionário possuíam um caráter fechado pautado no aspecto da múltipla escolha, com o intento de se delimitar um campo para a compreensão da conduta. A utilização do questionário demonstrou que todos os estudantes que fazem parte das turmas em questão, acessam à internet por meio do uso de celulares, e interagem em redes sociais por meio desse dispositivo tecnológico.

Com essa ferramenta foi possível realizar o recorte do problema da pesquisa que foi o de demonstrar que existem aspectos nocivos do impacto da internet e da hiperconectividade à rede e, por meio das respostas individuais dadas, constatou-se quais condutas e sintomas os estudantes manifestam no interior da instituição disciplinar da escola. As respostas dos estudantes demonstram uma padronização ética que possibilitam considerações práticas e que se manifestam em vivências cotidianas.

As questões elaboradas para o questionário sobre o uso de tecnologias de acesso à transparência virtual da internet foram pensadas levando em consideração o desejo de se fazer uma quantificação dos interesses que os jovens possuem pela interatividade virtual para as relações humanas, por meio de redes sociais, bem como do caráter epistemológico subjetivo de formação do conhecimento.

A primeira etapa foi a aplicação do questionário que consistiu em documento do Word, contendo dez questões, que podem ser subdivididas em quatro interesses fundamentais, para se constatar os problemas referentes à utilização excessiva da conexão via internet, tão bem expressos pelo autor Byung-Chul Han, utilizado como principal referencial teórico do presente trabalho. Os grupos de interesse são:

- 1º) Levantamento do caráter cronológico dos entrevistados;
- 2º) Meios utilizados para o acesso a internet;
- 3º) Tempo despendido para nas relações virtuais;
- 4º) Redes sociais mais utilizadas.

As dez questões surgidas dos referidos tópicos acima se especificaram na seguinte forma (ANEXO A):

- 1) Qual é a sua idade?

Essa questão pertence ao primeiro grupo e possui a finalidade de constatar a idade cronológica dos entrevistados, bem como de sua particular afinidade de gosto e padrão comportamental por relações humanas pautadas na utilização de dispositivos móveis que possibilitam acesso à internet. Vale ressaltar que todos os entrevistados

correspondem a classificação escolar de idade/série, sem defasagens em reprovações.

2) Onde acessa à internet com mais frequência?

Os entrevistados possuem em suas residências o acesso à internet, mesmo sendo estudantes da rede pública de ensino.

3) Qual recurso tecnológico você utiliza para acessar a internet com mais frequência?

O dispositivo mais utilizado pelos estudantes do Ensino Médio revelou ser o aparelho de celular, uma vez que o custo desses aparelhos se encontra mais em conta no mercado do que outros, tais como computadores do formato *desktop* ou mesmo *notebooks*, embora esses dispositivos apareçam em segundo lugar.

4) Com que frequência se conecta a internet?

- a) Essa quarta questão vem ao encontro dos levantamentos demonstrados pelo autor-base da pesquisa bibliográfica, demonstrando que existe um grau exacerbado de uma interdependência da conectividade com a transparência virtual, por meio da internet, e que seus efeitos não são percebidos de imediato, a não ser que seja desenvolvido um trabalho de esclarecimento e reflexão filosófica sobre a existência de aspectos nocivos que afetam a relação do ser humano com o mundo, principalmente dos jovens que se encontram em estágio de formação escolar;
- b) A maior porcentagem das repostas demonstrou que parece não haver interesse em relações físicas/concretas para vínculos entre subjetividades;
- c) O caráter de dependência das relações virtuais se mostrou como uma necessidade de: várias vezes ao dia, a todo momento.

5) Tem o hábito de entretenimento em jogos digitais online?

Os jogos sempre constituíram um papel importante para a construção do conhecimento, propondo regras. Porém, em nossa atual conjuntura de conectividade com a transparência virtual, esses jogos mudaram o enfoque, pois

se os jogos e brincadeiras antigas necessitavam o desenvolvimento de habilidades de movimentos e técnicas com o corpo (construção do conhecimento pela via da empiria da subjetividade), atualmente essa tendência ainda é exigida, mas voltada para o caráter do pensamento racional e da agilidade dos dedos para o comando de teclados, *mouses* e *joysticks*.

Como já expressei anteriormente em parte deste trabalho, é difícil a instituição escolar competir com os jogos virtuais. A instituição escolar encontra-se configurada na personalidade do professor e na sua ação ao trazer o conhecimento. A competição se torna assimétrica frente ao monólogo expositivo frente aos desafios do ato de ensinar. O que foi de importante constatação sobre a interatividade, por meio de jogos online, é que ambos os gêneros possuem jogos que satisfazem suas necessidades na relação com o mundo da transparência virtual.

6) Participa de redes sociais?

O impacto da transparência virtual trouxe mais à tona o caráter do narcisismo subjetivo. O que não foi possível constatar no desenvolvimento do trabalho como algo conclusivo foi a percepção de que a hiperconectividade ocorre por si mesma, como forma de dependência ou se é produto de falta de vida coletiva. Não foi possível constatar se a transparência virtual torna os sujeitos contemporâneos *ilhas isoladas*, restritas apenas a seus corpos e suas consciências, com a necessidade de demonstrarem em âmbito virtual o que estão fazendo, e que não podem ser percebidos em relações cotidianas coletivas, tais como alimentação, padrões estéticos de parceiros amorosos, lugares que frequentaram etc.

7) Participa de quais redes sociais?

As redes mais populares, de acordo com os estudantes entrevistados, seguiram o seguinte *ranking* para os três primeiros lugares:

1° - Facebook

2° - WhatsApp

3° - Instagram

Cabe uma ressalva nesta questão: foi possível para os entrevistados marcarem mais de uma alternativa sobre a utilização das redes sociais.

8) Com que frequência acessa a internet?

Essa questão demonstrou ser de grande intensidade o índice de conectividade frente à transparência virtual dos estudantes. Como demonstra o gráfico que se encontra no Anexo A deste trabalho, as alternativas mais assinaladas foram: *frequentemente* e *o tempo todo*. A alternativa de se estar conectado em uma grande parcela de tempo se encontra em consonância com os problemas expressos nas obras de Byung-Chul Han, que foram centrais para o desenvolvimento do presente trabalho.

Essas obras centrais são:

Sociedade da Transparência, que relata ser o período contemporâneo um palco em que os sujeitos, por livre e espontânea vontade, participam do espetáculo virtual na tentativa de sentir-se incluído em uma comunidade que se compara a um panóptico virtual na busca de satisfação, por meio de *likes* e *dislikes*.

Sociedade do Cansaço, que demonstra que a hiperconectividade e o alto índice de informações conduzem as subjetividades a um nível de desgaste de suas forças, pois elas atingem um nível de enraizamento capilar neural que esgota os sujeitos. Isso se manifesta na escola quando, por maior que seja a variedade metodológica para o desenvolvimento do conteúdo, não só da disciplina de filosofia, bem como de qualquer outra, muitos dos estudantes não conseguem perceber uma finalidade imediata em determinado conhecimento e isso se reflete em avaliações e desenvolvimento de trabalhos escolares. Porém os conhecimentos do currículo escolar não atingem grande parcela dos estudantes, se comparado com os atrativos de interatividade da transparência virtual. Isso constitui prova de que se vive um grande número de informações em âmbito virtual e; somadas as informações disciplinares da escola, conduzem os estudantes a um esgotamento de si mesmos e que reflete em um suposto fracasso da instituição disciplinar da escola.

Concomitantemente a esse apontamento, é possível vincular o argumento do cansaço com o ensaio *No Enxame* (2013), do mesmo autor, que demonstra como

a revolução digital da internet e as redes sociais constituem uma nova “massa”, diferente das massas clássicas dotadas de um sentimento, de uma formação de um “nós” capaz de seguir uma ação pragmática comum, para se atingir a objetivos de transformações sociais. “o *exame*” digital contemporâneo se compara a um ruído na hipercomunicação digital que produzem as “*shitstorms*”. Nas palavras do autor, a hipercomunicação digital destrói o silêncio de que a alma necessita para refletir e para ser ela própria. A reflexão no âmbito da instituição disciplinar da escola se faz necessária como um exercício constante das disciplinas abordadas no currículo escolar e, principalmente, como problematização no ensino de Filosofia.

9) Considera que a utilização da internet pode ser perigosa?

Esse questionamento demonstrou que os entrevistados possuem noção de que o ambiente da transparência virtual (internet) pode apresentar efeitos negativos e que sejam perigosos, porém o campo da questão permaneceu fechado para classificar apenas como sim ou como não, sem abrir brecha quantificadora para realizar a constatação de quais quesitos os estudantes consideram negativos. Byung-Chul Han expressa que informações subjetivas alimentam inúmeros servidores de internet e contribuem para a alimentação do sistema *big data*, que, por sua vez, por meio da combinação de algoritmos utilizados por empresas, como Google e Facebook, usam essas informações para conhecer os interesses de seus utilizadores para lucrarem com seus comportamentos na internet e nas redes sociais. Han, em seu ensaio *No Exame*, propõe um salto em relação ao pensamento de Foucault, pois expressa que o período atual se encontra em um paradigma a frente da *biopolítica* ditada por instituições disciplinares, o modelo atual caminha rumo a uma *psicopolítica* digital, em que o poder intervém nas subjetividades em processos psicológicos inconscientes. O *psicopoder* na atualidade torna-se mais eficiente do que o *biopoder*, na medida em que vigia, controla e faz mover os seres humanos não a partir de regras externas e convenções sociais, mas, sim, a partir do interior da própria subjetividade. Essa noção de um *psicopoder* sobre as subjetividades é desconhecido dos estudantes do Ensino Médio e é tarefa da escola, bem como do ensino de Filosofia promover

o debate e a reflexão sobre os impactos negativos que são vivenciados por meio da transparência virtual.

10) O uso da tecnologia (Internet) é benéfico para a motivação e o conhecimento na disciplina de Filosofia?

Quase a totalidade dos estudantes entrevistados estão de acordo que o uso de tecnologias e da internet pode ser benéfico para a motivação e como instrumento metodológico no aprimoramento do conhecimento na disciplina de filosofia. Pode-se inferir que a internet também é benéfica para todas as disciplinas constituintes do currículo escolar. As novas gerações são subsidiadas, na maioria, de relações pelo âmbito da transparência virtual.

Ainda no mesmo Colégio Astolpho Macedo Souza houve a proposta para os alunos de se postar os registros fotográficos no *Instagram*, com o objetivo de despertar a sensibilidade e contemplar o mundo físico com o intento de interpor *o olhar* dos jovens, alternando relações unicamente em ambiente da transparência virtual.

Para a aplicação da referida atividade no Colégio Estadual Neusa Domit, houve uma adaptação: em vez de se registrar por meio das fotos os conceitos solicitados em classe, foi questionado pelos estudantes a utilização do *Instagram*, porque alguns não utilizam essa rede social. Então a sugestão foi de criar perfis da classe na rede social *Facebook*. Esse questionamento foi muito pertinente, levando-se em conta o pensamento de Han, que aponta para o fato de que, na sociedade atual, todo julgamento é pautado em *likes* e *dislikes*.

Ainda, na referida discussão em classe com os estudantes, houve a discussão sobre o número de amigos virtuais que cada estudante disse possuir em seu perfil. Em aula foi realizada uma entrevista com cada estudante que estava presente no dia, registrando seus nomes no quadro de giz e o número dos seus respectivos amigos virtuais. Tal atividade de listar os amigos virtuais revelou-se mirabolante, pois cada um dos estudantes disse ter número de amigos virtuais que estava entre quinhentos e mil. O questionamento que surge frente a esse fenômeno é: quantas dessas amizades virtuais fazem parte efetiva na vida real desses estudantes? E quantas constituem meramente o enxame virtual das redes sociais? No Colégio Estadual Astolpho Macedo Souza foram sugeridos os temas: O que é a Beleza? O que é a Escola? O que é o Conhecimento? O que é o Amor? e O que é a Política? No Colégio Estadual Neusa Domit

foram sugeridos os mesmos temas, apenas substituindo o conceito de Política pelo conceito de Trabalho.

O conceito de Amor foi o único estudado como conteúdo específico em ambas as escolas e também solicitado para se fazer registros fotográficos. A especificidade do conceito filosófico que coube no desenvolvimento das aulas foi a leitura comentada de fragmento do texto *O Banquete*, de Platão. Os demais temas não foram estudados com abordagem de textos da tradição filosófica que se encontra transcrito no livro didático *Iniciação à Filosofia*, de Marilena Chauí, embora sejam conceitos que foram desenvolvidos na tradição. Teve-se por intento perceber se a realização da atividade seria relacionada pelos estudantes com o conteúdo estruturante de Teoria do Conhecimento.

3.2 JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA

É preciso destacar dois fatos: primeiro, que a instituição Escola ainda se configura num modelo disciplinar, como o criticado por Foucault (2014), possuindo a mesma estrutura que tinha desde sua implementação por meio do modelo burguês: carteiras enfileiradas, um quadro de giz e um professor que, além de ser responsável por desenvolver conteúdos que dizem respeito à formação, torna-se o aplicador de normas e punições para o bom andamento das aulas; segundo, que a juventude é um momento de rebeldia, pois os estudantes sempre questionam o sistema de valores, crenças, questionam a autoridade baseada na tradição e repetição do passado.

No desenvolvimento dos temas selecionados para a realização dos registros fotográficos, utilizou-se a técnica de diálogo em que se fazia perguntas realizadas de maneira direta aos estudantes, tais como: “Você gosta da Escola?”. As respostas vão se referir aos aspectos de lazer e diversão tais como a convivência com amigos, a hora do recreio, as aulas de educação física etc. Mas quando se perguntou sobre aspectos de produção do conhecimento, provas, trabalhos, cobranças institucionais, notou-se que esses aspectos são vistos de forma negativa e até mesmo contrária às necessidades de vida dos jovens. Frente a esses dois fatos, as características inerentes aos jovens e ao modelo do espaço escolar, torna-se muito mais prazeroso o relacionamento e interatividade entre os estudantes, os professores e toda a comunidade escolar por meio de dispositivos móveis. Tentar seguir as regras do espaço disciplinar da escola, que ainda se mantém nos moldes tradicionais, causa desgaste, falta de motivação e engajamento nas atividades escolares.

No atual contexto escolar, o docente é levado a fazer malabarismos para atrair a atenção dos estudantes para o conteúdo que está sendo trabalhado. É claro que existem sujeitos raros que apresentam predisposições para o saber filosófico e se sensibilizam de imediato com a disciplina de Filosofia, porém a maioria não possui afinidade alguma e questionam o *status* do saber filosófico frente aos imediatismos da vida cotidiana e as necessidades do consumo, que são próprios da faixa etária e as demais pseudonecessidades, que constituem reflexo de uma sociedade da transparência e que, por sua vez, afeta diretamente os jovens que se encontram em processo de formação, tornando-os exaustos devido ao excesso de informações.

Ainda é preciso se destacar que o impacto virtual sobre a realidade trouxe novas configurações, entre elas um novo conceito de arte, a questão de *status* social e simbólico para os portadores de dispositivos móveis e a respectiva facilidade em adquirir esses dispositivos. A somatória desses fatos, aliada à necessidade de educar a juventude, possibilitando-lhe condições de se tornarem sujeitos que consigam viver com equilíbrio no mundo atual, é o que motivou a escolha da utilização dos registros fotográficos sobre os conceitos anteriormente citados.

O impacto do virtual sobre a realidade é avassalador e causou a avalanche de informações, que afetou não só o aspecto epistemológico, como também o caráter estético de todas as subjetividades que se encontram conectadas à internet. As manifestações artísticas despertam sensações por meio da reprodutibilidade da arte através dos displays e monitores; todas as formas artísticas são expressões individuais ou coletivas e também são formas de comunicação e entretenimento.

Se por acaso se questionar um sujeito qualquer sobre o que vem a ser *arte*, é bem provável que as respostas poderão transitar entre as mais diversas manifestações estéticas. Também é bem provável que o sujeito inquirido vai citar que a *arte* pode estar vinculada com o ator de novela, pessoas que apresentam espetáculos circenses, com pessoas que trabalham com artesanato, cantores de hip hop, *youtubers* e por aí afora. O que é possível constatar é que um enorme conjunto de ofícios vinculados com manifestações artísticas não serão cogitados e, por conseguinte, serão excluídas. Ao se manter o questionamento com o suposto sujeito, na tentativa de provocar nele um esforço intelectual por meio de diálogo, será possível conduzi-lo, utilizando-se de exemplos, a reconhecer que existem manifestações artísticas que se encontram restritas a certos grupos sociais ou que podem encontrar-se em centros urbanos maiores. Enfim, talvez o interlocutor possa vir a atinar que o universo das artes se encontra dividido entre o caráter popular e erudito e que se encontra presente um tempo histórico que diferencia cada uma dessas manifestações, possibilitando-lhe a compreensão da arte popular

como algo mais recente e próximo da vida cotidiana e o erudito como algo vinculado à antiguidade, que não possui um imediatismo tão explícito no cenário cotidiano.

Ainda tomando o suposto interlocutor, e possibilitando-lhe várias experiências artísticas de cunho erudito, tais como uma representação de uma peça de teatro de Sófocles, impressa em livro, ou ouvir apenas a música do balé *Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky, sem ver a coreografia ou ter assistido a peça, as respostas também oscilarão entre o prazer e beleza ou desprazer e caráter grotesco e/ou entediante. Por meio dessa experiência, é possível conduzir o interlocutor a perceber que as diversas manifestações artísticas podem ser reproduzidas por televisão, rádio, cinema e, acima de tudo, que pode ser encontrada em ambiente virtual de conectividade com internet, ou seja, por meio do aparato tecnológico. Os consumidores de reproduções artísticas da contemporaneidade não dão o mínimo valor para o conceito de “*aura*” e legitimidade; o que importa são as sensações e ideias que são causadas quando se obtém determinado “bem artístico”, tornando-se como espécie de uma mediação entre a vida e o objeto de desejo representado.

Os dispositivos tecnológicos também podem ser incluídos como objetos artísticos, como bem demonstrou Han (2017b) propondo a dimensão estética do aparelho, por sua lisura e aspecto plano, sem botões, como se fossem miniespeelhos mágicos de nossos dias que possibilitam a realização de desejos, principalmente através dos sentidos do tato, visão e audição.

No cotidiano, convivendo com estudantes, percebeu-se que existe uma questão de *status* social e simbólico para os portadores de dispositivos móveis, que possuem determinadas marcas ou configuração tal, como memória RAM, armazenamento, capacidade da lente (número de pixels). Esse fator, sem dúvida, é motivo para elencarem de forma inconsciente uma hierarquia entre os estudantes constituintes de uma sala de aula. São raros os casos em que conseguem canalizar o turbilhão de emoções e flashes cognitivos na forma de racionalidade ordenada. Por isso, certamente encontram um enorme conforto com a utilização de dispositivos digitais como se fosse um “*Grande Irmão*” ou *alter ego* que serve de guia, maneira de contentar a libido, a busca de conhecimento, entretenimento e interatividade, ou seja, a busca de prazer e satisfação que não se encontram mais na esfera coletiva, mas fortemente de maneira individual. Tudo isso resulta na existência do cúmulo da cultura do fone de ouvido.

A facilidade em possuir um dispositivo tecnológico com acesso à internet surpreendentemente possibilitou, por meio da transparência, que o banal, o cotidiano e o que se é vivido todos os dias se tornem um patamar de provocador de ideias e sensações, incorporado a um aspecto de necessidade imprescindível.

Diante da dificuldade de compreensão da dimensão estética e das manifestações artísticas, principalmente as de movimento moderno, não só por parte dos estudantes do Ensino Médio como por grande parte da população, leva qualquer mero fato ou ação a adquirir uma importância que impacta o ser humano. Basta refletir um pouco para constatar a quantidade dos mais variados objetos que podem ser consumidos em uma loja de um e noventa e nove que atendem a demandas de sujeitos que consomem para finalidades imediatas do cotidiano.

As demandas pela reprodutibilidade não requerem senso crítico, ou formação específica estética para a aquisição de bens de consumo de uso cotidiano, tal como quadros para enfeitar a parede, taças para a degustação apropriada de um bom vinho ou artesanato que sirva como decoração do interior de uma moradia.

Obviamente, por mais chulas e simplórias que possam ser as réplicas de obras artísticas, é impossível dizer que não possuam valor afetivo, pois a afetividade aos pertences é inerente à condição humana. A questão que nos leva a refletir é que a posse e aquisição de objetos de arte reproduzidos afetam os sujeitos; então o que se poderá dizer sobre a reprodutibilidade em âmbito virtual? Pois, por mais simples e rotineiras que possam ser as postagens em redes sociais, mesmo assim continuam despertando emoções e suscitando pensamentos por meio de seus conteúdos.

O nicho de séries, clipes, vídeos pornográficos, compra e venda de produtos em sites etc. pode provocar, por meio de reflexões, e problematizar se os sujeitos são afetados esteticamente por um padrão de gosto, por mais subjetivo que possa ser.

Nessa perspectiva, há o acréscimo de um caráter de brincadeira ou jogo, na tentativa de tornar mais clara essa faceta constituinte do intelecto humano possibilitando assim, a busca de um esclarecimento, não só por meio da banalidade da reprodução artística física/concreta e virtual. Pode haver um trampolim para uma apropriação de conceitos que façam parte da tradição erudita, que é refletida e demonstrada no meio acadêmico.

Assim sendo fez-se necessária uma elucidação entre os conceitos de arte e técnica. Essa elucidação fez-se necessária para que os estudantes, com os quais se aplicou a atividade de registros fotográficos, conseguissem inferir a proximidade existente entre a produção artística e a técnica que se faz presente no âmbito da tecnologia.

A palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *tékhné*, significando toda a atividade humana submetida a regras com vista à fabricação de alguma coisa [...] significava o aprendizado e a prática de um ofício que possui regras, procedimentos e instrumentos próprios. Por isso a arte ou técnica se definia por oposição ao que acontece por acaso, ao que é espontâneo ou não deliberado e ao que é natural. (CHAUÍ, 2012, p. 249).

As tecnologias que possibilitam o acesso à internet permitem que se possa acessar por meio da representação virtual inúmeras formas de manifestações artísticas, mesmo sendo reproduzidas, tornando-se vulgarizadas, com a perda do significado originário. O conceito utilizado por Walter Benjamin (2017a), no escrito *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, é o da perda da “aura”, que é justamente a capacidade de absoluta singularidade, sua condição de exemplar único que expressa a qualidade de eternidade e fugacidade simultaneamente. Apesar desse conceito demonstrar a perda da aura devido à reprodutibilidade, pode-se afirmar que, mesmo assim, por meio do virtual, há a possibilidade de uma experiência de conhecimento por meio da existência de linguagens artísticas que se encontram sempre trazendo o inusitado para a realidade.

A fim de se possibilitar aos estudantes uma reflexão sobre o impacto da transparência virtual sobre o presente momento, especificamente no âmbito escolar, é necessário que se esclareça também o papel da transparência em suas vidas, o que os leva a reconhecer que são despertadas sensações e pensamentos. Esse fato constitui uma nova formação moral dos estudantes, que mudou diante do contexto da positividade exacerbada da transparência que provoca posturas e vivências que possuem falta de trato com a negatividade do mundo real/concreto e a ausência completa de reconhecimento da alteridade, seja no interior do espaço escolar, seja nas relações familiares, relações com superiores.

Pode-se pensar em uma proposta de ensino de Filosofia apostando no reflexivo da subjetividade de cada estudante, e que esta ainda pode ser o espaço que atua na formação com a contribuição de trazer à luz a realidade aparentemente inofensiva das relações humanas somente por meio do uso da tecnologia.

A maior parte dos avanços do século XXI se deve em decorrência das telecomunicações por meio da internet, que possibilitou voz a todas as subjetividades que possuem acesso à rede, não só o que tange o caráter da expressão individual. No âmbito da transparência, há um bombardeio de informações pela polifonia, fazendo com que se percam sentimentos, valores e verdades que tornavam possíveis a ideia de uma coesão social. Essa característica se reflete nas relações humanas que ocorrem na instituição disciplinar da escola.

Arrastamo-nos na esteira do digital que, sob a decisão consciente, muda completamente o nosso comportamento, a nossa percepção, a nossa sensação, o nosso pensamento, as nossas formas de convivência. Hoje, embriagamo-nos com a tecnologia digital, enquanto somos incapazes avaliar plenamente as consequências da nossa embriaguez. São esta cegueira e a obnubilação simultânea que a acompanha que

definem a crise atual. (HAN, 2013, p. 11).

A disciplina de Filosofia não necessita exclusivamente pautar-se pela ideia de *performance* do estudante para a aquisição de conteúdos epistemológicos ditados pelo currículo. Isso ainda nos parece uma vantagem, pois cabe aqui a experiência da escuta, da reflexão que, de forma geral, estamos perdendo.

Sem dúvida alguma, não vivemos mais na era da escuta. Hoje, a informação e o conhecimento se mostram explícitos por meio das telas dos dispositivos tecnológicos e os capítulos anteriores se dedicaram a pensar as consequências desse modo de relação com a realidade. Mas, ainda assim, apostamos que a experiência filosófica por meio do diálogo investigativo, por meio de reflexões sobre as sensações, pensamentos e modos de agir frente a alteridade, tendo-se como apoio as referências teóricas de textos filosóficos, por meio da leitura e da prática de escrita mediados pela pessoa do professor, pode-se possibilitar aos estudantes refletirem. Essa reflexão não será apenas no âmbito de uma discussão, mas sim, vai caracterizar-se como um momento de percepção, de desvelamento, tornando compreensível a posse conceitual, a posse de sentido sobre o ente que se investiga.

Com essa proposta metodológica investigativa pode-se, a partir das formas de manifestação tecnológica, buscar o fluxo de novas pistas, que, ao mesmo tempo, são singulares e múltiplas. Essa proposta metodológica possibilita vislumbrar a manifestação dos impactos do excesso de positividade, por meio do bombardeio de informações. Possibilitará a percepção de que esse bombardeio é extremamente nocivo para a humanidade do século XXI e causa um grande impacto nas gerações mais jovens.

Não se pode deixar de reconhecer que o ensino de Filosofia é um dos caminhos mais importantes para auxiliar os estudantes a buscar saídas para seus problemas. Assim sendo, o objetivo maior deste projeto é possibilitar condições aos jovens para que consigam compreender a sociedade atual de forma mais abrangente, viver e não apenas sobreviver, sentir a beleza das coisas recriando constantemente as situações existentes encontrando significado nelas. Ainda é um objetivo geral mostrar aos estudantes como utilizar a Internet para seus proveitos, sabendo evitar os perigos da conectividade constante, da exposição da privacidade e das sensações despertadas pelas imagens virtuais.

A internet é um exemplo típico da “ideia de progresso”, da eficiência na comunicação atual, mas essa maravilha dos dias atuais apresenta um aspecto paradoxal, pois, na medida em que traz uma série de benefícios, vem como consequência um conjunto de problemas que não são perceptíveis com um caráter “transparente” e se traduzem em sintomas na atualidade, tais

como a conectividade constante que fazem os sujeitos atingirem os limites de suas forças e impacta de maneira nociva a quase não permitir a desconectividade.

Até agora a internet e a comunicação digital tendem a ser mais elogiadas do que criticadas, sobretudo por sempre serem associadas à liberdade de informação.

3.3 ANÁLISE DE RESULTADOS

Observou-se que a maior parte dos jovens que participou da atividade proposta no presente trabalho pode ser caracterizada como imediatista, pois demonstrou por meio das imagens “pornográficas” que em muitos dos seus registros não aparecem nenhuma abstração, sendo apenas imagens óbvias e o mesmo é possível perceber com a produção da legenda sobre o tema. A tese da “transparência” se revela dominante, pois as banalidades da vida cotidiana assumiram um *status* de importância, tal como se viu nos registros estudantis.

A internet passou a ser comparada com caminhos alternativos para uma jornada no mundo do entretenimento e conhecimento, uma vez que é possível estabelecer rotas que se assemelham com a programação em um GPS. Essas rotas alternativas possibilitam novos caminhos para uma mesma finalidade na busca de informações, que podem ser estipuladas como meios para uma mesma finalidade.

As redes sociais geraram a perda da dimensão crítica, pela qual o sujeito não percebe o caráter explorador do qual tornou-se condenado. As pseudonecessidades podem ter se tornado prioridades do próprio sujeito, reproduzidas e fortalecidas pelas condições de sua existência, independentemente do quanto se identifique e se encontre satisfação.

O pensamento de Han concebe que a “comunicação digital assume a forma não só de espectro, mas também de vírus. É contagiosa, porque se produz imediatamente no plano emocional ou afetivo”. (HAN, 2013, p. 69).

O impacto direto, que é sentido e que necessita de observação, é que na configuração de mundo e sociedade atual não são mais necessários espaços físicos para o desenvolvimento do lazer e da aquisição de cultura que podiam traduzir-se nas estruturas físicas de praças, parques com brinquedo para crianças, quadras, e para a característica de cultura de massa, como peças teatrais, festivais de música e dança. Todos esses espaços de vida que são constituintes do mundo da vida, hoje, tornaram-se substituídos pela cultura do fone de ouvido e que se encontram disponíveis em ambiente virtual, que exalta ao extremo as características narcísicas das manifestações dos sujeitos. A cultura do fone de ouvido conectado a um dispositivo digital

enaltece a inevitável instrumentalização das relações humanas em todas as organizações das sociedades contemporâneas, principalmente na escola.

Por mais apocalípticas que se apresente atualmente as relações dos seres humanos acredita-se que as formas de conhecimento e conteúdos estéticos possam ser refletidas, principalmente nos jovens que se encontram na faixa etária de formação escolar com a interface do meio virtual, por meio de dispositivos tecnológicos, pois se encontram em processo de formação.

Porém é necessário destacar que as relações humanas reais se configuram como voláteis e os retratos dessa nova configuração são percebidos somente por olhares pessimistas que divulgam apenas o aspecto negativo dessa nova configuração, que afeta grande parte dos grupos humanos do planeta.

A maioria de publicações em *Facebook* e *Instagram* expressa que sujeitos atuais encontram-se alheios a uma ideia de conjuntura, com falta de capacidade para interpretar textos, que a educação fornecida pela escola não passa de um mero adestramento e que essa postura, por parte da educação nacional, jamais conduzirá para a superação de desigualdades socioculturais. O grande paradigma do virtual e da comunicação, por meio de dispositivos tecnológicos, parece não conduzir a razão para uma busca efetiva de soluções para os mais diversos problemas do mundo.

As políticas públicas atuais apresentadas ao povo pretendem solicitar que a família esteja presente na formação dos filhos e que a instituição escolar volte a se tornar o local que se responsabiliza pela mediação de conteúdos epistemológicos, que foram construídos historicamente. Porém se percebe que tal política não se encontra pautada em um diagnóstico real. Embora aquilo que a política pública aponta seja o grande propósito de um projeto educacional, não passa de uma utopia frente à realidade concreta. Pois como pode uma família efetivar a política pública delineada, se o contexto brasileiro apresenta as mais diversas configurações, beirando a um enorme caleidoscópio. Como responsabilizar o núcleo familiar por uma educação formal de brio para o convívio coletivo na escola se esse núcleo encontra-se esfaçalhado em múltiplos fragmentos? Em suma, nos dias de hoje, a situação social será um reflexo na instituição escolar ocasionando o baixo rendimento, uma vez que as aulas são pouco estimulantes frente ao impacto das tecnologias virtuais.

Por meio de constatação vivenciada, pode-se afirmar que o grande estímulo para os jovens das escolas onde ocorreu a aplicação do presente trabalho, do Ensino Médio, encontram-se conectados à rede no momento de aula. Ao iniciar a aula, assistem no próprio dispositivo os

conteúdos que dizem respeito aos desejos ou necessidades imediatas, verificam todas as postagens de *WhatsApp*, novidades no *Facebook* e *Instagram* de amigos.

As relações mais básicas que acontecem no interior do espaço privado que dizem respeito à vida nas moradias, tal como exemplo o horário de refeições em comum, passeios de final de semana e, para os grupos familiares que conseguem, a realização de viagem de fim de ano, a juventude parece encontrar mais prazer e intimidade com as formas de relações virtuais do que com a realidade que se apresenta.

Igualmente, ousa-se afirmar que a juventude não passa de reflexo dos adultos, que convivem e interagem com o mundo da mesma forma. Porém essa vivência de uma vida pseudoadulto fica abandonada, cai no esquecimento, não sendo realmente a etapa cronológica da infância e da juventude. Grande número desses indivíduos em processo de formação escolar apresenta enorme carência afetiva e transtornos dos mais variados aspectos, uma vez que refletem e imitam a vida adulta, mas sem saber o significado do que venha a ser responsabilidade, comprometimento consigo próprio e com a coletividade e o grande abismo desesperador de não saberem o que farão com suas vidas.

Em sala de aula, os sintomas comportamentais percebidos em muitos dos estudantes são: indisciplina, chamar o professor a todo o momento para perguntar se a resposta está correta, déficit de atenção e a enorme dificuldade em transcrever com palavras os conteúdos conceituais que são estudados. O mais nefasto de tudo isso é que a figura do professor em muitas situações encontra-se no mesmo patamar.

Na atual conjuntura do impacto dos dispositivos móveis conectados à internet, houve a transformação dos valores tradicionais e, hoje, o que impera em redes sociais é o demonstrar sensações cotidianas. Conforme a constatação do impacto da tecnologia digital por meio de redes sociais, a fotografia tornou-se objeto metodológico para o ensino da disciplina de Filosofia para o Ensino Médio.

Frente ao dilema de provocar a reflexão filosófica no contexto da escola do Ensino Médio, a partir de leituras do autor principal, que é Han, e encaminhamentos de orientação, foi possível constatar que a “imagem” conciliada com a tecnologia digital poderá ser uma ferramenta de provocação e constatação de como a disciplina de Filosofia pode constituir e significar algo.

A fotografia caracteriza-se por ser o registro de imagens com a utilização de lentes. Não se atreve a adentrar em sua história, pois não é o intento do trabalho, mas hoje não só estudantes do Ensino Médio, como grande número de pessoas também realizam essa atividade por meio

de celulares. Tal atividade pode consistir da mera intenção de se captar um instante fugaz, momentos inesquecíveis, eventos que digam respeito à memória individual ou coletiva.

A técnica da fotografia gera encanto e pode ser levada ao *status* de arte, pois ao se observar posteriormente a imagem, ela suscita percepções estéticas em subjetividades que possam vir a contemplá-las. Han (2013, p.77), no escrito *No Exame*, cita Roland Barthes expressando que a:

Fotografia reside no fato de ter por destino permanecer ligada ao seu referente [...] enquanto emanção. Por outras palavras, a fotografia é a emanção de um referente ao qual está ligada por um amor e uma fidelidade distintos. A fotografia não é um lugar da ficção ou da manipulação, mas um lugar da verdade.

Embora a reprodutibilidade da imagem faça com que se perca o valor icônico do original, ela pode servir como uma espécie de idealização e uma cópia do real. No entanto evidencia-se que as reproduções de imagens por dispositivos tecnológicos são dotados de paradoxos, pois ao mesmo tempo que passam a ser exaustivamente realizadas e transmitidas, perdem o encanto poético particular de imagem única e passam a ser algo consumível, inseridas no âmbito virtual dos *likes* e *dislikes*.

Em conformidade com o paradoxo presente na produção de imagens por meio de dispositivos tecnológicos tem-se em vista a utilização da confecção de fotografias para conciliar a tentativa de reflexão com os estudantes, por meio da utilização de celulares, que são associados ao prazer. O aspecto do prazer permite a manifestação do lúdico, que pode apresentar a criatividade para a captação do que venha a ser considerado importante.

Com a democratização da fotografia, passou a fazer parte do cotidiano o aspecto de se fazer registros de instantes de vida, não só como memória, mas também para se captar o inusitado, o bizarro, o trivial, o trágico e o cômico.

A rotina de vida atual, dotada de dinamismo vertiginoso, causa angústia por não possibilitar tempo de contemplação e admiração. E diante do turbilhão de fatos que ocorrem diariamente na vida singular dos sujeitos, a fotografia pode captar esses momentos em que o fluxo da existência não pode perceber tudo.

A fotografia de tempos de outrora, realizada por processos físico/químicos, permite rever o que conscientemente passou rápido demais, mostrar detalhes que algumas vezes passaram despercebidos e também registrar de forma consciente fatos e momentos. E, o mais importante, marca momentos vividos com emoção e que não se deseja que sejam esquecidos, permitindo rever aquelas emoções.

Ao se observar fatos e feitos que transcorreram no fluxo da vida pode ser possível problematizar um novo direcionamento, tanto para posturas individuais quanto para a tomada de decisões coletivas. Nas palavras de Han (2013, p.41):

As técnicas de otimização, aquilo cuja ajuda procuramos contra a facticidade, tanto dos corpos, como do tempo, da morte, etc. O meio digital desfaz a facticidade. Porque o meio digital é desprovido de idade, destino e morte. Nele, o próprio tempo se congela.

Tenciona-se, nessa perspectiva, demonstrar que é inegável o não suscitar sensações frente a imagens captadas por meio da reprodutibilidade tecnológica. Diante da finitude humana e transitoriedade de mundo, o que as subjetividades carregam até o jazigo são lembranças. Pode ser que todos os momentos de vida permaneçam arquivados em nosso psiquismo, porém nem todos os instantes vividos podem ser lembrados e refletidos de forma racional/consciente. A técnica da fotografia, tanto por processos físico-químicos quanto por meio digital, proporciona a ativação da faculdade da memória e reflexão que são inerentes à condição humana. Walter Benjamin (2017b, p.10-11) em sua obra *Rua de mão única* expressa que:

Esquecemos o ritual segundo o qual foi construída a casa de nossa vida. Mas no momento em que vai ser tombada de assalto e já arrebentaram as bombas inimigas, quantas velharias ressequidas e bizarras estas não põem a descoberto nos alicerces! Quantas coisas não foram sepultadas e sacrificadas sob fórmulas mágicas, que coleção de curiosidades mais horripilantes não descobrimos lá em baixo, onde as mais fundas galerias são reservadas ao que há de mais banal na vida quotidiana!

Apesar de existirem vivências prazerosas e traumáticas no âmbito escolar e se pode perceber que os jovens que frequentam esse espaço possuem padrões de gosto das mais diversas formas de se pensar. Tais gostos são percebidos por meio da apreciação de *hip hop* ou *rock'n roll*, animes, desenhos nas carteiras que expressam pornografia de caráter sexual e, em raros momentos, aparece um que apresenta sutileza e fineza na representação de personagens de história em quadrinhos.

Dessa maneira, é possível captar que a juventude possui atributos estéticos, mas que não são reconhecidos nem valorizados pela bagagem simbólica no interior do espaço escolar. O modo de operacionalizar da instituição escolar ainda é identificado como o de uma instituição disciplinadora, no molde descrito por Foucault (2014), que na medida do possível instrumentaliza relações por meio de um currículo que apresenta um conjunto de saberes. Se espera que cada sujeito ali presente se aproprie daquilo da melhor forma possível, sob o aspecto de uma transmissão. Não deixa de ser mera reprodutibilidade e tem-se a crença de que sirva

para o ideal de progresso, tanto de sujeitos como da sociedade. É verdade que a instituição escolar também trabalha questões de valores, competências sociais e emocionais, mas a ênfase do trabalho escolar está nos conteúdos cognitivos.

A esperança da instituição escolar se encontra no fato de que, ao possibilitar a oferta um leque com um conjunto de disciplinas que possibilita o desenvolvimento de habilidades inerentes a cada sujeito, aconteça uma formação plena. Mas o que se constata é que alguns indivíduos até conseguem encontrar uma área de conhecimento que chame sua atenção e conseguem aprimorar isso na continuidade de estudos no Ensino Superior: Porém é uma pequena parcela que desenvolve esse *insight*. Para uma grande parcela dos estudantes, a instituição escolar torna-se excludente e motivo de frustração, pois não conseguem ou não encontraram em si mesmos uma aptidão que seja algo elevado à condição de prazer e amor.

Uma vez que se detectou a condição de que a escola muitas vezes não valoriza as habilidades, sentimentos e gostos subjetivos dos estudantes, uma proposta de ensino de Filosofia nessas condições tende a ser malograda, pois se torna desvinculada das vivências e interesses dos estudantes. Ao se privilegiar conteúdos de conhecimento sob a forma disciplinar, na qual o conhecimento se torna centralizado na pessoa do professor, sem considerar a necessidade da interatividade e o fator do prazer com os estudantes, manifestam-se um conjunto de comportamentos que podem ser caracterizados como indisciplina e contrários às normas da instituição disciplinar da escola. Em um contexto no qual o conhecimento se configura como simulação de saber/aprender, não havendo a vinculação de formas de conhecimento sob o aspecto de sentidos e sensações que devem ser processados sob o aspecto inteligível, ocorre descaracterização da proposta educativa.

A técnica da fotografia teve por finalidade tornar os estudantes autores de suas produções e foi um meio encontrado para despertar o interesse pela interatividade com as redes sociais do *Facebook* e *Instagram*, que possuem em seus dispositivos tecnológicos, que podem se comparados a uma extensão de seus corpos.

É preciso se destacar que a aplicação da atividade planejada para este projeto não serviu para classificar os estudantes como artesãos ou artistas da fotografia, mesmo se podendo intitulá-los como artesãos pelo hábito que possuem de elaborarem múltiplos registros fotográficos sobre seus rostos e também no desenvolvimento de determinadas ações cotidianas quaisquer. O estudante fotógrafo/artista existe e ele tende a um “olhar contemplativo” para captar algo que exige sensibilidade aprimorada em apenas um instante que se configura como único e como raridade em forma vivenciada.

Foi solicitada a postagem dos registros em redes sociais e, por mais que não tenham recebido tantos *likes* ou *dislikes*, os estudantes assumiram um caráter de criadores e admiradores daquilo que foi registrado na forma de fotografia. Com esse desenvolvimento, tiveram a oportunidade de compreender e refletir sobre um aspecto da transcendência.

Em uma primeira perspectiva, as imagens são representações do real que se encontram submetidas no espaço e no tempo e tais características se encontram submetidas à superfície plana. Como coloca Flusser (2011, p. 16):

O fator decisivo para o deciframentos de imagens é tratar-se de planos. O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto tal método de deciframento produzirá apenas o efeito superficial. Quem quiser aprofundar o significado e restituir as dimensões abstraídas deve permitir sua vista a vaguear. Tal vaguear pela superfície chama-se de *scanning*. O traçado do *scanning* segue a estrutura da imagem, mas também impulsos íntimos do observador. O significado decifrado por esse método será, pois, resultado de síntese entre duas intencionalidades: a do emissor e a do receptor. Imagens não são conjuntos de símbolos com significados.

As imagens causam uma relação de mediação entre Homem e mundo, e com essa postura pode-se, com o grande impacto das imagens, passar a viver em torno delas, não sendo meras referências ao mundo, mas podendo se tornar vivências, como se fossem o mundo.

Se pensarmos sobre a dinâmica das redes sociais e seus referidos impactos nas formas de vida, facilmente se percebe que os sujeitos, em vez de se utilizarem das imagens para se perceberem manifestações do mundo, passam a viver em função direta das imagens invertendo o propósito originário da fotografia. E, por fim, tornam-se a própria vida, que pode ser vivida com o toque das pontas dos dedos em *displays* e da superfície das telas. Pode-se comparar essa manifestação atual com as representações que se expressavam por meio de novelas e seriados e que possuíam um impacto maior na indústria televisiva há duas décadas, em que o próprio mundo passava a ser percebido e vivenciado como um conjunto de cenas, tornando-se uma idolatria ou, como expressa Han (2017b), o modo como nosso período é caracterizado por ser iconoclasta: prestando louvores às imagens.

Todas as manifestações artísticas, e aqui inclui-se a fotografia, demoram certo tempo para serem assimiladas de forma democrática até tornarem-se comuns pois envolvem transformações nas condições de produção. Essas transformações, devido aos excessos de produtividade, tornam-se cada mais rápidas para a questão da aquisição e esse impacto vai refletir nas formas de produção artística que são desempenhadas por todas as classes sociais.

As manifestações artísticas, quando popularizadas, vão aos poucos se desvinculando de conceitos tradicionais tais como: “criação, genialidade, valor de eternidade e mistério”

(BENJAMIN, 2017a, p.11). Com isso, foi possível que as manifestações artísticas fossem desvinculadas de seus processos originários, que se encontravam restritos a determinados cultos específicos, pertencentes a uma parcela do grupo social ou para atender a determinados cultos específicos.

Quando confeccionadas, todas as manifestações artísticas sempre estiveram sujeitas ao atributo da mimese e da reprodução seja para finalidades de aprimoramento de técnica ou para fins educativos, pois é a inerente a condição humana de “sempre poder copiar o que os outros tinham feito”. (BENJAMIN, 2017b, p. 12).

Benjamin, influenciado pela teoria marxista, constatou que as manifestações artísticas também poderiam estar sujeitas ao capital e adquirir em seu estatuto a ideia de lucro, a partir da criação e reprodução. Essa característica das produções artísticas também repercutem na reprodução por meios técnicos e tecnológicos que não é algo novo, mas se intensifica de forma crescente.

Com a fotografia a mão liberta-se pela primeira vez, no processo de reprodução de imagens, de importantes tarefas artísticas que a partir de então passaram a caber exclusivamente aos olhos que veem através da lente. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução de imagens foi tão extraordinariamente acelerado que passou a acompanhar a fala. (BENJAMIN, 2017a, p.12-13).

Tal constatação realizada por Benjamin faz-se presente no convívio com os jovens do Ensino Médio, pois, por meio dos dispositivos tecnológicos, pode-se comparar que as neolinguagens (memes, gifs, áudios etc.) impactam diretamente nas gerações mais jovens, configurando uma nova formatação epistemológica em que tudo se manifesta e é apreendido por meio de flashes instantâneos.

Han (2013) também expressou, com agudeza, que o impacto das tecnologias virtuais, por meio da transparência, causou nos indivíduos contemporâneos uma transformação no conceito de sujeito, pois internalizam os processos de produção de forma neuronal, em que a hiperexpressividade das imagens adquiriu um caráter pornográfico, iconoclasta, que chega a beirar uma forma de violência do sujeito para consigo próprio. Benjamin, citando Paul Valéry, afirma que:

Por volta de 1900 a reprodução técnica tinha alcançado um nível em que não só começou a transformar em seu objeto a totalidade das obras de arte do passado e a submeter a sua repercussão às mais profundas transformações, como também conquistou um lugar próprio entre os modos de produção artística. Nada mais elucidativo para o estudo desse nível que o modo como as suas duas diferentes

manifestações [...] se repercutem sobre a arte em sua forma tradicional. (BENJAMIN, 2017a, p.13).

A realidade virtual vem exercendo um grande impacto na rotina cotidiana no período contemporâneo, chegando a quase fundir-se com o real, devido à intensidade de utilização e dependência dessa esfera para a manutenção da vida.

Seria ingenuidade acreditar que se possa tentar frear o processo de digitalização da vida, fazendo campanhas, ou lecionando conteúdos de Filosofia para esclarecer a juventude, incitando-a a excluir suas redes sociais. Bem como seria ingenuidade se ter a crença de que esse pseudoesclarecimento seja redentor. O que o ensino de Filosofia pode implementar, diante da reprodutibilidade estética que se manifesta no âmbito virtual, é a questão séria de como se deve consumir a internet. A princípio seria a reflexão para que os estudantes consigam se posicionar de modo mais consciente, selecionando quais conteúdos seriam os mais válidos para se apropriar e fomentar o intelecto. Isso implica na postura metodológica de se saber quais os perfis, canais, páginas, pessoas.

Os sintomas do diagnóstico demonstrado por Han devido aos efeitos do cansaço frente a transparência diante da avalanche de informações e reproduções imediatas são completamente distintas de um *saber*, pois este se classifica em aspecto de temporalidade e experiência. Já a informação e a reprodutibilidade se configuram como sendo breves e de curta duração. Nas palavras de Han (2016, p. 52): “A informação é explícita, ao passo que o saber adota uma forma implícita.”.

O excesso do efeito da transparência faz desencadear sintomas no aspecto biológico dos sujeitos contemporâneos, como a ansiedade, a depressão e um conjunto enorme de transtornos, tais como *Burnout* e de déficit de atenção.

Em aulas de Filosofia, por meio de diálogo com os estudantes, foi constatado que uma parcela sente-se abalada na autoestima, principalmente relacionada com a autoimagem, devido à busca de um corpo ou aparência ideal ou frente à habilidades esportivas, aspectos esses se pode comparar com percepções poluídas de si próprios. Em vista de tal manifestação sintomática, foi possível compreender que essas frustrações juvenis são decorrentes do consumo por meio da reprodutibilidade de tudo o que experimentam no ambiente virtual.

O sujeito que se encontra no processo de interatividade com o aspecto virtual posiciona-se como espectador de imagens e ícones que possibilitam a referida ação e o problema do que se reproduz em telas e displays perde o caráter de autenticidade que se esvai diante da reprodução técnica e tecnológica.

A tecnologia, por meio da fotografia, pode escolher pontos de vista de uma obra de arte ou qualquer perspectiva que se pretenda no enquadramento, podendo se destacar pontos específicos, privilegiar ângulos e ressaltar personagens que façam parte da intencionalidade de quem esteja capturando a imagem através da lente. Esses, podem ser fatores que escapam ao olho humano, em apenas um rápido olhar, sem se deter de forma a interrogar o conteúdo ou até mesmo o exercício de comparar com o original.

Pode-se dizer, de um modo geral, que a técnica da reprodução liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição. Na medida em que multiplica a reprodução, substitui a sua existência única pela sua existência em massa. E na medida em que permite a reprodução vir em qualquer situação ao encontro do receptor, atualiza o objeto reproduzido. (BENJAMIN, 2017a, p. 15).

A constatação realizada por Benjamin possibilita uma compreensão de que toda manifestação artística, quando reproduzida, seja lá por quais meios técnicos e tecnológicos, altera os movimentos das massas. O autor em questão fez essa comprovação observando o impacto do cinema como reprodutibilidade técnica.

Não só as técnicas e tecnologias se transformam no transcorrer da história das sociedades bem como o modo de percepção das sociedades se modificam nesse fluxo concomitante. Por esse motivo se percebe que, no transcorrer da história, sempre haverá a perda da *aura* que pode ser definido como “o aparecimento único de algo distante, por muito perto que esteja”. (BENJAMIN, 2017a, p.17).

A proposta de se fazer registros fotográficos com os estudantes é a de um convite à abstração e o desafio de traduzir em palavras o que constitui o banal e o cotidiano, uma vez que a configuração do mundo atual se mostra com tais características no universo da transparência, manifesto no âmbito virtual das redes sociais. Atribuir valor de significado para o cotidiano pode ser um estímulo para as sensações dos estudantes do Ensino Médio e essas podem vir a se tornarem objetos de conhecimento.

Por meio da aplicação da presente proposta obtiveram-se relatos individuais de alguns estudantes que na hora do “click” da fotografia no celular se perceberam como alguém de fora e distinto do objeto que foi registrado por meio da lente. Ao se constatar essa confissão, foi possível compreender que a captura e percepção do real só se faz diante da vida.

E em comparação dessas aulas cedidas para a realização da captura de imagens sobre um dos temas elencados que era: “*O que é a Escola?*”, foi possível perceber instantes de felicidade quando comparados com a aula de Filosofia tradicional, pautada em leituras comentadas do livro didático, exposições dialogadas e registros no quadro de giz sobre

conceitos de determinado autor que estava sendo estudado. Ao se desenvolver a atividade de registros fotográficos, houve a constatação de uma relação entre formas de conhecimento, sensações que são distintas do exercício racional mnêmico, frio e formal, que são institucionalizadas nas relações de aula em classe cotidiana.

Quando o ensino de Filosofia torna-se conteudista, por essência, torna-se apenas mais uma disciplina “chata” que faz parte do currículo, pois conduz os estudantes para um distanciamento de sensações e percepções. É preciso reconhecer que as sensações e percepções são uma dimensão do conhecimento humano e, estas, por sua vez, quando realizadas, por meio de propostas simples, como no caso da elaboração de registros fotográficos e a tradução da imagem na forma de legendas, podem ser comparados com uma pequena chave do autoconhecimento, desveladora de peculiaridades que se mostram no dia a dia.

A conjuntura de excesso de informação e excesso de pseudoreflexão é responsável por massificar demasiadamente a vida, tornando-a paranoica e esquizofrênica. O desenvolvimento de sensações seriam um instrumental para a não robotização violenta dos impactos nocivos da transparência virtual. Sentir a realidade, por mais banal e cotidiana que possa ser, desde a observação dos locais que se frequenta diariamente (no caso a escola), os momentos de alimentação individuais ou na companhia de familiares ou amigos, percepção de funções do conhecimento em uma prática efetiva, pode possibilitar uma maior compreensão, tanto para reflexão filosófica quanto para escolhas que envolvam decisões subjetivas. Hoje, qualquer ser humano que esteja portando um *smartphone* pode realizar registros fotográficos e, se possuir acesso à internet, é possível publicar em redes sociais. A intenção da proposta não é a de desenvolver aperfeiçoamento da técnica fotográfica, muito menos de desenvolver uma arte conceitual sobre registros fotográficos.

3.4 REFLEXÕES SOBRE A TECNOLOGIA DE COMUNICAÇÃO E A VIDA DOS ESTUDANTES

3.4.1 O contexto da transparência que conduz ao cansaço

Pelo fato da realidade material encontrar-se constituída, pronta e com traços bem definidos, a realidade virtual mostra-se como alternativa para a construção e formação de subjetividades. Com as angústias compartilhadas em convivência com os estudantes, é possível compreender que há uma perda de significados simbólicos pelo fato dos jovens terem herdado uma tradição não dotada de objetivos que subsidiem a existência. Pode-se afirmar que tal

ausência de objetivos de vida se tornaram mais visíveis, uma vez que a transparência das informações por dispositivos tecnológicos trouxe como reflexo sensações que são captadas porém não são refletidas de forma consciente.

Exemplos de vida de trinta anos atrás mostram que os indivíduos possuíam objetivos e intenções para se firmarem como responsáveis frente à vida. Hoje, raramente se encontra uma parcela de estudantes que possui uma prospecção do que pode ser um objetivo de vida, como por exemplo concluir os estudos obtendo as melhores notas para o ingresso em um curso de graduação, obter boas notas em exames de caráter estadual (prova do SAEP que é realizado com estudantes do sexto ano e da primeira série do ensino médio), olimpíada de língua portuguesa e matemática, ENEM, possuir o objetivo de paternidade ou maternidade e até mesmo que ofício desejarão desempenhar quando concluírem o Ensino Médio.

Essa ausência de objetivos de vida não pode ser tomada como uma generalização completa no universo escolar do Ensino Médio, pois existem sujeitos que possuem metas definidas, mas são casos raros e particulares. Diante dessa constatação de ausência de objetivos, que sejam características inerentes à projeção dos sujeitos da Educação Básica, o que resta somente são os efeitos da transparência virtual que possui um paradoxo influenciando diretamente na vida desses sujeitos. A transparência possibilita muitas demandas da psique juvenil, tais como: interatividade (formação de grupos, conversas, uso de linguagens e gostos em comum), os desafios e competitividade por meio de games e *quizzes*, e possibilita também a sensação de realizar proezas sobre-humanas, sem o risco de perigo que abale o instinto de autopreservação. O lado nocivo da transparência que é sentido, mas não exercitado como reflexão filosófica, causa o isolamento, baixa autoestima, consumo de conteúdos inapropriados, que tem como consequência um cansaço que conduz a juventude a uma forma de autoflagelamento emocional.

Outro sintoma percebido frente ao paradoxo da transparência em realidade escolar diz respeito a “infinita liberdade de escolha, da multiplicidade de opções e da coerção de otimização” (HAN, 2017b, p. 6). Nesse cenário da infinita liberdade, que é difundida no âmbito da transparência virtual, o conceito de amor encontrar-se-á comprometido, até mesmo abalado, uma vez que as relações humanas e jogos de amor necessitam do que seja o misterioso, a sutileza de compreensão, mesmo que parcial da alteridade, e até certo grau o uso de máscaras que indiquem sensações e emoções. A massificação dos relacionamentos por meio do campo virtual conduziu ao que Han chamou de uma erosão do “Outro”. O narcisismo que se encontra preponderante sem conseguir suportar a assimetria e exterioridade da alteridade, assume vivências e manifestações espontâneas, excluindo por completo o conceito de *átopos*.

3.4.2 O uso de dispositivos móveis na instituição escolar

A sociedade da transparência pautada em relações virtuais e de hiperconsumo tende a eliminar a alteridade *atópica* em nome de um padrão que se faz presente criando uma realidade em que tudo e todos passam a ser comparados em um *mesmo*. Torna a condição de vida atual uma positividade constante, que não permite a negatividade, havendo a tendência de se nivelar tudo ao *igual*.

Diferenças consumíveis passam a ser uma referência para a humanidade transparente para se padronizar produtos, gostos, sentimentos, e tudo que diga respeito a manutenção da transparência virtual. A partir dessa manifestação, percebe-se formas de padronização que beiram a violência.

Há muitas dúvidas sobre o uso de tecnologias para o auxílio no processo educativo. Os estabelecimentos escolares enfrentam dilemas quanto ao uso específico do celular, pois salvo situações em que o docente expressa em seu plano de trabalho os momentos e os conteúdos que permitem o acesso a transparência, o ensino de filosofia, por meio da constatação do paradoxo também presente na instituição escolar, pode se aproveitar dessa situação para estimular reflexões sobre a própria utilização da tecnologia.

No interior de cada sala dos estabelecimentos de ensino, onde foram aplicados o presente projeto; há o número da lei que proíbe a utilização de celulares (Lei 16.567/2017). É preciso se destacar que se torna impossível para o docente fiscalizar todos os estudantes da classe para se comprovar se o que estão fazendo é o acompanhamento do conteúdo lecionado. Então a lei que proíbe o uso de dispositivos tecnológicos se faz um imperativo, durante o tempo em que estejam sendo ministradas aulas.

Apesar da lei acima citada nos estabelecimentos disciplinares, ocorre debates entre os docentes. Eles se encontram divididos entre a proibição e a utilização dos dispositivos móveis, como forma de incentivo para o aprendizado. O dilema consiste, então, em como se utilizar dos dispositivos móveis para se otimizar o processo de ensino-aprendizagem. E o debate continua: proibir ou estimular?

Existem momentos da rotina escolar em que disciplinar o foco e fortalecer a concentração é ação prioritária a se fazer, e nesse sentido vale a pena se desconectar do ambiente virtual para que se atinja o objetivo de desenvolvimento de habilidades, tais como a memorização, a audição e o exercício reflexivo para o desenvolvimento de exercícios ou avaliações.

O âmbito virtual da internet e redes sociais pode ser uma ferramenta genial, mas não se pode desconsiderar que os jovens estão a todo o momento realizando momentos criativos e de aprimoramento do intelecto. O que mais se percebe no comportamento é a associação do ambiente virtual com atividades relacionadas ao prazer e a atividades com valor secundário.

A internet tem de fazer parte do ambiente escolar, porém de forma crítica e reflexiva, para que se aprimore o conhecimento. Contudo não podem ser atividades sobre aquilo que os estudantes já conhecem ou sobre aquilo que já se encontra pronto, como jogos educativos ou pesquisas no Google.

3.4.3 O que os estudantes necessitam saber?

Necessitam refletir sobre alteridade, distinguir fontes seguras de informação, aprender a interpretar mensagens, textos e demais formas de linguagens que se manifestam no espaço virtual, ter noção de que tudo o que se faz na internet é registrado nos sistemas do *big data*. Também necessitam estar alertados sobre o fato de que estão sendo rastreados a cada clique do *mouse*, e que o mundo do trabalho (empresas e organizações) consultam essas informações e conhecem melhor os sujeitos, muito mais do que os seus melhores amigos.

Ainda precisam ser alertados sobre o fato de que o histórico de navegação condiciona as informações que são disponibilizadas de maneira automática, tanto em navegadores de busca quanto em redes sociais. E por último, os estudantes precisam aprender a se resguardar para não serem alvos de violência, como o *bullying* e ameaças de violência dirigida, assédio sexual, golpes no comércio virtual etc.

Todos os cuidados mencionados acima constituem elementos para serem trabalhados e desenvolvidos no ensino de Filosofia em seus conteúdos programáticos, podendo ser encaminhados dentro de diversos temas curriculares, tais como o aspecto mítico, a teoria do conhecimento, a ética, a política, a ciência e a estética.

Na instituição escolar existem alguns desafios para a produção de conhecimento e desenvolvimento da sensibilidade dos estudantes. Seriam necessários cursos de aprimoramento dos docentes para tornar os estudantes não apenas usuários de aplicativos já existentes, mas que possibilite a utilização consciente. O aprendizado dos códigos das linguagens de programação, rastreamento, antivírus pertencentes ao âmbito da internet faz-se imprescindível para o desenvolvimento de conhecimento das novas gerações. A juventude não pode ser refém de ações criminosas tecnológicas, enquanto está em formação e não possui noções mínimas que garantam a sua segurança e até mesmo a sua saúde mental.

Se não houver a problematização dos perigos da transparência, em âmbito escolar, sobre princípios básicos do uso de tecnologias, haverá a constatação da verdade mais dolorida para toda uma sociedade: de que o processo de educação falhou com sua finalidade.

3.4.4. Onde e como aplicar as tecnologias?

Para que o salto qualitativo ocorra, não é necessário tornar o ensino de Informática uma nova disciplina do currículo escolar ou fazer estudos de reforço escolar, para se obter maior domínio sobre a tecnologia. Basta apenas que o uso seguro da tecnologia se encontre presente no cotidiano das disciplinas que fazem parte da escola.

O que pode ser cogitado pelo docente é justamente o modo como vai ensinar a tecnologia, considerando que os estudantes conhecem muito mais do que ele. Para isso, é necessário ousar na mudança de postura no sentido de o professor não ser a centralidade do conhecimento, mas de compartilhar experiências com os estudantes, não no sentido de realizar uma *mimese* do que eles já fazem. Seria no sentido de juntos superarem a passividade de meros consumos e entretenimentos, buscando um novo patamar de como interferir de maneira criativa na produção de conhecimentos.

Desde que cada estudante inicia a vida escolar, ele é familiarizado com o alfabeto e com o sistema de numeração; esses primeiros conhecimentos servirão para se desenvolver novas formas de utilização na sucessão das aprendizagens, das mais diversas disciplinas que constituem o currículo escolar. Os saberes que se encontram praticados por meio do currículo escolar podem ser aprimorados por meio da transparência virtual.

3.4.5 Tempo e Transparência

Em nossa conjuntura impactada pela velocidade de dados que trafegam por fibra ótica, e na intensidade de pulsos e flashes de luz, há a necessidade de se refletir sobre o “tempo”, uma vez que se vive uma crise temporal, não no sentido de somente uma aceleração, mas, sim, de uma dispersão do psiquismo frente ao que é efêmero e se mostra em âmbito virtual conectado à internet. A condição da vida humana está pautada pela efemeridade, pelo fato da finitude que chega através da morte.

A dissincronia e atomização do tempo, de acordo com Han (2016), geram um caráter desordenador frenético da vida cotidiana. Houve a passagem de um formato de percepção linear de tempo, que se configura com espaços de duração, que podiam ser vislumbrados de forma

natural, como sendo algo distinto e bem definido. Já o tempo atomizado não traz em seu bojo os espaços de duração e se tornam pontos constantes que podem ser acessados e revisados constantemente. Com isso há a possibilidade de o tempo tornar-se meramente instantes em que marcas temporais perderem o sentido por falta de duração, pois nada se conclui no formato que indique um término.

A perda de sequência temporal e da percepção de início e fim perdem o sentido, uma vez que a ideia de teleologia não se encontra mais presente na realidade e nas ações. Isso impacta diretamente no conceito de transcendência. Sem *telos* e sem *theos*, os sujeitos ficam com uma percepção de tempo atomizada.

O fato da percepção da realidade carecer de uma finitude exige o conceito de transcendência que causa angústia. Se esse fato for somado à ideia de rendimento, haverá a geração de uma ausência de instantes de duração que sejam contemplativos. Em conformidade com essa constatação, o que restou para o humano frente a essa padronização foi a de que o único real continua sendo o conceito de *sujeito* e este percebido somente como *eu* e *meu* corpo, que é contrário à definição cartesiana. O resultado será um sujeito narcisista, carente, que necessita estar demonstrando em redes sociais seus instantes cotidianos, de forma frequente, beirando a exaustão.

Por conseguinte, o sujeito encerrado em seu próprio corpo pode ser o único sentido frente ao real. As consequências que advém dessa percepção refletem na obsessão de cuidados com a saúde e com o corpo, como se isso bastasse para um enfrentamento com a morte.

Pela ausência do conceito de transcendência em conformidade com a finitude humana, é possível concluir uma negação da morte. Pode-se envelhecer, mas com ausência de uma compreensão de maioridade, no sentido que se expressa por meio de ditado popular: “como envelhecer sem ser velho?” Para essa questão, é possível encontrar inúmeros sites e informações no ambiente da transparência da internet.

Han (2016), no ensaio *Aroma do Tempo*, ao refletir sobre a configuração e percepção do tempo, cita o conceito de Nietzsche do “*último homem*”, conceito que em nossos dias, manifesta-se como sendo individualista, conformista, medíocre e extremamente hedonista. Esse padrão de sujeito sendo trazido para a atualidade expressa uma vida “saudável entediante”, que leva os sujeitos a empreender muitos esforços para se driblar a velhice e a morte. Ao se perseguir essa meta como único objetivo de vida leva o sujeito ao esgotamento, em uma condição que se assemelha a algo patológico e que não raras vezes se compara com a extinção ou eliminação de impulsos de afirmação diante da vida. Portanto morre-se continuamente em um des-tempo.

A indagação realizada por Han (2016) sobre a comprovação realizada e descrita acima é a seguinte: como pode ser possível morrer em um tempo sem final e sem sentido? Pautando-se na afirmação em que a vida adquire sentido somente frente a finitude da morte, compreende-se que os sujeitos do mundo atual vagueiam sem rumo, que se carece de uma estrutura temporal que demonstre sentido; porém essa condição se manifesta como um desafio frente ao tempo em que existimos.

Quando era possível viver sob a condição de um tempo sequencial era mais nítida a percepção de se viver e se morrer em uma cronologia de um ontem, um hoje e um amanhã. Porém diante do tempo atomizado, todos os instantes de tempo são iguais, perdeu-se a distinção definida entre os espaços de tempo que se manifestam como um contínuo fluxo sem rumo e sem destino.

A aparição pontual de instantes presentes em diversas direções anula a expectativa entre o que já foi, o que está sendo e o que será revelada a ausência de uma tensão sobre o tempo existente. O conflito entre oposições não se encontra como um componente para questões que estejam relacionadas com o conhecimento, uma vez que o conhecimento depende de experiências com o passado e o que se vive, atualmente, é a era da informação por meio da transparência virtual, que se apresenta por uma continuidade infinita.

Han (2016) estabelece uma distinção essencial entre vivência e experiência. A experiência se aloja no passado, já a vivência tem como marca registrada a pontualidade e habita o instante. Frente à vivência, os sujeitos contemporâneos transformam suas existências em sucessão de instantes, em que não é possível atingir uma plenitude, devido às inconsistências de transformações curtas em uma sucessão infinita.

O conhecimento requer tempo acumulado para se fazer presente no intelecto de um sujeito qualquer, portanto é um atributo que se encontra fortemente vinculado na associação entre tempo de vida e experiências. Já a informação encontra-se vazia de temporalidade frente a sua instantaneidade, estando baseada em dados, enquanto que o conhecimento acumulado integra-se na memória.

O fato de ser predominante o modelo atual de comportamento pautado meramente em informações ocasiona vivências em um tempo vazio sem um *antes e um depois*, que carece de um final. Tal padronização torna-se desarticulada e possibilita a sensação de angústia entre o nada e o presente.

No presente modelo, com os vínculos entre os sujeitos sustentados pela efemeridade da transparência da realidade virtual, estão comprometidos valores como lealdade, compromisso

e promessa, que perdem sentido frente ao tempo, pois não há a distinção e reconhecimento de um passado, presente e futuro. Tudo acaba por tornar-se um imenso presente.

Pelo fato de ser preponderante o instante presente, os conceitos de memória e esperança também se veem comprometidos, pois simbolizam uma forma de morte em vida. São acontecimentos mortos que não possibilitam a vinda de esperança em um tempo futuro que esteja vinculado com uma ideia de transformações ou de progresso.

No período moderno, é possível perceber a forte ideia de progresso que está presente na tradição filosófica, na crença de que a razão solucionaria todos os problemas da humanidade. Porém tal constatação realizada pela tradição de pensamento moderna revelou-se como uma mitologia, pois não havia a constatação de um paradoxo existente na condição humana, em que para cada criação ou ação podia-se perceber, por meio da reflexão, que se encontra imbuído o bem e o mal ao mesmo tempo. Para tal análise, se requer leitura de mundo sob diferentes perspectivas para que tal constatação possa ser percebida, o ensino de Filosofia pode auxiliar.

No percurso de raciocínio de Han (2016) ao se refletir de maneira filosófica sobre o tempo se compreende que o período moderno e sua crença na ideia de progresso levou o ser humano a projetar-se rumo a um futuro sustentado por um tempo passado. Essa característica possibilitava um sentido histórico para os propósitos da vida humana. Nessa perspectiva, o tempo histórico possibilitava um sentido de ordenamento para os acontecimentos, esse tempo dotado de duração trazia sentido aos fatos, e Han (2016) explica que esse sentimento era de um tempo dotado de um *aroma*.

A ausência da perspectiva histórica compromete o significado de futuro e essa dissincronia ocasiona um simulacro histórico, pois o que impera é um enorme volume de meras informações, constituindo uma diferente temporalidade que pode ser classificada como pontos isolados que se traduzem em um grande vazio. Nessa condição, *o nada* se sucede em uma espiral que se torna a totalidade do mundo e da vida, que Han (2016) classifica como sendo um *tempo sem aroma*.

O tempo atual se configura por ser destituído de narrativas históricas e mitológicas e torna-se uma sucessão de fatos velozes que não permitem contemplação, pois se revelam apenas como informações e dados. Nesse cenário tudo se torna um “*grande igual*”, no qual as diferenças e peculiaridades não podem ser assimiladas, uma vez que a conjuntura da transparência não permite a possibilidade do múltiplo, do exótico e do inusitado. Tais manifestações podem até ser assimiladas pelo sistema, mas será apenas como uma forma de padronização tal como acontece com a moda consumível, em que se reflete sobre o real significado ou propósito de sua aparição em ambiente virtual de transparência.

Han (2016) estabelece relações com o pensamento de Zygmunt Bauman que fala sobre a “sociedade líquida”, na qual o tempo atomizado em fatos, dados e informações torna tudo o que é vivido em efêmero. Essa percepção de sensações inclui a nós próprios.

Lembrando o personagem de Mathieu Delarue descrito por Sartre na obra *A Idade da Razão*, que é um professor de filosofia que defende uma liberdade individual, irrestrita e sem qualquer forma de compromisso, podemos fazer uma comparação com o pensamento de Bauman, que descreve as relações líquidas e, também, fazer uma comparação com as ideias de Han, quando expressa que tudo se tornou transparente sem a necessidade de relações com a alteridade (face a face). Pode-se fazer uma reflexão sobre a etimologia do sobrenome do personagem “de la rue”, que expressa alguém que é produto das relações efêmeras que ocorrem no cotidiano de transeuntes que vagueiam pelas ruas.

Concomitantemente, ao se trazer a comparação entre Bauman (citado por Han, 2016), Han (2016) e o personagem Delarue, é possível estabelecer proximidade com o conceito de “*flaneur*” utilizado por Walter Benjamin (2017b). Embora haja enfoques de diferença conceituais entre esses autores, é preciso destacar que eles estão abordando a efemeridade de vivências na rua. Benjamin (citado por BOMENY; FREIRE-MEDEIROS, 2010, p. 112) explicita seu conceito de “*flaneur*” como sendo alguém que:

Experimenta as diferentes sensações que as ruas produzem sem se fixar em um lugar específico. É aquele que caminha como um andarilho urbano que participa da dinâmica da cidade ao mesmo tempo em que a observa. Dessa paixão decorre a *flânerie* como ato de apreensão e representação do panorama urbano. Interessado na cidade moderna, Benjamin encontrou no conceito de *flaneur* a melhor expressão de seus ritmos e estilos de vida à vontade no meio da multidão, decifrando sinais e imagens apesar da aparente distração do seu olhar. É nesse sentido que Benjamin afirma ser o *flaneur* um estudioso da alma humana, um botânico do asfalto, alguém que consegue, entre os muitos esbarrões que os transeuntes dão e recebem nas calçadas e galerias, captar e entender a cidade nos seus detalhes e na sua dinâmica.

Sobretudo pode-se estipular uma distinção do personagem Mathieu Delarue, e o *flaneur*, sobre as categorias de Han. Mathieu está em consonância com Han (2016). Já o *flaneur* apresenta traços de uma percepção estética de contemplação dos múltiplos olhares sobre a cidade.

A liberdade real consiste de vínculos e compromissos com aquilo que pode ser compartilhado entre sujeitos, sendo o contrário do caráter da ausência. No intervalo entre passado e futuro, ainda é possível descobrir sentido na vida. Mesmo existindo incertezas, pode-se perceber esperanças. Han (2016) recorre à metáfora do peregrino e do turista para demonstrar o aspecto de que o peregrino transita por uma rota com um destino determinado *de um aqui*

para um lá, enquanto que o turista apenas vagueia *de um aqui/agora para outro aqui/agora*. A metáfora utilizada por Han, especifica que o peregrino se encontra vinculado com a contemplação do trajeto, enquanto que o turista se preocupa apenas com os instantes de *selfies* e instantes corriqueiros para serem postados em redes sociais. Já para Benjamin, o *flâneur* se encontra em um mesmo lugar vivenciando atos do dia a dia, porém dotado de apreciação em múltiplas perspectivas do mesmo lugar onde se encontra. Portanto o *flâneur* é portador de sensibilidade estética referente a um mesmo lugar e vivencia um tempo com o que Han chama de *aroma*.

No tempo sem aroma, o transcorrer do percurso perde “fragrância e paladar”, mostra-se como empobrecido e algo meramente comum. Diante dessa constatação, o caráter da esperança se encontra aniquilado, pois os intervalos não se constituem como tempo demorado, como organizadores da vida e, portanto, tende a se considerar a esperança como um valor negativo que deve ser aniquilado. Os fatos transcorridos em ininterruptos fluxos sem intervalos de tempo tendem a se tornar acontecimentos com ausência de transição, sem princípio e sem final, o que se torna uma grande esquizofrenia.

Diante dessa situação, os sujeitos adquirem a postura de abandonar projetos, propósitos e ações sem a devida conclusão. Pois, tudo se encontra configurado em instantes de pausa/*pause* (presente em teclados e telas de dispositivos móveis) e que podem ser acessados (des-pausado) a qualquer momento no mero contínuo da enorme presentificação do tempo, pois o todo se torna visível a qualquer instante novamente e situa-se em *um aqui e agora* sem distância.

A presentificação do *tempo sem aroma* se constitui por um emaranhado de links que podem ser trocados, meramente abandonados ou que se pode retornar no instante em que desejar. No âmbito virtual, a postura do sujeito que se utiliza da tecnologia, compara-se com a prática esportiva do *surf*, pois o termo em inglês *wave* representa as ondas da interconexão possibilitadas pela internet no tempo sem aroma e atomizado.

Para se ocorrer um resgate de um aroma para o tempo, faz-se necessário um tempo de lentidão que sirva de elo com o passado e com as recordações, pois esses também são fatores de relação com a verdade.

Para ocorrer a contemplação da beleza, faz-se necessário que o tempo não seja meramente atomizado, mas que seja o tempo de lentidão porque na vivência de um tempo imediato não há momentos para a contemplação do belo.

Han (2016), no ensaio *O aroma do tempo*, descreve a necessidade de conciliar a *vita activa* e a *vita contemplativa*. O autor em questão serviu-se desses conceitos que se encontram em Hannah Arendt, porém dando-lhes novo significado, demonstrando que a ação sem

contemplação torna-se algo vazio, enquanto que a contemplação sem ação torna-se cegueira. Porém o conceito com maior risco de vulnerabilidade é o de contemplação, uma vez em que a própria ação se encontra concentrada no grande vórtice do fluxo de informações do ambiente da transparência virtual.

Frente a esse panorama, Han cita a filosofia tardia de Heidegger que “é guiada por um tom contemplativo. *‘Der Felweg’* (‘caminho do campo’) é, por sua vez, uma vida contemplativa. Não conduz a parte alguma, antes se demora na contemplação”. (HAN, 2016, p. 133).

A vida mais plena encontra-se situada em instantes de contemplação, por meio de duração de tempo, que diz respeito a uma vida contemplativa, pois desde a tradição grega, especificamente no pensamento de Aristóteles, que descrevia que o ócio apreendia o saber teórico, e por mais distante que estivesse desvinculado de uma ideia ou noção de trabalho no sentido atual, foi percebido como fator importante para a percepção do útil e do necessário.

O conceito de *ócio* aristotélico não pode ser considerado uma ação passiva; era caracterizado como contemplação da verdade, e aceito como modo de vida digno, concebido no contexto grego do período em que esse modelo era preeminente.

Para a tradição grega, contemplar a verdade significava amar a verdade. No percurso histórico, ao se chegar no início da modernidade com as revoltas protestantes de Lutero, houve a associação do conceito de trabalho (ação) com a ideia de salvação divina, valorizando a ação em detrimento do conceito de ócio. Essa compreensão impactou o modo de pensar, repercutindo em uma maior valorização do trabalho na forma pragmática sobre o ócio de uma vida contemplativa.

Com essa perspectiva, descanso e ócio foram encarados como modo de revigorar-se para o retorno ao trabalho. O trabalho é percebido como tempo de descanso frente a atividades laborais, que são desempenhadas pelos sujeitos. Com tal mudança paradigmática, não só o trabalho adquire um novo enfoque, mas também o impacto se faz sofrer sobre a ideia de consumo, de consumir e trabalhar em um ritmo compassado por meio do tempo. Expulsando qualquer elemento da vida possível que se constitua como uma hiperatividade do esforço humano.

Frente a isso, Han (2016) propõe uma recuperação de um *demorar-se em instantes* que sejam pautados pelo resgate de uma vida contemplativa. Essa forma de entendimento de produção de trabalho no tempo traz a noção de início e fim, ampliando espaços no intuito de recuperar *tempos com aroma*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer da história a humanidade, há diversas fases e transformações em todos os campos do conhecimento e da técnica. O pensamento filosófico surgiu na Grécia antiga e se constituiu como base para o pensamento ocidental. Com o primórdio da Filosofia, os humanos admitiram a existência de essências que possibilitavam sentido para o campo epistemológico e o campo da ação, portanto o ser humano se encontrava sujeitado às coisas.

A partir da modernidade, especificamente com a filosofia de Descartes, dá-se início a uma fundamentação do conhecimento no conceito de “sujeito” e a partir de então o sujeito pensante passa a dar sentido e significado nas relações com o mundo.

Na continuidade do transcorrer do tempo, a tradição filosófica de pensamento adota como parâmetro de conhecimento as relações do sujeito com a linguagem (entenda-se aqui todas as linguagens conhecidas e utilizadas, como as simbólicas, artísticas, científicas), em que os significantes e significados encontram expressão na forma como são percebidos e compartilhados por grupos humanos.

As linguagens serão as novas condições de possibilidades que garantem e estruturam o que se chama de conhecimento, pois se torna instrumento de partilha de vivências e dados que possibilitaram a comunicação e a formação da cultura. As linguagens são realmente ferramentas de trato com o mundo.

As formas de viver no período contemporâneo, considerando-se a configuração de pensamento atual, não permitem com que o sujeito possa dizer e explicar o mundo apenas a partir de si mesmo. Nem mesmo possibilitam que um único sujeito, possa vir a impor seu modo de perceber e viver a vida e, desse modo, tornar as demais subjetividades submissas a sua vontade própria de cunho meramente individual.

Nesse contexto cabe-se perguntar: - É possível que uma consciência única e exclusiva possa ser superior a um conjunto de outras consciências?

Diante do paradigma atual da interconexão por meio da transparência virtual, essa ação quase beirou a extinção, porém a comunicação em massa apresentou a existência de paradoxos, nos quais os sujeitos contemporâneos introjetaram o sistema na forma de uma psicopolítica em níveis neuronais e passam a ser dirigidos por algoritmos binários, que podem influenciar no comportamento e tomadas de decisões de sujeitos que se encontram conectados à internet.

A hipercomunicação virtual representa uma nova forma de organização epistemológica, pois passa a “dar as cartas” nas formas de organização social de forma diferenciada do modelo disciplinar constatado e expresso por Foucault.

Considerando que a escola que se mantém presa a um modelo disciplinar não se torna agradável para os estudantes e exige verdadeiros malabarismos por parte dos docentes para atrair a atenção sobre os conteúdos que estão sendo trabalhados, e ainda considerando que as tecnologias digitais envolvem os jovens com poder encantatório, o ensino de Filosofia pode auxiliar os estudantes, fazendo-os utilizarem de recursos digitais que provocam prazer unindo com a reflexão sobre conceitos filosóficos. Por esse motivo, este trabalho propôs um caminho para combater a violência de uma *Sociedade do Cansaço*, por meio do olhar contemplativo.

Diante do cenário apocalíptico da escola, é necessário usar metodologias que venham ao encontro do interesse e das necessidades dos estudantes para que eles consigam compreender a sociedade atual de forma mais abrangente, e entender a importância de viver e não apenas sobreviver, sentir a beleza das coisas e compreender a necessidade de busca de significado para suas atitudes e experiências. Reconhecendo que os estudantes se encontram sob a condição de vítimas da transparência e seus efeitos, reconhece-se também, que atos volitivos subjetivos dos estudantes se encontram comprometidos e divididos entre um princípio de prazer encontrado na transparência virtual e de deveres suscitados no convívio real no interior da família, da escola e até mesmo da comunidade. Sabe-se que essas instâncias provocam uma ideia de controle e direcionamento de sujeitos, especificamente que se encontram em etapa de formação. A etapa de formação dos sujeitos da Educação Básica requer vivências que sejam instantes não meramente de dever, mas também requer momentos de fruição e contemplação da realidade, como meio de se efetivar uma experiência com o conhecimento.

Byung-Chul Han apresenta uma nova compreensão sobre o conceito de tempo, expressando que o tempo da hiperconectividade não é dotado de *aroma*, no sentido de se vivenciar experiências com o mundo. E ainda afirma que, hoje, não existem vivências com fruição para a contemplação da realidade, que passa a ser expressa apenas como interação por meio do campo virtual. O “grande vilão” do tempo contemplativo (que é o tempo de não conectividade) e do tempo de dever (tempo com os compromissos individuais e coletivos) ocorre pelo narcisismo exacerbado da subjetividade em querer demonstrar fatos corriqueiros da existência no âmbito da transparência virtual via redes sociais. O ensino de Filosofia na instituição escolar pode auxiliar os jovens na reflexão para se estabelecer um freio narcísico ante a necessidade de autodemonsração frente às redes sociais.

A atual conjuntura da transparência virtual invisibiliza a reflexão para a tomada de decisões e ações em consonância com a coletividade, pois o que se constata é uma “polifonia”, em que todos falam simultaneamente expressando opiniões sobre os mais variados assuntos, o que Han caracterizou como o zumbido de em enxame de insetos.

Embora o contexto filosófico atual seja caracterizado por uma reflexão pós-moderna e pós-sujeito, o conceito de *sujeito* faz-se de grande valia para a formação escolar. Freud demonstrou que a instância consciente não é soberana para a deliberação completa da vida, e assim se torna de grande importância o fato de exercitar com os estudantes do Ensino Médio os conflitos entre desejos inconscientes e normas advindas do convívio coletivo e que ainda permanecem para a manutenção de estruturas disciplinares.

Ao se constatar os efeitos negativos da transparência virtual sobre a vida dos estudantes do Ensino Médio, o ensino de Filosofia pode proporcionar aos jovens condições de reflexão que se caracterizam por um filosofar e talvez a possibilidade de eles criarem conceitos que digam respeito aos problemas inicialmente constatados.

A metodologia escolhida, partiu da ideia positiva proposta por Walter Benjamin no ensaio “*Pequena História da Fotografia*” (2017a), de ver na reprodução técnica, por meio da fotografia, uma possibilidade de utilização dos aparelhos celulares para captar pela sensibilidade os conceitos sugeridos como temas para serem registrados e transcritos sob a forma de legenda.

Foi constatado que essa inversão da postura docente de se ensinar Filosofia, tornando o estudante protagonista de sua própria vivência, compreende-se também como uma mudança na ideia pautada na figura do professor como detentor único do saber.

No percurso da presente dissertação, foram mencionados aspectos negativos da hiperconectividade frente à transparência virtual. Houve a inter-relação entre os conceitos de subjetividade, para se compreender como esse conceito se estruturou em um percurso do pensamento filosófico e para se comparar com o atual indivíduo, que se encontra presente na sala de aula em processo de formação.

O conceito de *transparência* foi norteador do trabalho, uma vez que se constata a tendência atual de um mundo cada vez mais conectado por tecnologias de comunicação possibilitado pela utilização da internet. Porém a tendência de aspectos negativos dos excessos da hiperconectividade exercida pelos sujeitos da Educação Básica demonstrou que o excesso de informação inútil predomina e prejudica o processo educacional das formas de conhecimento que são embasadoras de conhecimento teórico e os estudantes apresentam essa característica em resultados que são debatidos entre professores em conselhos de classe ao término de bimestre.

No contexto cotidiano e principalmente no âmbito da transparência virtual, constata-se uma banalização da violência que pode traduzir-se, como afirma Byung-Chul Han, de um

sujeito que violenta a si próprio no caráter psíquico para a busca de *performance* e rendimento, quanto pela quantia de tempo despendida na interação com o virtual.

Os atos de violência no transcorrer da história sempre se configuraram como sendo o uso da força e do derramamento de sangue, sendo de um indivíduo contra o outro ou disputas entre grupos humanos. A violência que ocorre no interior da instituição disciplinar da escola passa pela incompreensão do estudante frente a realidade instituída sob o modelo que se vive até hoje.

Quando foi proposta a atividade para o desenvolvimento do presente trabalho foram surpreendentes os registros fotográficos realizados, pois não foi apresentado nenhum registro dos conceitos solicitados na forma de violência gratuita e banal. O que foi de se admirar foi que os estudantes apresentaram percepções estéticas que flertaram de forma muito peculiar com a contemplação da realidade concreta. Na tentativa de uma interposição do olhar que os estudantes conseguiram captar.

Pode-se dizer que a intenção ao defender a presente metodologia para o ensino de Filosofia para os estudantes do Ensino Médio foi de que, mesmo assim, pode-se utilizar a transparência para reflexão filosófica. Os estudantes responderam as solicitações da participação na pesquisa de modo satisfatório, tanto no quesito da aplicação de questionário bem como para a realização dos registros fotográficos, demonstrando interesse e motivação.

O questionário foi composto de dez questões sobre o uso de tecnologias apenas nas duas turmas de primeira série do Colégio Astolpho Macedo Souza. A referida pesquisa foi digitalizada no *Google Docs*. Com a realização da atividade proposta, foi possível captar, por meio das respostas dos questionários, o seguinte:

- A idade dos estudantes é de quinze e dezesseis anos;
- Os estudantes acessam à internet com maior frequência em suas casas;
- Praticamente noventa por cento deles acessa à internet por meio de celulares;
- Quase chega a cinquenta por cento o acesso à internet várias vezes ao dia;
- Confirmou-se a existência do hábito de jogos digitais online, sendo que apenas dezanove por cento dos estudantes nunca joga;
- A totalidade dos entrevistados participa das redes sociais, sendo que a mais utilizada é o *Facebook*, seguida de *WhatsApp*, e em terceiro lugar o *Instagram*;
- A metade dos entrevistados fica mais de cinquenta por cento do tempo utilizando as redes sociais;
- A maioria reconhece que existem perigos na utilização da internet;

- Noventa e cinco por cento dos entrevistados reconhece que o uso da tecnologia e internet é benéfico e motivador para a disciplina de Filosofia.

Ao ser proposta a atividade com fotografias, houve envolvimento imediato e, pelos reflexos sentidos, pode-se constatar que o uso de dispositivos móveis, que está associado ao prazer, tornou as aulas mais dinâmicas, com o aumento da empatia nas relações entre os alunos entre si e alunos e professor. Com a hipótese de que há um paradoxo no ambiente da transparência, houve a constatação nas postagens dos estudantes de que realmente se manifesta o trivial e o comum nas postagens dos registros fotográficos e igualmente se constatou que existe grande dificuldade na produção das legendas.

A aplicação da pesquisa restringiu-se aos *likes* e *dislikes* de ambas as redes sociais solicitadas. Houve pouca reação da comunidade *do exame* virtual, derrubando a ideia dos estudantes de que tinham centenas de amigos virtuais. O número de contatos virtuais das redes sociais apresenta assimetria com a relação de amizade pautada na presença física, pois requer vinculação com um caráter narrativo com uma alteridade distinta.

Houve frustrações e desafios enfrentados na realização do presente trabalho. Esperou-se que os estudantes aprimorassem cuidados ao utilizar o ambiente da transparência virtual; esperou-se que compreendessem a distinção entre amizade real/física e seguidor virtual; que compreendessem que é necessário fazer instantes de pausa frente à transparência para momentos de contemplação, interpondo o olho físico em relações com o mundo concreto; esperou-se diagnosticar até que ponto os estudantes foram autênticos com uma consciência estética para elaboração dos registros fotográficos ou estavam meramente cumprindo a tarefa por se encontrarem na situação de estudantes que necessitam realizar tarefas para serem avaliados. A frustração foi de que não se pode constatar plenamente os anseios citados acima.

Diante do crescente uso das tecnologias de comunicação por meio da transparência virtual, pode-se perguntar: - Será que todas as relações humanas e relações com o real podem ser resumidas à tecnologia virtual?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Indústria Gráfica Saraiva S.A, Editora Mestre Jou, 1960.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à Filosofia**. 4.ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.

_____. **Rua de mão única: infância berlinense**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades/Ed.34, 2002.

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS Bianca. **Tempos Modernos, tempos de sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política Vol. 2**. 13.ed. Brasília: Editora UNB, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia: ensino médio**. Volume único. São Paulo: Ática, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle. Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226. Disponível em: <<http://www.somaterapia.com.br/wp/wp-content/uploads/2013/05/Deleuze-Post-scriptum-sobre-sociedades-de-controle.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise: contribuições à psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. **O mal estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

_____. **Sociedade da Transparência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

_____. **Topologia da Violência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017c.

_____. **Aroma do tempo:** um ensaio filosófico sobre a arte da demora. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2016.

_____. **Psicopolítica:** neoliberalismo e novas técnicas de poder. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2015.

_____. **No Enxame:** reflexões sobre o Digital. Relógio d'Água Editores, 2013

HEIDEGGER, Martin. **Parmênides.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

SARTRE, Jean-Paul. **A Idade da Razão.** Editora Nova Cultural, SP, 1991

THOUARD, Denis. **Kant.** São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO NO GOOGLE DOCS E RESULTADOS NA FORMA DE GRÁFICO

The screenshot shows a Google Forms interface for a survey titled "PESQUISA COM OS ALUNOS". The survey has 47 questions and 47 responses. The current question is "1) qual a sua idade?". The options are radio buttons for ages 13, 14, 15, 16, 17, and 18. The interface includes a navigation bar with "PESQUISA COM OS ALUNOS", "PERGUNTAS", "RESPOSTAS 47", and an "ENVIAR" button. The browser address bar shows the URL: https://docs.google.com/forms/d/11TaMc5qeIsdm93Hx1djAKAqI-y9VvKAf0XRvEejc-Q/edit. The system tray at the bottom shows the date and time as 17:53 on 17/07/2019.

← PESQUISA COM OS ALUNOS

PERGUNTAS RESPOSTAS 47

PESQUISA COM OS ALUNOS

Questionário sobre o uso de tecnologias para os estudantes do 1º ano do ensino médio do colégio Astolpho Macedo Souza

1) qual a sua idade?

- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

17:53 17/07/2019

The screenshot shows the same Google Forms interface, now displaying questions 2 and 3. Question 2 is "2) Onde acessa a internet com mais frequência?" with options: Escola, Casa, Casa de familiares/amigos, Lan house, Não tenho acesso a internet, and outros. Question 3 is "3) Qual recurso tecnológico você utiliza para acessar internet com mais frequência?" with the option: Computador. The interface and browser information are consistent with the previous screenshot.

← PESQUISA COM OS ALUNOS

PERGUNTAS RESPOSTAS 47

2) Onde acessa a internet com mais frequência?

- Escola
- Casa
- Casa de familiares/amigos
- Lan house
- Não tenho acesso a internet
- outros

3) Qual recurso tecnológico você utiliza para acessar internet com mais frequência?

- Computador

17:57 17/07/2019

47 não lido

PESQUISA C x PESQUISA C x Meu Drive - x Álbum de f - x Nossos pro - x como copia - x Saiba como - x Como extra - x

← → ↻ https://docs.google.com/forms/d/11TaMc5qeIsdm93Hx1dJAKAqI-y9VvKAf0XRvEejc-Q/edit

← PESQUISA COM OS ALUNOS ☆

PERGUNTAS RESPOSTAS 47

Celular

Tablet

Video game

Outros...

⋮

4) Com que frequência se conecta a internet?

O tempo todo

Varias vezes ao dia

Uma vez ao dia

Todos os dias da semana

Alguns dias na semana

ENVIAR

17:59 17/07/2019

47 não lido

PESQUISA C x PESQUISA C x Meu Drive - x Álbum de f - x Nossos pro - x como copia - x Saiba como - x Como extra - x

← → ↻ https://docs.google.com/forms/d/11TaMc5qeIsdm93Hx1dJAKAqI-y9VvKAf0XRvEejc-Q/edit

← PESQUISA COM OS ALUNOS ☆

PERGUNTAS RESPOSTAS 47

Quase nunca me conecto com a internet

5) Tem o hábito de entretenimento em jogos digitais online?

Jogo o tempo todo

As vezes

Raramente

nunca

6) Participa de redes sociais?

Sim

Não

ENVIAR

17:59 17/07/2019

The screenshot shows a Google Forms interface for a survey titled "PESQUISA COM OS ALUNOS". The form is currently on the "PERGUNTAS" (Questions) tab, and it indicates that 47 responses have been received. The visible questions are:

7) De quais?

- Facebook
- Twiter
- Skype
- Instagram
- Watsapp

8) Com que frequência?

- O tempo todo
- Frequentemente
- As vezes
- Raramente

The interface includes a top navigation bar with a back arrow, the survey title, and an "ENVIAR" (Send) button. A right-hand sidebar contains icons for adding elements, sharing, and other form controls. The bottom of the screen shows a Windows taskbar with various application icons and a system tray displaying the time as 18:00 on 17/07/2019.

The screenshot shows the same Google Forms interface, now displaying questions 9 and 10. The "PERGUNTAS" tab is still active, and the response count remains at 47. The visible questions are:

9) Considera que a utilização da internet pode ser perigosa?

- Nunca
- Sim
- Não

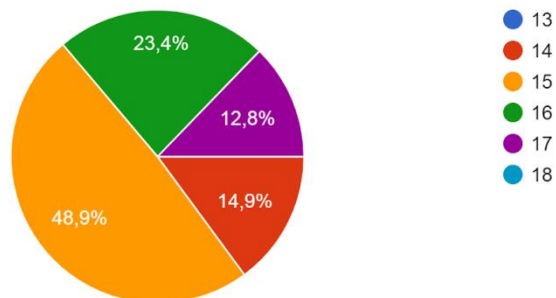
10) O uso da tecnologia (Internet) é benéfico para a motivação e o conhecimento na disciplina de filosofia?

- sim
- Não

The interface elements, including the top navigation bar, right-hand sidebar, and Windows taskbar, are consistent with the previous screenshot, showing the time as 18:00 on 17/07/2019.

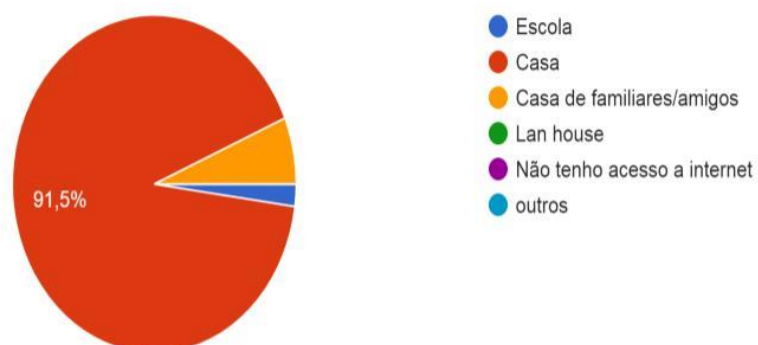
1) qual a sua idade?

47 respostas



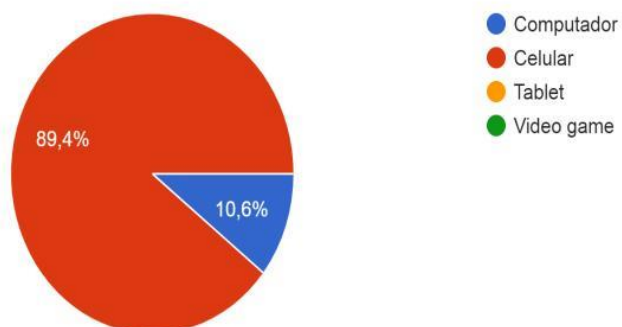
2) Onde acessa a internet com mais frequência?

47 respostas



3) Qual recurso tecnológico você utiliza para acessar internet com mais frequência?

47 respostas



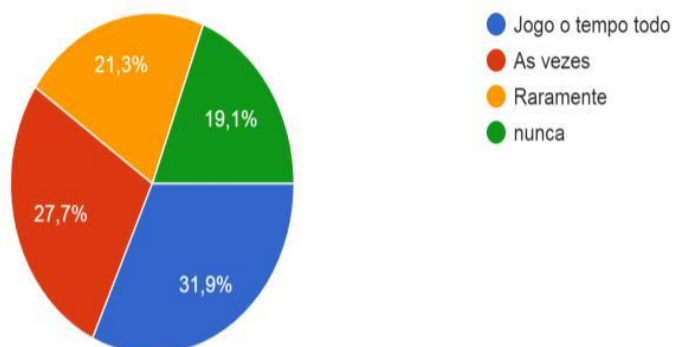
4) Com que frequência se conecta a internet?

47 respostas



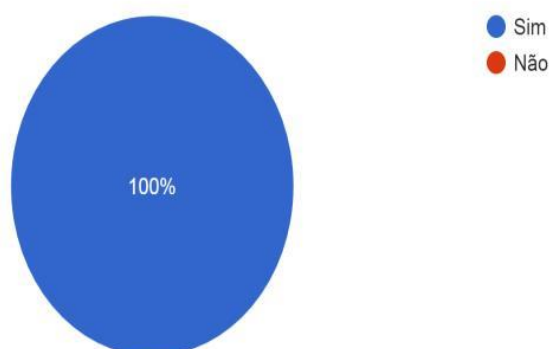
5) Tem o habito de entretenimento em jogos digitais online?

47 respostas



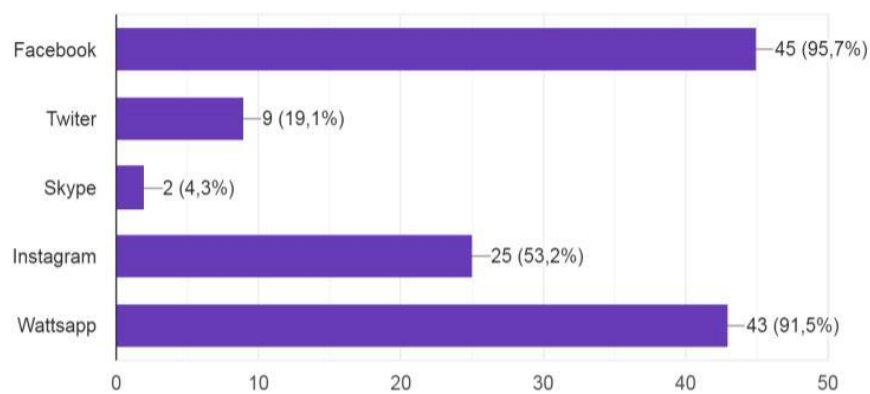
6) Participa de redes sociais?

47 respostas



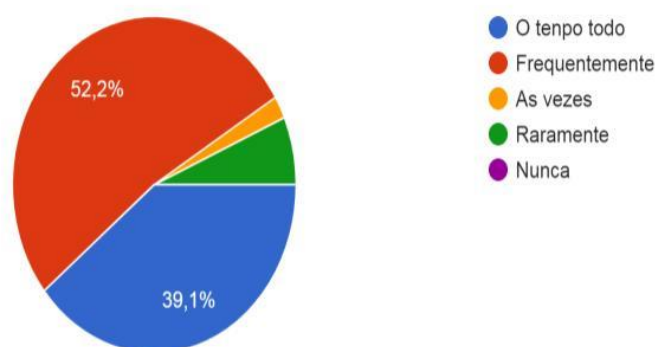
7) De quais?

47 respostas



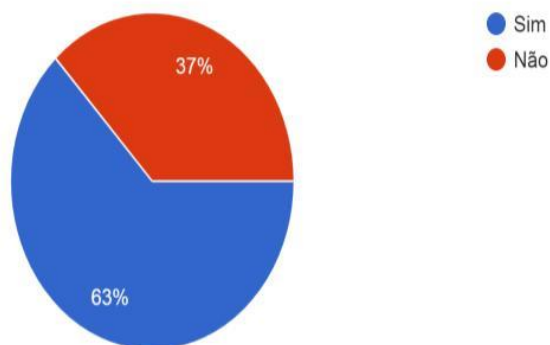
8) Com que frequência?

46 respostas



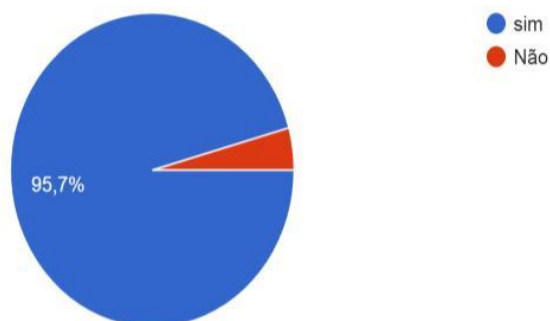
9) Considera que a utilização da internet pode ser perigosa?

46 respostas



10) O uso da tecnologia (Internet) é benéfico para a motivação e o conhecimento na disciplina de filosofia?

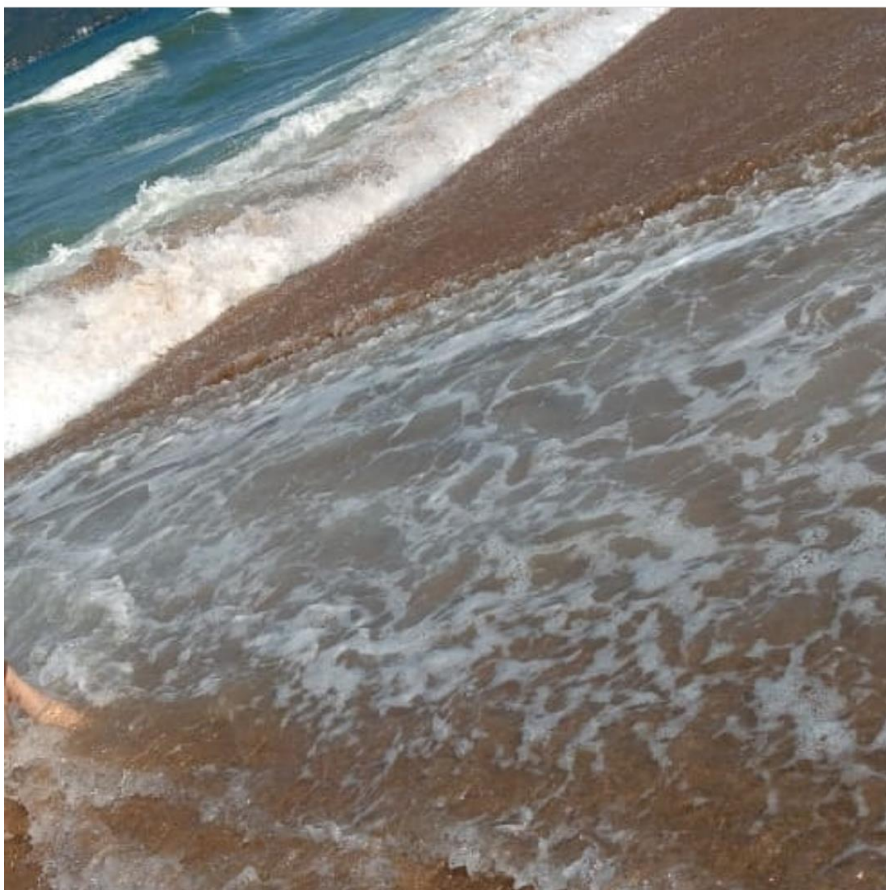
46 respostas



Anexo B Imagens Fotográficas dos alunos das Primeiras séries do colégio Estadual Astolpho Macedo Souza. (Utilização da Rede Social Instagram)



1b_ams.filosofia.fotos • Seguindo



Curtido por **marcelflenik** e outras pessoas

1b_ams.filosofia.fotos O mar uma das maiores belezas do nosso Brasil, a água salgada o barulho das ondas, a areia da praia, nos deixa um belo lugar pra descansar e aproveitar. - Gabriel Wagner

10 de dezembro de 2018 • Ver tradução



1aastolpho •



 Curtido por **marcelflenik**

1aastolpho Conhecimento

O conhecimento não é em si algo, mas é o ato de aprender algo, e nesta foto vemos isto, o ato de estar aprendendo e desenvolvendo seu conhecimento em geral.

Isaac

13 de dezembro de 2018 • Ver tradução

21:07



13 de dezembro de 2018 • Ver tradução



1aastolpho •

Curtido por **marcelflenik****1aastolpho** Conhecimento:

Essa imagem demonstra que o conhecimento não é algo que precisa apenas tê-lo, mas também utiliza-lo, o individuo tinha conhecimento sobre o local certa do objeto, mas não utilizou de seu conhecimento.

Isaac



21:41

← 1° B Cend 🔍 ⋮

 **Wendy Gruber** ⋮
Membro fundador • 12 de dez de 2018

Wendy gruber numero 34
Tema : beleza


Não ame pela beleza ,pois um dia ela acaba .não ame por admiração ,pois um dia você se decepciona .ame apenas pois o tempo nunca pode acabar com um amor sem explicação ❤️




👍 6 Visualizado por  +10


21:42

← 1° B Cend 🔍 ⋮

 **Wendy Gruber** ⋮
🌿 Membro fundador • 12 de dez de 2018
🌐

Wendy gruber numero 34..... Uma escola onde os alunos mandassem seria uma escola triste .a luz ,a moralidade e a arte serão sempre representadas na humanidade por um conjunto de mestres, uma memoria que guarda a tradição do verdadeiro ,do bem e do belo ❤️

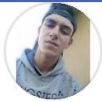


👍 7 Visualizado por  +10

⏪ ⏹ ⏭


21:43



← 1° B Cend 🔍 ⋮


 **Eduardo Boim** ⋮

🌿 Membro fundador • 11 de dez de 2018

Amor: amor para mim é quando vc faz algo sem esperar algo em troca pelo simples fato de amar fazer aquilo, amor é quando vc tem o sentimento de aquilo que vc está fazendo é a melhor coisa do mundo, eu vejo o amor naquilo que é feito com prazer, sem preguiça pois quando vc ama algo ou alguém vc faz as coisas por puro prazer




👍 8 Visualizado por  +11


21:44

← 1° B Cend 🔍 ⋮

 **Eduardo Boim** ⋮
🌿 Membro fundador • 11 de dez de 2018
🌐

Escola: a escola é o lugar que vai nos dar uma pequena porcentagem da noção de como é a vida fora de seus muros, a escola é o local onde passamos grande parte de nossa vida e o que nos fazemos ou deixamos de fazer na escola pode definir todo o nosso futuro



👍 6 Visualizado por  +11

⏪ ⏹ ⏭